

REVISTA DA SEMANA



N.º 18

1-5-48

CRS 3,00 EM TODO O BRASIL





MIL ASSUNTOS



Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, para 1948, que está à venda em todo o Brasil.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.

★
ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL
SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**
Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro



ALMANAQUE EU SEI TUDO

a Semana em Revista

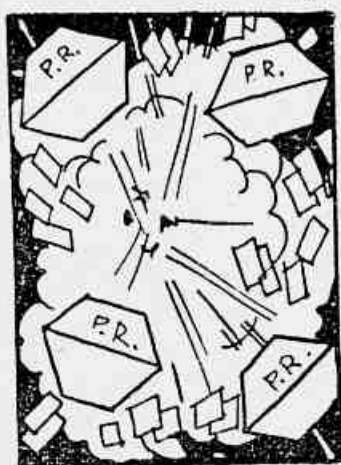
ATENTADO INCONCEBIVEL A UM JORNALISTA



Provocou a mais veemente repulsa em todos os círculos sociais e políticos do país a covarde e brutal agressão sofrida, há dias, à porta da Rádio Mayrink Veiga, em pleno coração da cidade, pelo popular jornalista Carlos Lacerda, colaborador do "Correio da Manhã" e comentarista daquela emissora carioca. As condições em que esse atentado se desenrolou são bem conhecidas. Ia o comentarista e ex-vereador carioca chegando à Rádio Mayrink Veiga, quando foi atacado por um grupo de indivíduos, um dos quais armado de revólver. Carlos Lacerda recebeu socos e coronhadas, tendo um dos atacantes chegado mesmo a disparar um tiro contra os que tentaram intervir e mantido os demais à distância. Tudo isso se passou num local movimentado, a qualquer hora do dia ou da noite, pois que ali existe um dos pontos terminais de ônibus, com uma fila constante. A Rádio Patrulha, tão célere em atender aos chamados de socorro, dessa vez falhou lamentavelmente. Verberado o atentado, na Câmara dos Deputados, por várias figuras de grande autoridade moral e política, entre as quais o líder udenista, sr. Prado Kelly, o líder do governo, deputado Acúrcio Torres, declarou que o presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra,

estava indignado com o atentado e fazia questão de que fossem punidos os seus autores. Essa declaração foi recebida com satisfação, especialmente porque o chefe do governo vinha mostrar, através dela, que não aprova os métodos da truculência e da brutalidade, destinados a sufocar a opinião de um jornalista livre. Esse jornalista tem muitas vezes atacado com energia o presidente da República, sem ter sido, de modo algum, cerceado em sua missão, nem aplaúdiu o general Eurico Gaspar Dutra o ato dos que tentaram silenciá-lo pela intimidação e pela força. Fez bem, mandando que seu líder fizesse aquela declaração, pois que tais processos não são compatíveis com o grau de civilização a que atingimos. Nem sempre estamos de acordo com as opiniões que, sobre pessoas e acontecimentos, tem expendido o ardoroso jornalista do "Correio da Manhã", mas não se lhe pode negar espírito público, pugnacidade, desassombro, vontade de esclarecer, pelo debate, as grandes questões nacionais. Os excessos que por ventura tenha cometido ou cometa, podem ser corrigidos pela pena dos seus opositores ou pelo pronunciamento da justiça, — nunca pela pistola ou pelo ro-papo. Esses processos são indignos e torpes, denunciando apenas covardia e ausência de argumentos valiosos. Por isso mesmo, não podemos deixar de juntar nossa voz aos que veementemente protestam contra esse atentado vil, que não fere apenas a pessoa de um jornalista, mas a dignidade e a segurança de toda a nossa imprensa.

PARTIDOS EM LIQUIDAÇÃO

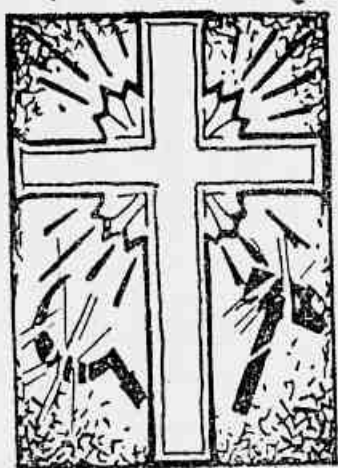


constituídos em torno de pessoas, mais do que de idéias, — e de pessoas com grandes ilusões de prestígio, que a prática eleitoral veio matando. Houve, alguns desses partidos que não se distinguiam, em coisa alguma, de outros já exis-

Uma das consequências fatais de um longo período de ditadura, como o que atravessamos de 1937 a 1945, é a fragmentação da opinião pública, pela falta de contactos entre os elementos mais credenciados ao exercício de atividades políticas. Cessando as irrequietas constitucionais, desaparecendo os comícios, não havendo direito de reunião nem liberdade de associação, vivendo os sindicatos sob o regime de intervenção e da espionagem, — que é que pode suceder, não a pasmação, a calma póbre, a ausência de uma estrutura partidária ou um movimento ideológico capaz de reunir novas adesões? Por tudo isso, quando saímos desse período, o que verificamos foi o seguinte: a formação de um sem número de partidos, sem base própria, sem capacidade de consolidação,

tentes, a não ser pelo desejo de impôr candidatos diferentes. Não elegeram ninguém, ficaram tendo uma vida semi-clandestina, sem nenhuma repercussão real na vida pública do país. Trata-se, agora, de eliminar esses falsos partidos, — os que, tendo sido registrados provisoriamente, por simples magnanimidade da Justiça Eleitoral, até agora não preencheram as exigências indispensáveis à sua legalização definitiva. O procurador geral da República, sr. Luis Galotti, acaba de pedir o cancelamento de tais registros provisórios à Justiça Eleitoral. Os partidos atingidos por esse pedido são, entre outros, os seguintes: Partido Democrático Progressista, Partido Nacional Popular Democrático, Partido da Lavoura, Indústria e Comércio, Partido Socialista Cristão, Partido Renovador, Partido Industrial Agrícola Democrático, Aliança Social Democrata, União Nacional do Trabalhador, União Social pelos Direitos do Homem, Partido Nacional Evolucionista e Partido Nacional Classista. Não há nada a lamentar, no desaparecimento de tais partidos. São eles quantidades negativas na vida política nacional, provocando apenas inúteis dispersões de votos. Muitos não nasceram aliás, de outros propósitos que não fossem os de favorecer a expansão do "ego" dos elementos que, mais ou menos cabotinescamente, se lembraram de fundá-los sem primeiro alicultar a massa eleitoral...

AS ELEIÇÕES ITALIANAS E SUA SIGNIFICAÇÃO



A significação das recentes eleições italianas não foi apenas local. Foi, na verdade, universal, pois aí teve o mundo um "test" decisivo, uma experiência de suprema importância, na luta que atualmente vem sendo travada entre o mundo eslavo e o mundo ocidental, entre o regime do partido único da Rússia e as nações que pautam sua vida pelo sistema democrático. A vitória, nas eleições italianas, foi destas. Felizmente, porque, em caso contrário, o avanço russo continuaria através da Europa por meio de hábeis golpes políticos, — e o mundo não tardaria a testemunhar uma nova guerra. Para essa vitória da opinião democrática muito contribuíram várias forças anti-comunistas, entre as quais a influência norte-americana, expressa através do plano Marshall, e a palavra de Sua Santidade, o Papa Pio XII, em continuados e calorosos apelos ao povo e aos católicos italianos. Dir-se-á que houve, portanto, influência direta de duas potências estrangeiras (o papa é o chefe temporal de uma nação dentro de outra nação), e que assim é mais explicável a derrota que os comunistas sofre-

ram nessas eleições. É verdade, mas é necessário que ninguém se esqueça de que, do mesmo modo, com igual empenho, o Kremlin procurou pesar na balança, empenhando-se num jogo diplomático bastante arguto, mas que não bastou para impressionar a opinião italiana. O que havia, ali, não era propriamente uma nação escolhendo os seus novos deputados, — mas dois campos representativos da atual divisão política do mundo, medindo suas forças, empunhando todos os seus recursos, toda a sua dialética, todas as suas razões, a fim de procurar predominar sobre o outro. O resultado dessas eleições deve ter sido um rude golpe no prestígio de que os dirigentes comunistas italianos gozavam no Kremlin, pois a derrota, embora tida como provável, foi positivamente desconcertante, tal a diferença verificada entre os democratas-cristãos e os comunistas. A Itália escolheu o seu caminho, inclinando-se para os Estados Unidos, filiando-se ao mundo ocidental, mostrando o seu empenho em não cair sob a zona de influência do colosso eslavo. E essa decisão, se não afasta de todo a idéia da guerra, pelo menos vem tornar a nova catástrofe bastante mais remota. É isso o que significam, para o mundo, as eleições italianas. Para os comunistas, em particular, essas eleições significam que há, na Itália, muitos milhões de cidadãos conscientes, que não desejam se submeter ao Kremlin.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: E. VAGALINHA JUNIOR

ANO XLVII — N.º 18 — 1-5-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples, Um ano — Cr\$ 140.00; Seis meses Cr\$ 70.00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170.00; Seis meses — Cr\$ 85.00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270.00; Seis meses — Cr\$ 140.00

O número avulso custa 3.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3.50

Visconde de Maranguapé, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telex: — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802

Cortes na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", 4, rua Cap.

Salomão, 67 — Tel. 4-1509 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, 4, rua Brigadeiro

Tobias, 615 — 2.º andar, sala 217 — Telefone 4-6712

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299, Tel. 32, Avenida 9109, Buenos Aires

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



O resultado das eleições na Itália foi decepcionante para os comunistas. Unindo-se em torno de De Gasperi, o povo deu ao Partido Democrata Cristão 53% das cadeiras da Câmara dos Deputados e 55% das do Senado. Pela primeira vez na história política do país, um só partido recebeu votação tão cerrada. A Itália soube resolver democraticamente a sua forma de governo, apesar das reclamações posteriores do "leader" vermelho Palmiro Togliatti... A Cruz Vermelha Americana divulgou que na recente revolução de Bogotá morreram mil e quinhentas pessoas e ficaram feridas três mil... Na principal artéria de Niterói, avenida Amaral Peixoto, foi encontrada uma jararacuçú passeando calmamente, junto à sede da Prefeitura. E' a oitava cobra encontrada naquela avenida... Um caso escabroso aconteceu na delegacia do 23.º Distrito. Foi praticado clinicamente pelo investigador Oswaldo Alves de Oliveira. No xarez daquela delegacia encontravam-se trinta indivíduos. Numa cela separada achava-se a menor Euridice Domingues, uma doente mental. O investigador a trêco de cinco cruzeiros por pessoa, permitia que os detentos passassem para onde se encontrava a moçoila. Aos gritos desta ao ser arrastada por um deles acudiu o guarda civil Renato Pencion. Este, revoltado, prendeu incontinenti o investigador, com vocação para "caften". O comissário Leão Mendes remeteu o investigador para a Detenção, iniciando processo contra ele, por crime de lenocínio... O deputado Afonso de Caralho, autor de um projeto pelindo leis especiais para que o Exército pudesse resolver a reforma e exclusão de militares extremistas, declarou da tribuna da Câmara que o seu projeto já seria inocuo visto a crescente gravidade da situação: "O Exército pediu uma espada, o Congresso lhe deu um canivete", declarou ele. Realmente, na era da bomba atômica, canivete não mete medo a ninguém... O zelo da nossa Polícia mostra-se sempre fora de lugar e de hora. O senhor Inocêncio dos Santos Filhos, proprietário de uma oficina à Praça Tiradentes, 35, 2.º andar, foi preso, próximo ao seu trabalho, por investigadores da Delegacia de Vigilância, quando se dirigia ao banheiro. Motivo: valdiagem. Por não ser portador de documentos passou 24 horas no xadrez. Moral: é mais seguro ser lairão com carteira de identidade do que ser honesto e não tê-la... O ministro da Fazenda informou à Câmara dos Deputados que mais de vinte e cinco mil pensionistas da União recebem menos de quinhentos cruzeiros por mês. O presidente da República deve meditar sobre esses milhares de dramas, agora que certos vencimentos vão ser elevados para dezesseis mil e dezoito mil cruzeiros mensais... O investigador Elgard de Castro Falcão foi roubado em diversos objetos, no valor de vinte mil cruzeiros. "Mister Pickles", como é conhecido, é o homem que quis lançar a moda de calça curta e blusão, como indumentária de trabalho. Os ladrões, por sua vez, arrepanham ainda mais o investigador... O Supremo Tribunal concedeu liberdade a Felipe Michel, francês, que há vinte e cinco anos se exilou da Ilha do Diabo, e Calena, e desde então teve vida exemplar no Brasil... O senhor Andrés Regules, delegado do Uruguai na Conferência de Bogotá, falando a respeito das medidas que as nações americanas pretendem tomar para combater o comunismo, declarou que "o seu país combate o comunismo realizando uma democracia política autêntica, fundada no respeito aos direitos do homem. O que compromete a democracia é o uso da violência, auxiliada esta por uma ação comunista internacional, e a contra-violência, nascida para combater a primeira." E, terminando, disse o chanceler Andrés Regules: — "E' preciso evitar que a política de combate ao comunismo sirva de pretexto para resguardar as classes privilegiadas." Quanta carapuca nestas poucas palavras do delegado uruguaio... O deputado da Assembléia Nacional da China, Chao Sui Chu, surgiu na Câmara trazendo o seu próprio caixão e declarou que se não fosse empossado se mataria ali mesmo. A isto disse os seus colegas empossaram-no. "Talvez o deputado Chao não tivesse vindo cair vivo", comentou um espectador da quase-tragédia... O advogado Aristides Saldanha, chegando a Maceió, para defender o seu constituinte José Maria da Alcantá, foi raptado e, juntamente com aquele a quem iria defender, foi covarmente espancado. Telegrafando ao presidente Eurico Dutra, ele apontou como responsáveis a polícia alagana e o governador Silvestre Pórcles de Góes Monteiro, irmão do senador major Inard Góes Monteiro e do senador-general Góes Monteiro. Reagindo contra a onda de violências policiais praticadas ultimamente no Rio, baseadas numa falta concepção da política anti-comunista varios deputados solicitaram a designação de uma comissão parlamentar que deveria visitar imediatamente os presídios do Distrito Federal. Essa comissão investigará abusos que têm sido denunciados na imprensa e na tribuna. Aquele prédio da Avenida Princesa Isabel, 53, esquina da rua Ministro Viveiros de Castro, propriedade de dona Maria Luisa Dodsworth, mãe do ex-prefeito Henrique Dodsworth, vai ser finalmente demolido, para dar passagem direta aos autos que se dirijam do túnel para a avenida Atlântica. A Prefeitura conseguiu ganhar a ação de desapropriação, várias vezes contestada e apelada pela proprietária... Dona Rosa Eugênia da Costa Bittencourt, de sessenta e um anos de idade, foi presa e barbaramente espancada pela polícia da Delegacia de Marechal Hermes. Seu crime fora angariar donativos para mitigar a miséria das famílias dos operários da "Tribuna Popular", presos desde janeiro. Somos favoráveis à repressão de quaisquer desordens comunistas ou não comunistas. Somos pelo esclarecimento da opinião pública afim de que, através dele, seja sustada a expansão do credo vermelho. Somos a favor de quaisquer providências que fortaleçam o regime contra a agitação e a sabotagem. Mas não poderemos aprovar nunca violências desnecessárias, contra uma pobre velha ou contra presos indefesos, cuja periculosidade pela própria delação já estaria perfeitamente remediada. Para finalizar: numa igreja da Urea realizou-se o casamento de Sebastião Fernandes de Souza Prata. — Grande Othelo. — com Lúcia Maria Pinheiro. Um casamento que veio legitimar uma união por amor, da qual já existia um robusto rebento. E, por hoje, é só... Até sábado!

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

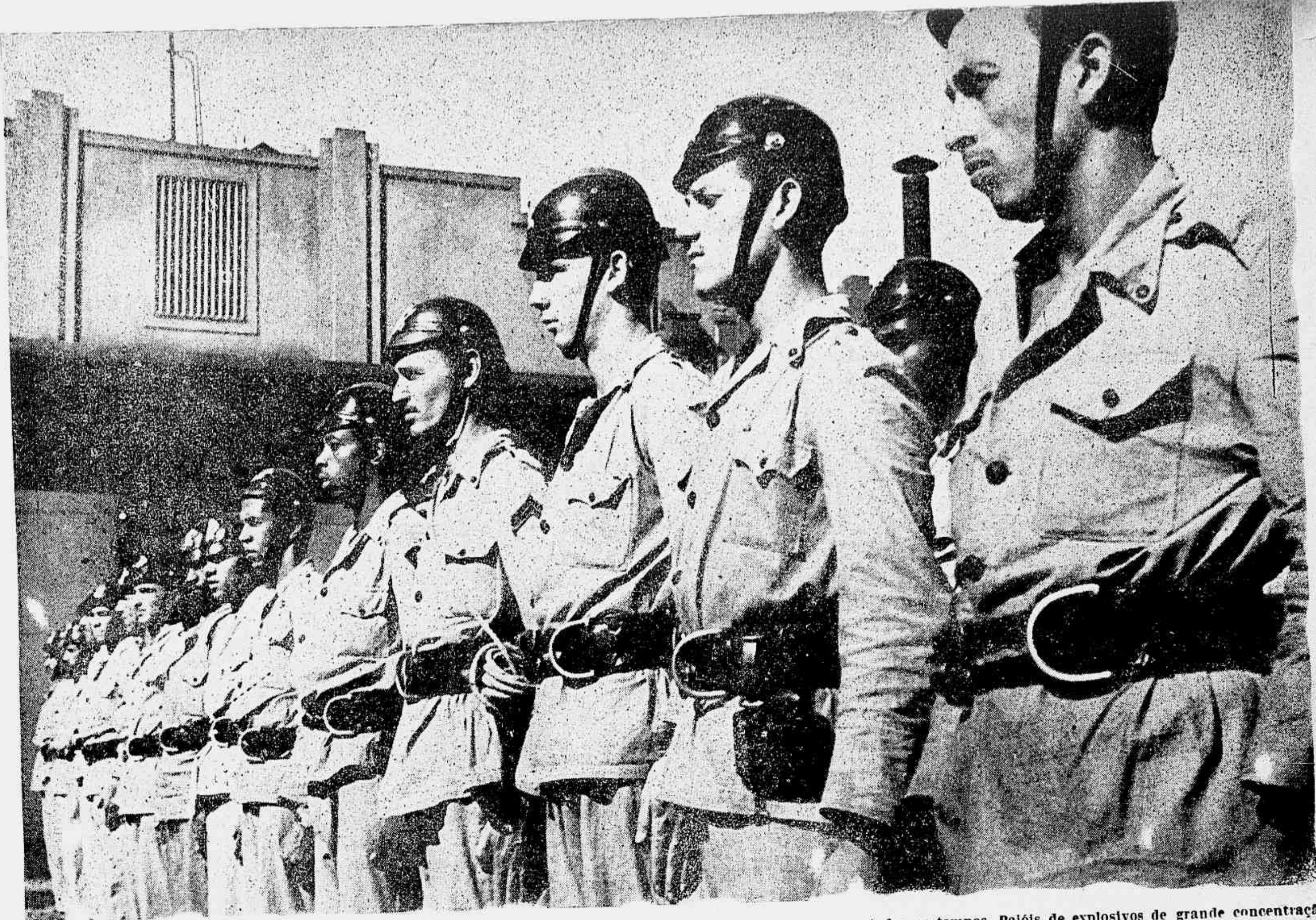
3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





O escalão do Corpo de Bombeiros, Posto Central, que lutou contra o mais perigoso incêndio do Rio de Janeiro em todos os tempos. Palóis de explosivos de grande concentração ameaçavam deflagrar a qualquer momento. Durante dez horas lutaram sob verdadeiro fogo de artilharia, estilhaços de granadas de vários calibres que espoucavam e feriam em todas as direções. O trabalho de rescaldo durou quarenta e oito horas.

Na página ao lado, soldados do corpo médico do Exército carregam um dos muitos feridos na hecatombe de Deodoro. Inúmeros operários perderam a vida, dezenas ficaram horrivelmente mutilados. Dentro daquele inferno de fogo cinquenta bombeiros arriscaram a vida durante horas contínuas para que outros homens e mulheres não sofressem. Se não fora a intrepidez daqueles soldados, o número de órfãos e viúvas poderia ser agora impressionante.

50 HOMENS QUE SALVARAM MILHÕES!

OS VENCEDORES DA BATALHA DE DEODORO — O EXÉRCITO PERDEU 280 MILHÕES DE CRUZEIROS — MAS QUANTO OS BOMBEIROS SALVARAM? — NEGROS, BRANCOS E MESTIÇOS UNIDOS NA MESMA LUTA — O PRIMEIRO ALARMA; DONA ODETE PEDE PARA SALVAR A FÁBRICA DE TECIDOS — VENCIDOS NO PRIMEIRO EMBATE — O INIMIGO ATACA POR TODOS OS LADOS — A HISTÓRIA DO "DEPÓSITO 305" — UMA NOVA FRENTE — O TRIBUTO QUE DEIXAMOS DE PAGAR

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA e outros

— Alô! Alô! É do Corpo de Bombeiros de Campinho?

— Sim, minha senhora. Pode falar...

— Pelo amor de Deus, venham correndo a Deodoro! Parece que a fábrica de tecidos pegou fogo! Houve uma explosão medonha!

— Os carros já vão sair, minha senhora...

Realmente, quando dona Odete Barcelos acabou de desligar o fone, a equipe do carro-bomba do Posto de Bombeiros de Campinho já estava a postos em suas posições. O carro-comando partiu do Meier para encontrar-se com o carro-bomba, e treze minutos após o telefonema chegava a primeira tripulação de bombeiros, quinze homens ao todo, para dar combate ao mais perigoso dos incêndios de todos os tempos ocorridos no Rio de Janeiro. Não era a Fábrica de Tecidos de Deodoro que explodira. A deflagração fora no Parque de Material Bélico do Exército, em Deodoro, a maior concentração de projéteis e material de guerra do Brasil, cujo volume exato constitui segredo inviolável. E para combater o mais traiçoeiro dos incêndios, que é a combustão de palóis de explosivos, ali estavam quinze homens, cuja vida valia menos — em possibilidade de sobrevivência — do que a de um árabe frente aos fuzis da Haganah.

O PRIMEIRO «ROUND» — «ESTAMOS NO AR!»

Esta reportagem não se ocupará com a feição política do atentado — se

que houve sabotagem. Sobre isso é prematuro falar. Quando abordamos o general Agra Lacerda sobre o caminho a que estariam conduzindo os inquéritos civil e militar, ele nos disse muito francamente.

— Nada há de positivo ainda sobre o assunto. Estamos no ar...

Desculpou-se, depois, por não fazer maiores declarações. O momento era de pesquisas e por ora cabia apenas averiguar. Não era também nosso intento enveredar por esse lado. Tudo isso já foi e será debatido amplamente pelos jornais. O que ainda não ficou ressaltado foi a luta, dez horas consecutivas, dos bombeiros do Distrito Federal. E é essa luta inglória que vamos procurar contar. Luta, afinal, de todos os dias. Luta que pode surgir a qualquer hora. Entretanto, os incêndios dos depósitos de Deodoro deram ensejo a rasgos de abnegação difícil de ser igualados, principalmente se forem levados em conta os perigos a que se expunham. A primeira explosão, no depósito de armazenamento de trótil, fora exatamente às duas e trinta da tarde. Quando o destacamento do Posto de Campinho chegou próximo ao pavilhão que voara pelos ares, o

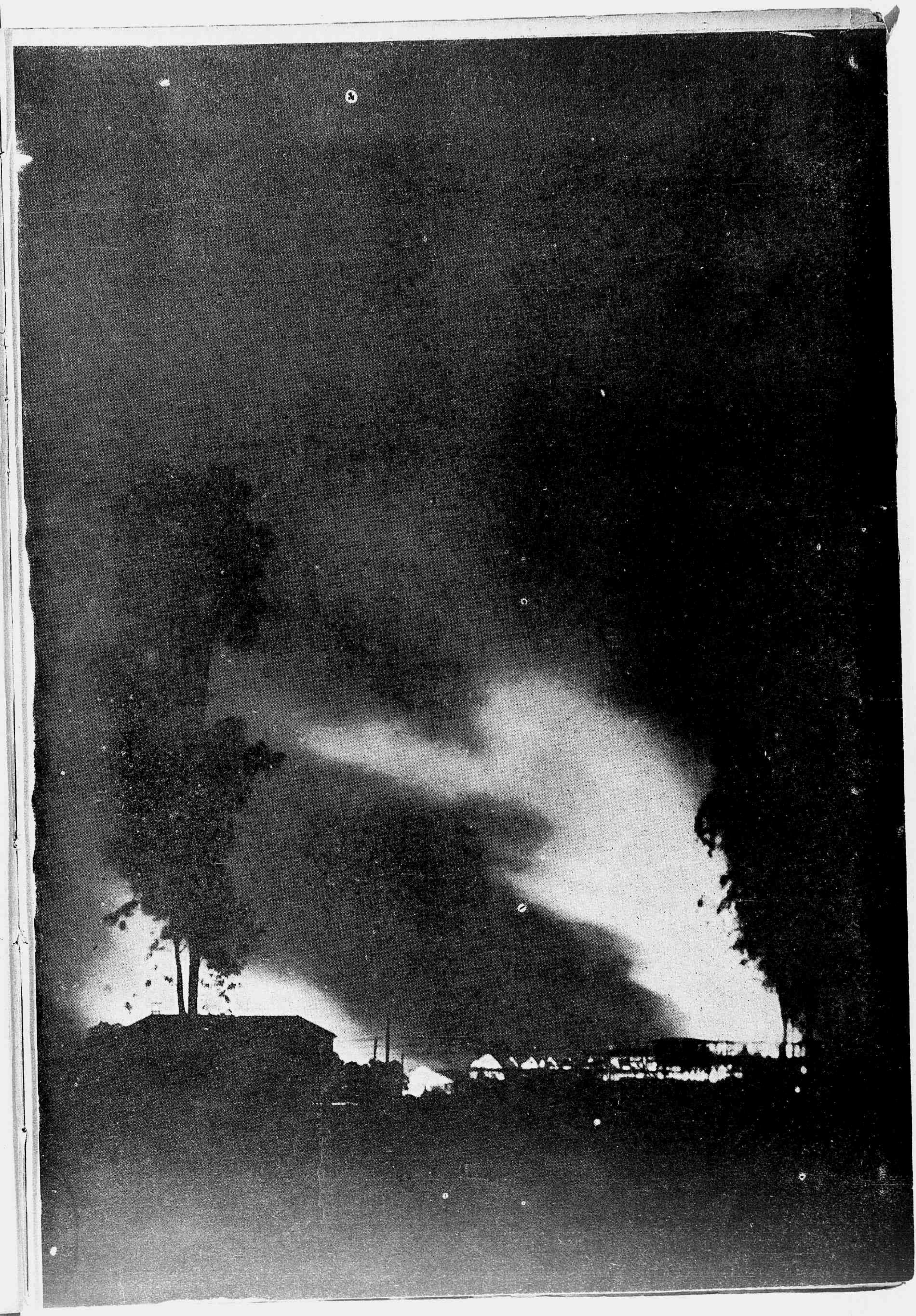
Aparecem na foto o 1.º tenente Osmar Alves Pinheiro e o 2.º tenente Aurélio Gomes de Melo. Este, é o comandante do Posto de Bombeiros de Campinho, o primeiro que ocorreu ao local do desastre, chegando a Deodoro poucos minutos após a primeira explosão.





Nesta página, em baixo e em cima, dois aspectos de alguns dos operários do Depósito Central de Material Bélico feridos na catástrofe. Parentes e amigos seus voaram pulverizados com a explosão do primeiro depósito de munições. Sabotagem ou imprudência? Quem serão os responsáveis? Não se sabe ainda. Conhece-se entretanto os nomes dos responsáveis pela vitória contra o incêndio que poderia ter tomado proporções dantescas: são eles, os bombeiros do Distrito Federal. Na página ao lado: um aspecto do incêndio dos depósitos de munições, colhido a grande distância. Este incêndio poderia ter destruído Deo doro inteiro.







Ao sinal de mobilização, o agrupamento de cada carro-bomba toma imediatamente posições, pronto para partir em direção a qualquer canto da cidade. Onde houver incêndios, desabamentos, soterramentos, enfim qualquer perigo que ameace a vida do próximo, ali estarão os disciplinados soldados do exército contra o fogo, o único exército que não destrói

Durante o combate às chamas, nos grandes incêndios, as manobras são ordenadas pela voz estridente da corneta. E a esta voz nenhum bombeiro até hoje desertou.



fogo ameaçava se propagar para os outros pavilhões do Parque. Imediatamente o tenente-comandante Aurélio Gomes deu ordem para que seus homens armassem a bomba e levassem as mangueiras para o local das explosões, coberto de chamas. Em poucos instantes tudo estava em ordem. Partiram correndo, prontos para jogar o primeiro jacto de água sobre as paredes fumegantes. Nesse instante outro estrondo violento abalou os soldados. Os bombeiros caíram por terra, num movimento tático de defesa. Os estilhaços do primeiro depósito atingiram o local onde estavam armazenadas as granadas de 75 milímetros. O impacto do ar foi tremendo. Casas da vizinhança tiveram vidros partidos, algumas foram destelhadas, enquanto os estilhaços de dezenas de granadas atingiam indistintamente a todos os que se acha-

vam nas proximidades. Não era possível no momento debelar à custa de água um braseiro alimentado por explosivos de grande potência. Seguindo ordens superiores, os bombeiros abandonaram o local. Conseguiram retirar a bomba e os apetrechos intactos. Como o general que no campo de manobras faz um recuo estratégico, sem a menor perda de homens e material, eles fizeram naquele instante a mesma coisa. Tinham perdido o seu primeiro «round» para seu secular inimigo, o fogo. Mas a luta continuaria.

«PIOR DO QUE NA GUERRA»

Quando os bombeiros foram obrigados a fazer o primeiro recuo, já estavam chegando ao local os reforços do Posto Central, que ali compareceram com um escalão completo (dois carros-bomba, inteiramente equipados). Tomou a direção

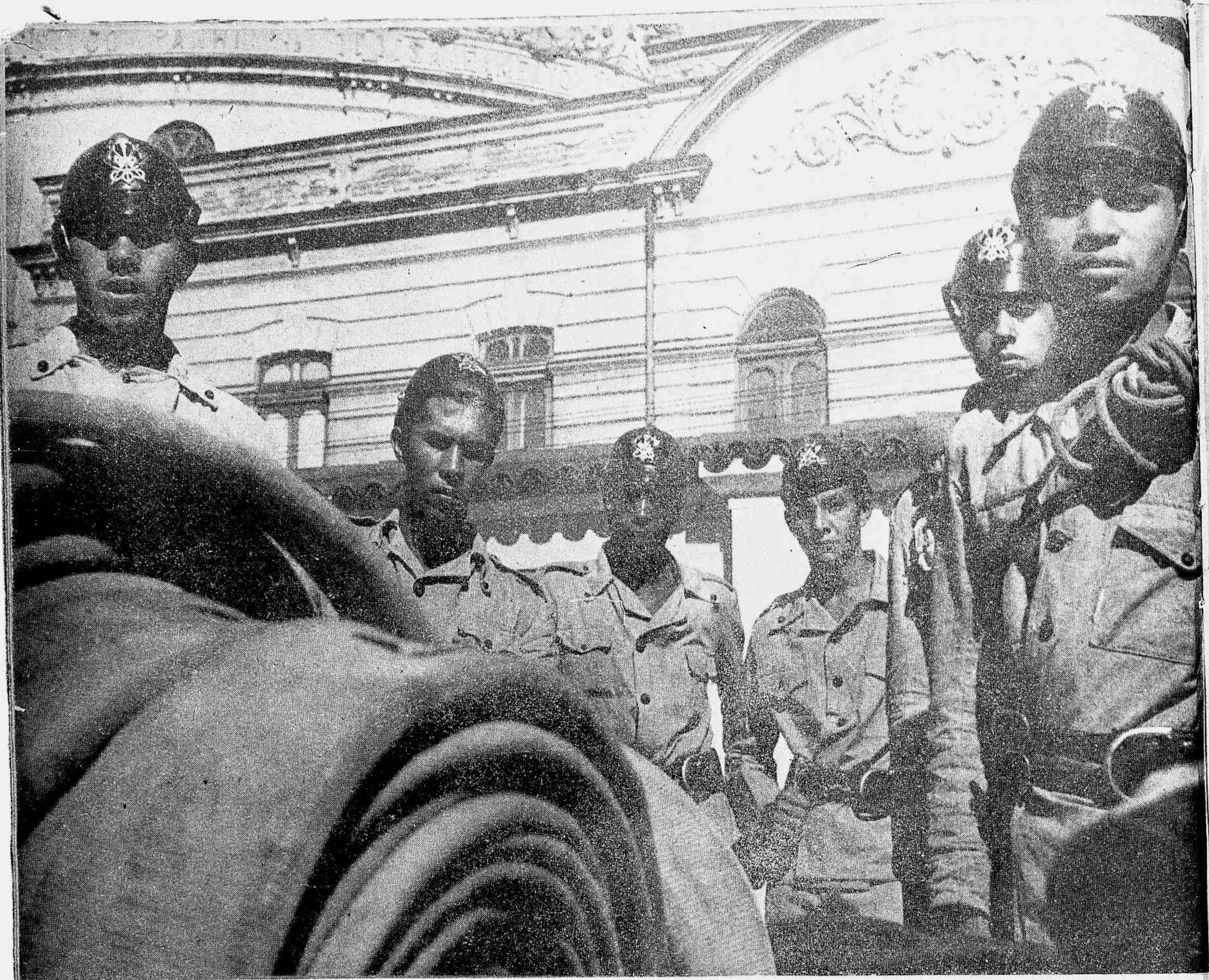
Branco, negro e mestiço unem-se sem distinção de cor nos corpos de bombeiros. O acesso às mais altas graduações também é dado sem preconceitos raciais. Ali vale, apenas, a técnica, a bravura, a retidão.



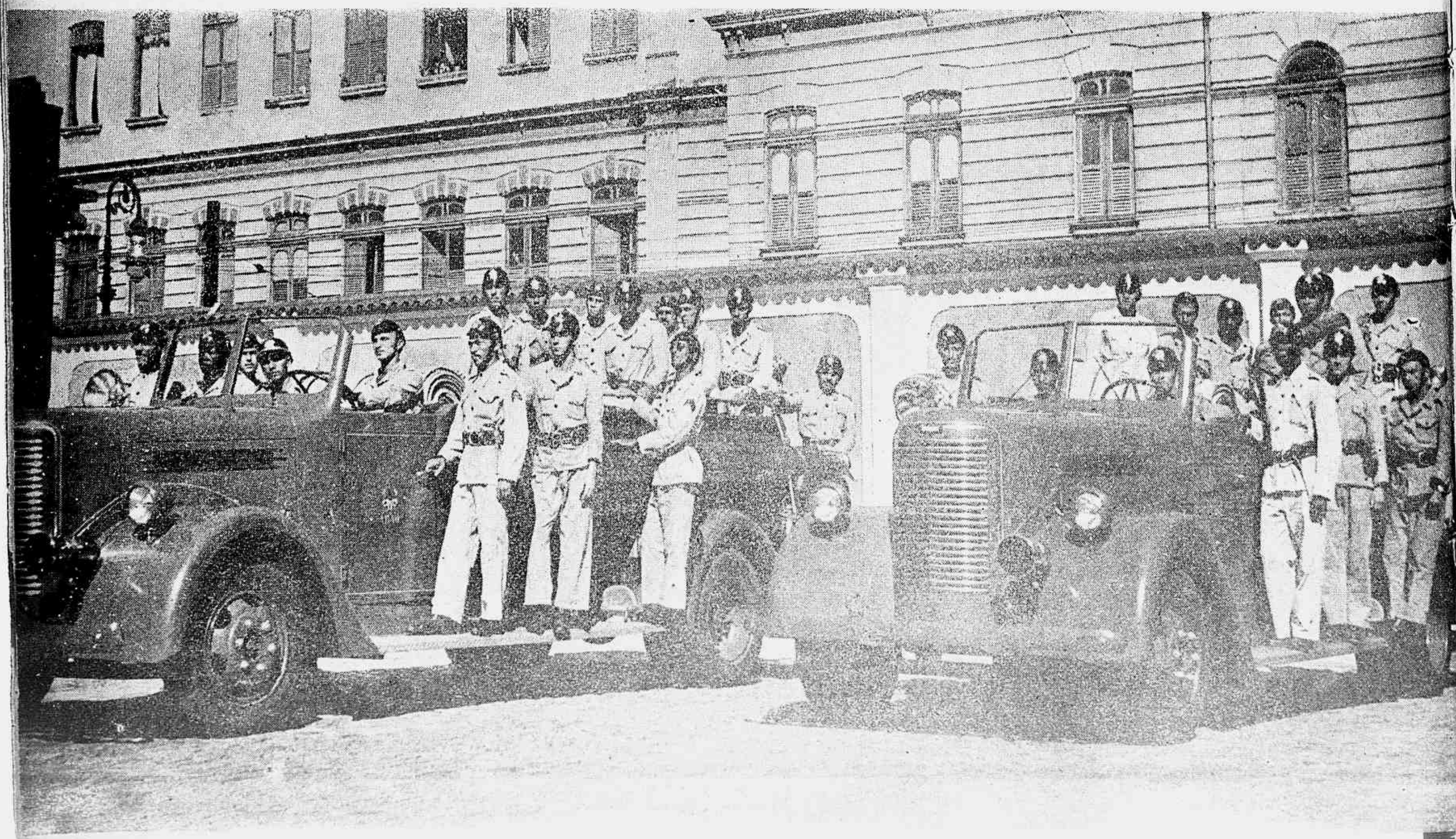


Nesta página, em baixo e em cima, dois aspectos do Parque do Material Bélico no dia seguinte, vinte e quatro horas após a primeira explosão. Granadas deflagradas e intactas espalham-se em todas as direções. O trabalho de extinção das chamas foi feito, na maior parte do tempo, debaixo de uma chuva de projéteis. Sômente por um milagre nenhum estilhaço de granada atingiu os soldados do fogo.





Aparecem nesta foto dois flagrantes das guarnições dos carros-bomba do Posto Central e de Campinho, que intervieram na catástrofe do Parque de Material Bélico. Sobre esses homens, disse o seu comandante, o coronel Augusto Imbassahy, no Boletim da corporação: — "Meus camaradas! Sois credores da gratidão daqueles que não sucumbiram pela vossa enérgica e brava ação no combate ao fogo. Sois merecedores do alto conceito da população desta cidade".



geral dos trabalhos o major Silvio Maissonnette, tendo como ajudante imediato o capitão Gabriel da Silva Teles. No escalão do Posto Central vinham ao todo trinta e quatro homens, incluindo o coroneteiro, o telegrafista, o médico e o enfermeiro. Pouco depois chegavam mais treze homens do Posto de Realengo. O total de bombeiros reunidos em Deodoro foi, de um certo modo, reduzidíssimo. Acontece que a catástrofe exigia para o combate muita bravura de cada soldado e não um grande número deles. Superintendendo as operações estava o coronel Augusto Imbassahy, comandante-chefe dos Corpos de Bombeiros desta capital. O coronel Imbassahy, em conversa com o repórter, recordou alguns dos lances emocionantes da luta contra o fogo que ameaçava outros depósitos. Faz questão de frisar que não pode destacar nomes. Todos trabalharam admiravelmente, com um «fanatismo consciente» que empolgava aos que os observavam. Diz-nos, a certa altura, o comandante:

— O combate naquelas condições é muito mais arriscado do que na guerra. Nesta, o soldado sabe de onde virão os tiros. Pelo menos tem a retaguarda garantida. Tem que esperar o perigo da frente, ou dos flancos. No Depósito Central de Material Bélico de Deodoro os bombeiros que procuravam isolar o fogo não sabiam de onde viria o estilhaço de granada que os poderia matar. Foi um verdadeiro milagre nenhum deles ter ficado ferido!

A HISTÓRIA DO «DEPÓSITO 305»

Um dos momentos mais dramáticos da catástrofe surgiu quando as chamas, propagando-se de pavilhão em pavilhão, ameaçaram incendiar o depósito 305. Tecnicamente, este depósito não tem esse nome. Ficou conhecido assim porque ali são armazenadas as granadas de 305 milímetros, uma das mais poderosas armas do Exército Brasileiro. Não pudemos conseguir dados concretos sobre a quantidade guardada no depósito. Segundo fontes que consultamos, deveriam estar empilhadas cinco mil granadas, aproximadamente. Se aquelas petardos tivessem explodido, parte de Deodoro ficaria tão devastada quanto Hiroshima após a bomba atômica. O raio de ação de uma 305 — segundo fomos informados — alcança três quilômetros. Pois foi esse perigoso depósito de munições que esteve diretamente ameaçado pelas chamas, que chegaram a dez metros de distância das paredes do pavilhão. Depois da explosão do pavilhão onde se armazenava o trotil, o fogo se propagou ao depósito de material de transmissão e desse para o pavilhão do material ótico. Ao lado desse pavilhão, separado por uma passagem de uns dez metros, estava o depósito 305. Nessa altura os bombeiros não poderiam esperar mais. Teriam que atacar as chamas, muito embora continuassem as detonações. Bastaria um fragmento incendiário colidir com as pilhas das granadas para que tudo virasse fumo e carvão. Os bombeiros investiram, com as mangueiras pela estreita passagem entre o depósito ótico e o das granadas. As chamas atingiam as paredes que separavam um do outro. Para aumentar o perigo de transmissão do fogo ou de



Um dos sargentos do escalão do Posto Central. Resoluto e audaz no cumprimento do dever. Modesto e simples diante do repórter. Não faz questão de contar seus feitos. A bravura em sua vida já é rotina.

um fragmento em combustão, encontravam-se escancaradas as portas laterais do depósito 305, ficando abertas diretamente para as paredes fronteiras incendiadas. Jorros de água começaram a cair sobre as vigas e o madeirame que ardiam. Contam testemunhas de vista que os bombeiros trabalhavam freneticamente, envidando todos os esforços. Ninguém ali pensaria que essas vidas estavam por um fio. O único objetivo era evitar que o sinistro tomasse proporções dantescas, o que aconteceria a qualquer momento, se não fosse a sorte, a providência ou coisa que o valha.

NOVA FRENTE CONTRA OS SOLDADOS DO FOGO

Enquanto dois carros-bomba, trabalhando a todo vapor, procuravam impedir a consumação da tragédia naquele lado, nova complicação se armou contra a bravura dos soldados do fogo. Do lado

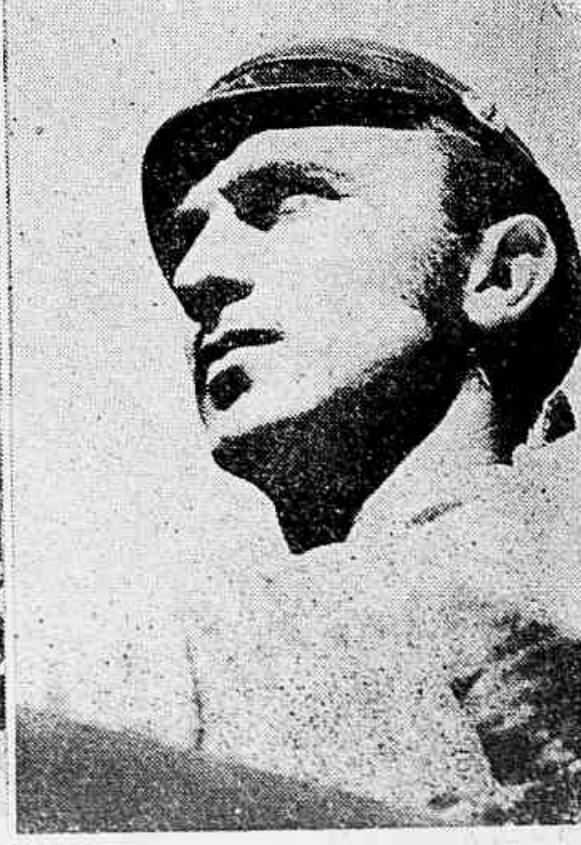
oposto, próximo do primeiro pavilhão incendiado, outro perigo se desenhava. As chamas ameaçavam propagar-se a um depósito de balas de fuzil e granadas de 105 e 75 mm. Seria a mortandade às cegas e infalível de todos os presentes se aquele arsenal deflagrasse. Um outro carro-bomba entrou imediatamente em ação, procurando debelar as labaredas que se projetavam contra o depósito. Estavam, naquele momento, todos os bombeiros colocados nos pontos críticos do incêndio: junto aos paióis de munição em perigo. A luta contra as chamas durou ininterruptamente de cinco e trinta da tarde — quando a violência das explosões amainara — até a meia-noite. Só depois da zero hora puderam os bombeiros respirar aliviados. Puderam mesmo respirar. Porque até então tinham lutado envolvidos em fumo, absorvendo seus pulmões o ar quente das paredes fumegantes que se desmoronavam. Trabalharam sem tréguas, sem substituições, sem des-

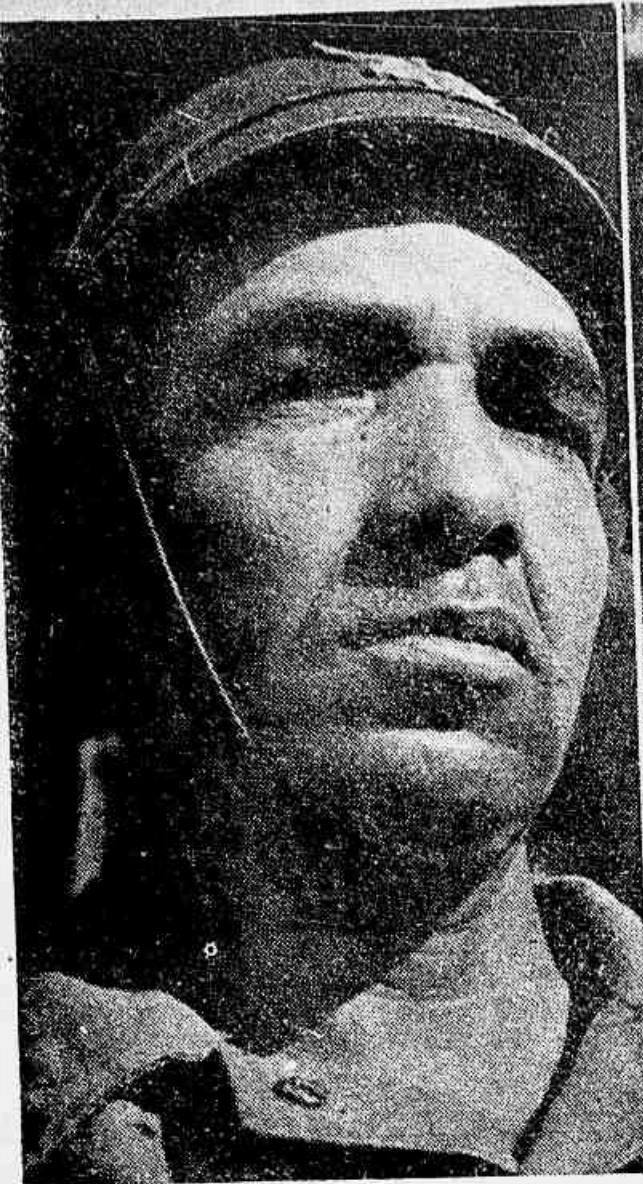
canso. Quando as chamas que ameaçavam os depósitos das granadas e das balas de fuzil foram extintas, começou a circunscrição do incêndio, das extremidades para o centro. Entrou a funcionar a quarta e última bomba. A uma hora as autoridades presentes podiam anunciar aos jornalistas, à vizinhança, a toda a população do Rio: o perigo de maior hecatombe passara. Só então começou o regresso das equipagens aos Postos. O Posto de Campinho, que chegara ao local às duas e quarenta da tarde de quinta-feira, voltou à sede às duas e trinta da madrugada de sexta-feira. Doze horas de lutas com o mais traiçoeiro dos inimigos, o fogo, aliado desta vez a explosivos de alta concentração.

FIM DE JORNADA

Quando falamos com esses rapazes — negros, mestiços e brancos — alguns dias depois do combate, em nenhum deles

Da esquerda para a direita: Coronel Augusto Imbassahy, comandante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal; major Silvio Maissonnette, responsável pela técnica das manobras na zona de operações. Completa o quarteto dois comandados dos oficiais a que nos referimos.





transpareceu o menor sinal de empáfia ou de orgulho cabotino pelo que tinham feito. Não faziam questão de retrato na REVISTA. Alguns deles teimavam em só dar o número de ordem na corporação.

— Para que falar disso? É o nosso trabalho.

Era o que eles nos diziam. Eles sabiam, no momento da batalha, que os depósitos ameaçados poderiam fazer de seus corpos um rôlo de fumo negro em dois segundos. Mas a coragem para eles não é mais uma atitude para certas horas. Tornou-se um hábito tão banal como o de se alimentarem a horas certas. Segundo estimativas não oficiais, os danos tidos pelo Exército, na parte material, é de duzentos e oitenta milhões de cruzeiros (Cr\$ 280.000.000,00). Mais de uma dezena de operários pagaram com a vida a imprudência ou a sabotagem da qual se originou o desastre. Entretanto, ninguém até agora calculou quanto se ganhou, quanto se deixou de perder, graças ao trabalho desses cinquenta homens. Seus nomes não apareceram sequer nos jornais e eles continuam em seus postos, prontos para atender ao primeiro alarme de qualquer cidadão.

A NOSSA HOMENAGEM

Contrariando ordens expressas do coronel Augusto Imbassahy, que julga não ser necessário destacar nomes, bastando declarar que foi «um perfeito trabalho de equipe», vamos render modesto tributo aos bombeiros que trabalharam no combate ao incêndio do Depósito Central de Material Bélico do Exército, citando-lhes os nomes, neste final de reportagem. Deixamos, pesados, de apontar os da turma do Realengo. A impossibilidade material de tempo nos impediu. Mas estes compreenderão que a nossa homenagem também os envolve. E esse preito é também o da gratidão de centenas de famílias que hoje sobrevivem graças ao seu esforço pessoal e à orientação de conjunto. São eles: Posto Central: comandante-chefe dos trabalhos

Quatro dos soldados do fogo participantes das operações. Os seus nomes constam da lista geral que publicamos no final da reportagem. É um tributo que rendemos aos cinquenta homens que arriscaram sua vida para salvar a de milhões.



Detalhe da guarnição de um dos carros-bomba do Posto Central. Diariamente eles estão saindo para salvar vidas e bens alheios.

tecnicos: major Sílvio Maisonnette; primeiros tenentes dr. Luis Carlos de Sá Fortes Pinheiro, Rogério da Silva, Miguel Arcanjo Nunes Pereira, Domingos da Silva Teles, e 2º tenente Manuel Ferreira Girão; sargentos: Otaviano do Espírito Santo, Nilton Cardoso da Silva e Sebastião Noises; cabos: Luis Ribeiro

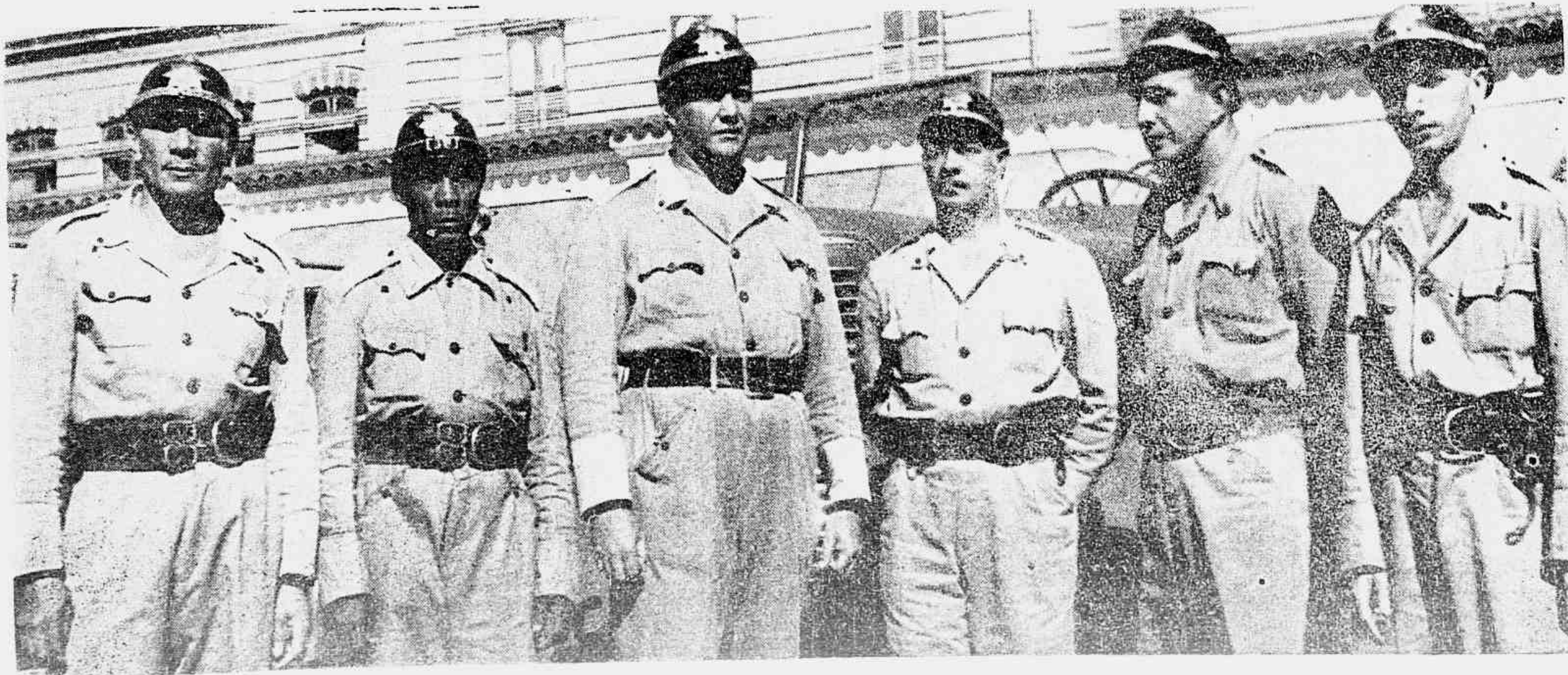
da Fonseca, Júlio Tórres de Oliveira, Sebastião Antunes Queiroz e Claudionor José Lopes; soldados: Antônio Arnaldo Cardoso, Milton Braga da Silva, Milton Brasil de Paiva, Valter Navarro, Abelardo Lopes Monteiro, Mário Pereira Ramalho, José Urbano Azevedo, Manuel do Nascimento Filho, Alvaro Borges. Ar-

Os oficiais que participaram do combate ao incêndio de Deodoro, não estando na foto o coronel Augusto Imbassahy que superintendeu os trabalhos. São eles: Major Sílvio Maisonnette, capitão Gabriel da Silva Teles, 1ºs. tenentes doutor Luis Carlos de Sá Fortes, Rogério da Silva, Miguel Arcanjo Nunes Pereira, Domingos da Silva Teles e 2.º tenente Manoel Ferreira Girão.

mando Francisco Guimarães, Antônio da Costa Ferreira Filho, José Montalvão, Alfredo Guerra Wanderley, Alexandre Queiroz, Arlindo Ferreira da Costa, Antônio da Costa, Clóvis de Souza, Roberto Rodrigues da Costa, Arli de Moraes, Valdemar de Oliveira Gomes, Jorge Correia de Albuquerque e José Lassey. Posto de Campinho — 8ª Companhia, 4ª Zona, Meier — Oficial-comandante: 2º tenente Aurélio Gomes de Melo; oficial de manobras (da Guarnição do Meier): 1º tenente Osmar Alves Pinheiro; 3º sargento Gastão Soares Brasil; cabo Raimundo Augusto Machado; soldados: Antônio Damasceno Goulart, Jair José da Silva, Haroldo Ribeiro de Souza, José Américo Lima Santana, Erasmo de Oliveira Santos, Pedro Pinto, Admar Santos, Cosme Barreto Alves, Orlando de Brito e Laiz Flausino.

Terminamos com as palavras do seu comandante, coronel Augusto Imbassahy, transcritas de um trecho do Boletim de dezenove passado:

«Justas e merecidas são as referências elogiosas feitas pela Câmara Federal, pelas altas autoridades civis e militares e pela unanimidade da imprensa desta capital. Meus camaradas! Sois credores da gratidão daqueles que não sucumbiram pela vossa enérgica e brava ação no combate ao fogo. Sois merecedores do alto conceito da população desta cidade. O militar que envoga a gloriosa farda de bombeiro já era e agora é mais do que nunca alvo dos olhares agradecidos de toda a população, que vê em cada um de vós um herói, um homem que arrisca continuamente a sua vida para salvar a vida e os bens de seus semelhantes. Mostrai ao público que sois dignos dessa confiança. Que fora de serviço também sois um homem leal, disciplinado, educado e que tendes garbo em envogar e nobilitar a farda que vestis. Meus camaradas! Orgulhai-vos em pertencer a esta Corporação, pois eu tenho orgulho de ser o vosso comandante. — Augusto Imbassahy, coronel comandante.»



NÃO é de Pedro Silva nem de Manuel Lopes, de Joaquim Pereira ou do velho Praxedes que vou falar: é de mim mesmo ou, mais rigorosamente, daquela manhã que acendeu listrões de sol nos fiapos de nuvens estirados pelo nascente.

Levantara-me eu às seis horas mais ou menos, porque a claridade, encontrando a janela aberta, dominou o quarto e tive de ceder à luz, olhando a manhã de sol que subia por trás do morro da Babilônia. Quando voltei as costas à janela, não podia imaginar que surpresa me aguardava: o retrato de minha mãe ficou-me estranhamente, de cima da mesa. Veio-me como sempre aquela vontade de rever o original, de matar num momento doze anos de ausência. Também como das outras vezes, procurei meio de dissimular o impossível do desejo mas agora senti que não podia de modo algum desviar o rosto do retrato. Algo de mais forte me agarrava pela nuca e não havia fugir. O retrato cresceu diante de mim até ficar do tamanho da parede. O olhar de minha mãe furou-me os olhos e, como o sol pela manhã a fora, acendeu lá por dentro uns fiapos de nuvem. Sem enxergar até mesmo o quarto, retrocedi por dentro de mim mesmo até o momento antigo de partir para o Rio. Vi, claramente visto e não me engano, as ruas de minha Itapetininga; o coronel Cazuza, prefeito; José Antunes, meu irmão, delegado; o padre Plínio, o velho professor Simões, o correr de casas da rua Sargento Leôncio e, ao fim da rua, a nossa casa. Na sala, minha mãe costurava uma camisa para mim. Eu ia partir e era preciso roupa. No copiar, as malas de viagem.

Sai à rua, logo encontrei o professor Simões, que me falou:

— Precisas mesmo, menino, de sair de Itapetininga; teu lugar não é aqui...

Mais adiante, o promotor, dr. Ludovico Aires, de terno branco, gravata preta, bengala anzol, disse-me:

— É loucura ir, Antunes; você aqui é rei e senhor; no Rio não chegará a botina de soldado razo.

Desaforado esse promotor, resmunguel, e segui caminho a fora. Pedrinho Lima, José Cláudio, Manuel Alves, Custodinho — quanta gente que me invejava a partida e o futuro! Todos me cobriram de glórias prévias e de fortuna antecipada! Voltei a casa: minha mãe costurava camisa para mim. Eu ia partir e era preciso roupa.

— Será amanhã o dia da partida, falei-lhe.

Minha mãe parou a costura, olhou-me: — Antunes, tens mesmo coragem de ir-t'embora e deixar tua mãe?!

Quis responder, mas a rua novamente me arrastou. Agora, era toda Itapetininga que me cantava loas visionárias: Será o orgulho da terra! Hei de ter a honra de dizer-lhe nas alturas: «Fui seu professor». Família Antunes não mente fogo, este, então!... Viva Antunes, nosso grande homem!...

Só o dr. Ludovico me saiu com esta:

— Grandíssimo bocó!

Voltei, renitente, a casa. Minha mãe costurava camisa para mim. Eu ia partir e era preciso roupa. E parti mesmo, no outro dia, véspera de São João, rumo do Recife. Trazia comigo a ambição da cidade e a minha própria, abafando a pergunta de minha mãe:

— Antunes, tens mesmo coragem de ir-t'embora e deixar tua mãe?!

O automóvel rodava estrada a fora; as árvores voltavam para Itapetininga. Adeus mussambês, adeus pára-raios, adeus imbuzeiros, adeus ribanceiras do

CREPE AO SOL

CONTO DE
J. GUILHERME DE ARAGÃO

ILUSTRAÇÃO DE
A. MOURA

ESPECIAL PARA A "REVISTA DA SEMANA"

São Pedro. As serras mergulhavam para trás. Rio Branco, à noite, era um remanso de vozes diferentes:

— A que horas parte o trem das sete, ó Bolieiro?

— Às nove, menino...

Para cima do sertão, iam caixeiros viajantes. Outros desciam para o Recife. Eu ouvia-lhes os negócios: trinta contos de fazendas vendidas a João Faustino, de Carnaliba; quarenta fardos para Alagoa do Monteiro, consignados a Pedro Guilherme; perda de bom negócio em Afogados, porque o rio Pajeú estava pelas vargens. Ouvia-lhes tudo, exceto falar de minha glória pressentida em Itapetininga. Então, enxeridamente, a pergunta me fagou os ouvidos:

— Antunes, tens mesmo coragem de ir-t'embora e deixar tua mãe?!

Bolieiro não acertou. O trem das sete não partiu às nove, porém às nove e meia. Lá na frente, a máquina cantava o galope:

Vou danado p'ro Recife

Hoje sim, amanhã não!

Dali a pouco, a viagem começou a citar-me coisas: Mixoso e a ponte grande;

Pesqueira, o bispo e a goiabada; Belo Jardim e a lagoa do Capim; Caruaru, terra de missanga e faca de ponta; a serra da Russinha, Deus me livre de trem fora da linha; Vitória e as laranjas. Quanto valem os olhos quando vêem pela primeira vez?!

Eu pensava nisto, quando os ouvidos me tremeram:

— Antunes, tens mesmo coragem de ir-t'embora e deixar tua mãe?!

Recife saiu-me de dentro da noite, sapintado de luzes. O rapaz de boné nunciou-me: Hotel Central! Fui ali repousar o corpo e a ambição. Ao amanhecer do dia seguinte, águas do Capiberibe, que vinham de Taquaretinga, e as pontes, que vinham de mil seiscientos e tantos, contavam-me história e poesia. A gente buliçosa das ruas tinha cara de festa. E os três dias à espera do navio espremeram a lembrança de Itapetininga. Vida é isto — iluminou-se-me esta parte média e superior que Platão dizia ir do peito à cabeça, mas os ouvidos me doeram até o coração:

— Antunes, tens mesmo coragem de ir-t'embora e deixar tua mãe?!

O «Vitória» partiu à tarde de quarta-feira. O rádio de bordo rompeu a Marcha dos Granadeiros. O mar desafiou-me com a grandeza de sua planície azul; mostrei-lhe então, do convés do «Vitória», o tamanho de minha ambição. Mas não foi por isso que não houve tempestade durante a viagem, que transcorreu dentro de cinco dias tranquilos. Afinal, o Rio...

Mãos à obra, Antunes, comandou-me a voz de dentro. Para ti, a glória é como a mulher ideal de D. Juan. Procura-a em qualquer ciência ou arte. Como era retórica a minha ambição! Dava-me entender desse modo que eu poderia conquistar, se o quisesse, qualquer ciência ou arte, e comprar a glória com a conquista. Pensei, assim, em conquistar a engenharia e a arquitetura. Eu, Fídias ou Bramante, ou o nosso Teixeira Soares. Pendi, em seguida, para as ciências sociais: economia política, ciência jurídica, finanças, geografia humana e, mirabile dictu, a sociologia, a tal rainha que hoje se está vendendo barato até aos conversadores de esquina. Olhei de sosiaio as ciências naturais, inclinei a vontade para as matemáticas. Disponha-me a ir às musas e concomitante companhia, quando o estômago protestou pão. Não só de pensamento vivem as vísceras. Dois meses de procura e o dinheiro estava no im. Urgia emprêgo, e imediatamente. Pensei, a princípio, em trabalho decente, de escritório ou repartição. Como não o conseguisse, passei a desejar o comércio, primeiro, como caixeiro; depois, como vassoura. Enfim, servir-me-ia mesmo ser garçon de café ou restaurante.

Não fui empregado de escritório, nem caixeiro, nem vassoura nem garçon. O que obtive foi trabalhar no Instituto Anatômico, por obra e graça do dr. Mendonça Madruga, filho da dona da pensão em que vim cair no Rio. Fora, de fato, um grande favor do bom moço, mas favor que muita vez me embrulhou o estômago. Meu mister consistia em encaixotar cadáveres destinados a estudo os anfiteatros. Os corpos vinham impregnados de formol e todos tinham a sua história. Esse indigente de barbas grisalhas e rosto cavado fôra rico outrora, na era de ouro da borracha. Em Belém do Pará acendeu cigarros com notas de quinhentos mil réis. No tempo da primeira guerra, veio para o Rio a fim de aumentar a fortuna. A mulher morreu-lhe da Espanhola. Ele faliu em 20. Os filhos lhe roeram a vergonha. A cachaca fez o resto. Que enorme descida para acabar naquele cheiro de formol!... Estoutro, corpulento, mas de corpulência

(Cont. na pág. 50)





SERAFIM GONÇALVES é o nome do dorido, de profissão sirguelro e capellista, morador na Rua do Loureiro, freguesia da Sé, na cidade do Porto.

Alli está a sua loja, bem afreguesada e conhecida em todo o reino. Assinala-lhe a entrada um chapéu de seda de copa afunilada, com sua five'a de metal na

frente e vistosa borla de codornilho azul a uma banda. De uma das almofadas da porta sobressai esta insignia, pendente ao longo e recurvo prego sobranceiro a outro prego mais encolhido, sobre o qual descansa melancolicamente segundo chapéu de lã cor de telha, oriundo de Braga, e tão bisonho como o imberbe de cabelo hirsuto e jaqueta de

cotim que amanhã virá comprá-lo, para complemento da sua *toilette* de viagem para o Brasil a bordo da barca *Tentadora*.

Na oposta ombreira da porta de Serafim ostenta-se uma meada de rosários de vitreas contas brancas e cor de vinho e, por baixo destas, ludibrio da inconstância dos ventos, uma dragona das milícias de D. Miguel e a amostra de uma franja de ouro falso.

Da padieira pendem, interpostos simetricamente aos rosários e ao chapéu de borla, um carapuço branco, um carapuço vermelho e uns sapatos de ourelos brancos e vermelhos.

Tabuleta não a tem, nem dela há mister. Os homens como Serafim não se atabuletam; são como os grandes livros, que não têm prólogo. Lá está a opinião pública para os apontar a dedo: aos grandes livros, para que não tenhamos trabalho de os ler; aos sirguelros, para que lhes compremos os barretes de dormir e as luvas de meio dedo.

Desde o Largo da Feira até ao chafariz da Rua Chã, nunca de memória de homens constou de aleive de ociosos ou murmuração de vizinhança que desabonasse a crassa honestidade do preclaro lojista.

Pois não é porque digamos que não tinha inimigos Serafim Gonçalves? Inimigos tinha, que toda a gente os tem, e um deles vou eu individuar, para que não diga o leitor que escureço ou aspe-

da biografia do meu herói, por inadvertência ou dolo, os lanços que menos frisam à glória da immortalidade a que o destino.

E' o sujeito sugerido Eusébio dos Anjos, tandeiro de grosso trato, homem de maço em pontos de negócio, certo nos pagamentos como um malho rodeiro e pássaro bisnau em debiques eleitorais, para os quais era sempre apurado com longa antecipação por quantos se propunham salvar a pátria nos bancos de S. Bento ou velar as armas da oratória no senado portugalense.

Principiou a desavença entre Eusébio e Serafim por uma questão de supremacia suscitada em uma procissão, na qual os dois concorreram, como membros que eram da mesma confraria. Cada um deles queria a todo o poder ir atrás do outro, à belra do juiz, que, de colarinho teso, passo cadencioso e bico de pé para fora, fechava o préstito com imunidade e garbo perfeitamente pontificais. Em virtude deste incidente se baralhou na Rua das Flores o religioso cortejo, porque os dois contendores chegaram a sair da forma estabelecida e meteram por entre o povo, Serafim recuando sempre com a ligeireza de um pardal e a contumácia de um muar espantado, Eusébio arremetendo com ele e procurando embargar-lhe o passo com a tocha já partida em três pedaços. Levaram finalmente a obcecção até ao repreensível extremo de se afeerrarem pelas opas,

Uma visita de pesames



e ainda agora andariam de rodopio para ficar um atrás do outro à esquina da viela do Ferraz, se o andador da ordem, de vela alçada e rôlo envolto na vela, não viesse, diligente Mercúrio com asas nos joanetes, impor-lhes, de mando do trovejante juiz, o preceito de recolherem ao ambulante olimpo, onde os esperavam os seus confrades, pesarosos do desluzte que a corporação advinha de semelhante desacato às leis vigentes das procissões.

Serafim e Eusébio correram esbofados a incorporar-se no renque do préstito e, sorrindo contrafeitamente, disseram ambos que não tinha passado de uma brincadeira aquilo.

Histórias! As gotas de pegonha que o caso havia opressido no coração de Eusébio orçavam em número pelos pingos de cera que a disordem lhe entornara na cabeça trabalhosamente anediada.

Não abriram porém as hostilidades o merceeiro e o capelista. Continuaram a cortejar-se e a apertar-m-se as mãos, como se nenhum caso de ruptura se houvesse dado. Ressentimento, se o havia, devolvia-se por condutos escusos no exame das aparências.

Nisto se aproximava o primeiro domingo de Maio, dia em que a mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa celebra a festa da sua padroeira e aclama os definidores que hão de entender na liturgia da sacristia e da igreja du-

rante o ano que nesse dia principia. Soubes Eusébio que fora Serafim convidado, pela mesa cuja administração ia findar, para fazer parte da mesa futura. Não sofreu o ânimo do merceeiro deixar-se suplantar nesta conjuntura, e, apresentando-se ao presidente da mesa desse tempo, ofereceu-se para ocupar igualmente um lugar de definidor, asseverando que estava pronto não só a pagar o que lhe tocasse para a festa de S. João, mas até, em caso de necessidade, a emprestar algum dinheiro à Irmandade, mediante o simples juro da lei.

Esse ato de abnegação foi devidamente ponderado em mesa e Eusébio eleito por unanimidade, consignando-se na ata o sucesso, colchado com algumas palavras de louvor ao desinteresse do novo mesário.

Com entranhado júbilo houve o merceeiro esta nova, e imediatamente comprou umas luvas brancas e uns reluzentes sapatos de verniz, mandando outrossim tingir de vermelho as mais finas meias de algodão branco que tinha e metendo antecipadamente algumas maçãs camoesas e alguns pés de verbena no gavetão das camisas e no do fato preto.

Eusébio era homem para as ocasiões e punha peito a aparecer na cerimônia da posse da mesa recendente de perfumes e deslumbrante de brilho.

— Também quero ver, — disse ele à esposa, que lhe estava lavando com espírito de vinho a gola da casaca preta, a qual, graças à imposição das maçãs na gaveta, tinha já concentrado no fio e nas ensanchas todo o cheiro que pode exalar um madureiro ou uma barraca de fruta, — quero ver, dizia, se o Sr. Serafinzinho me leva as lampas desta feita!

Chegou finalmente o dia grande e a hora tão de longe apetecida.

Serafim viu Eusébio na secretaria, já paramentado com o competente hábito, e logo correu para ele chamando-lhe "colga" e abraçando-o com sombra de fraternidade cordial.

O merceeiro por mais de uma vez se referiu depois a este abraço, comparando-o ao ósculo que, segundo ele, fôra dado por Judas a Cristo.

— Vamos, senhores, toca para a igreja, que já lá estão os músicos e os capelães da casa à nossa espera, para se principiar a aclamação e passar ao *Tedeum*! — disse o secretário da Irmandade, que, nesse momento, chegou à secretaria, trazendo arrogantemente arregaçado o hábito e escrito na fisionomia esse impaciente império comum aos generais no campo da batalha e aos mestres de cerimônias em qualquer festa de igreja. E, em seguida, metendo debaixo do braço o grande livro das atas e puxando para fora do queixo as pontas do coleirinho, acrescentou, majestosamente enfadado:

— Vamos! Siga tudo e haja ordem!

Dai a alguns minutos, o mestre da música, com o ôlho arregalado na porta lateral da igreja, erguia no côro a batuta. Era a prevenção para o instrumental. A Irmandade rompeu logo em passo grave pelo templo acima ao som do hino da Carta, tângido no bombo e nos pratos e bufado nos clarinetes e nos metais pelos conscienciosos pulmões de capela acreditada.

Um dos coretos do templo vergava ao sobrepêso da grande e ponderosa família do negociante Eusébio, constante da mulher, cinco filhos de um e outro sexo, um calzeiro e três rapazes da loja. Grande e entusiástico foi o júbilo que em todos aqueles corações verteu o aspecto festivo e vitorioso do patrão da casa, cuja importância um pntendo *ultra modum*, as orlhudas pontas da gravata e as meias cor de rebenta-boi levantavam a cavaleiro de toda a demais pompa de festividade.

A mulher de Eusébio, tal guinada de orgulho lhe subiu à cabeça, tanto se esganicou, tanto se desafrontou para fora do parapeito que, sem nenhuma dúvida, teria malhado do coreto abaixo, se uma providencial coincidência não obrigasse ao mesmo tempo as crianças a restabelecerem o centro de gravidade

pendurando-se-lhe ao vestido para logrem a visão do pai triunfante.

Abançou a Irmandade na capela-mor do lado do Evangelho, estando aberta ao lado da Epístola a tela das cátedras, onde sucessivamente iriam tomar assento os mesários aclamados.

Eusébio ficou sentado em um dos principais lugares, medindo com a vista e espicacando com um sorriso, que se esforcava em ser cruel, a pessoa de Serafim, hipocritamente encolhida e já calculadamente amadorrada no couce da corporação.

Destacou-se então o secretário para lugar reservado ao caso no centro da capela-mor e de lá figurou para o côro um régio aceno, brandindo alto na destra o livro das atas.

— Pum! Pum! — respondeu-lhe o bombo de cima com uma pancada seca, e logo estacou a música, e profundo silêncio se espalhou no templo cumulado de devotos.

O secretário tossiu, deu outra demão aos petulantes bicos do coleirinho, tirou do cinto um lenço branco do tamanho de uma toalha de mãos, d-sdobrou-o, deu ao nariz um torção "pro forma", enxugou na fronte um suor hipotético e principiou assim:

— Ao sétimo dia do mês de Maio de o ano de mil oitocentos, etc., etc.

E, depois de haver lido com desassombro e r-ppenizado entono os nomes do novo presidente e do secretário, cada um dos quais separadamente, subiu com ar solene e ao som da música a oscular o altar, tomando depois assento nos lugares que lhes estavam designados na tela, mui vistosa de alegres palmas e garridos bambolins; depois disto, dizemos, tornou a tossir o secretário e pregou:

— Tesoureiro o nosso caríssimo irmão o Il.º Sr. Serafim Gonçalves!

Era esse o golpe fatal que Serafim, com diplomático sêgrêdo, preparava para espalmar o orgulho tonto do seu vizinho da Rua do Loureiro.

Segundo se podia previamente conjecturar, foi terrível para Eusébio o efeito d'este lance!

Ao nome do ilustre tesoureiro, espirrou a orquestra uma polca, e Serafim, erguendo-se e traçando a capa com trágico meneio, saiu compassadamente a trilhar os trâmites rituais da posse.

Quando, ao perpassar por Eusébio, o retorseiro lhe disse, sorrindo: "Até logo, colega!" nenhum termo traduz o ódio cujos fogachos anuviaram a vista do merceeiro. Se, em vez de um círio, Eusébio tivesse na mão o seu cacete das campanhas elitorais, nem o respeito ao lugar nem a consideração dos trabalhos em que se metia o empeceriam de abrir nesse momento um insondável abismo entre o seu colega e a tesouraria da venerável Irmandade!

Quando o secretário chegou ao tardio nome de Eusébio dos Anjos, o homem tinha empedrado. Foi preciso que o definidor contiguo, que era o último, o tocasse de trás, dizendo-lhe:

— Não tenha pejo, sor Eusébio, ande para a frente, que se está perdendo a gaitada!

O merceeiro foi cambaleando até ao altar, fazendo uma figura que supinamente desgostou a esposa e a família.

Ao voltar-se de novo para o corpo da igreja, encarou Eusébio com o vizinho Serafim, sentiu segunda vertigem, deu-lhe de chapá a luz do sol poente nos olhos míopes, turvou-se-lhe o juízo e a vista, tropeçou em um dos meninos de côro aninhados nos degraus que sobem para o altar-mor e caiu pelas escadas, juntamente com a espeznhada criança que se lhe atravancara nas tibias, tão mal empregadamente vestidas da brilhante cor de rebenta-boi!

Depois d'este infausto sucesso, recebeu Eusébio da pessoa de Serafim as mais obrigativas provas de consideração e estima.

Não podia desconsiderá-las um ânimo bem criado.

Eusébio dos Anjos recatou no peito o ressentimento da afronta e efectuou boa sombra ao retroseiro. Sempre, porém, que este lhe saía da loja de alguma visita, sentia Eusébio amargos de

bôca, e muita vez pegou no pau de prego na ponta destinado a despendurar do teto as velas de sebo e bateu com ele para cima. Abria-se então um pequeno alçapão destinado a pôr em comunicação imediata e breve os dois cônjuges e os dois pavimentos da casa e Eusébio dizia à mulher com voz soturna.

— Um chá de cidreira, que não estou bom!

Antes de entrar agora no caso fúnebre que me propus narrar, apresentarei particularmente ao leitor o Sr. Serafim Gonçalves, que é o dorido, como supradito ficou.

Serafim deve ter cinquenta anos... meia idade, meia carne, meia altura; em tudo um termo médio, muito perfeito sim, mas pouco vistoso. No primeiro aspecto figura-se vulgar, examinada de perto e com vagar principia a revelar-se peregrina a figura do retroseiro. Como a todas as obras de apurado acabamento, cabe a Serafim a crítica imponentemente cognominada de *detalhe*, no venerável vasconço dos sábios.

Queiram afirmar-se neste cabelo do meu herói. Aparentemente descurado, que artístico estudo e engenhoso trabalho não está ele modestamente denunciando no seu enredo desluzido de pomadas e óleos! Não menos de três riscas lhe compõem a decorosa composição. A primeira, quasi paralela e contigua ao cabelo da sobrecasaca, deixa para o toutigo um como froco da largura de dois dedos, lançando para cima do osso coronal as restantes madeixas. A segunda, aberta por cima da orelha esquerda, permite sobrepor nova camada de cabelos aos que vieram do occipício para o alto da cabeça. A terceira, oposta à segunda, mas dizendo em tudo com ela, serve iguais intuitos, impondo à fronte majestosa terceira e última dose de mais cabelo.

Quem se atreveria a meter ponta de suspeita nesta ponderosa obra do pente do retroseiro?... E todavia — quanto és onnipotente, ó arte! — Serafim, apesar do seu triplice topête, só tinha cabelo por cima das orelhas e por debaixo da nuca!

Há cabeças que são por dentro como a de Serafim por fora. Conheço sabedorias como este crânio, com três riscas, com três camadas de cabelo, e calvas por baixo de tudo!

Também são dignas de menção as mãos de Serafim, vermelhas, alentadas e tumbidas como acervo de empoladas friliras, as quais, desde o S. Miguel até ao Maio, aí residem invariavelmente com a pertinácia de moluscos em penedo rebeijado da mais gorda substância das marés. Não repinto mais este acessório. Uma frieira, uma unha esmagada ou um p-queno aleijão num dedo bastam cada um de per si para caracterizar uma mão e um indivíduo. Serafim não tinha hos dedos nem aleijões nem unhas; tinha frieiras e sabugos.

Se ao conhecimento das mãos e da cabelreira de Serafim Gonçalves tiver o leitor a bondade de reunir os essenciais elementos de uma olhadura pequenina e buliçosa e um nariz hiperbolicamente longo, descaído para cima do beigo, melancólico e solene como a tromba de um elefante, fácil será depois à sua perspicácia tirar pela unha o gigante e sobre estas bases levantar *in totum* o vulto do protagonista d'este drama tenebroso.

Serafim era uma dessas criaturas fadadas para o amor...

Pois quê! Queriam o amor só para languescer nos sofás de tépidos camarins, entre luzes, flores e perfumes? Não o admitem senão de bigode negro e face pálida, de casaca de baile e luvas cor de pérola, beijando-lhes os dedinhos debaixo de um caramanchão de balsaminas, volteando numa valsa vertiginosa, trotando num cavalo inglês ou cismando balouçando num *coupé*, entre almofadas de gorgorão?...

Não, minhas estimáveis senhoras! Não pode ser assim. O amor é de todas as idades, de todas as profissões, de todas as estaturas, de todos os traços. Não se monopoliza a paixão para tornar interessantes unicamente meia

(Cont. na pág. 50)

COMEÇOU mudando de cidade. Naquela época, Catanduva principiara a prosperar. Depois, vivia lá um conhecido fazendeiro, velho amigo da família que se prontificara a auxiliá-lo. E, mudança em cima do caminhão ela se lembra do dia em que todos partiram. Sua mãe, a figura loura, alta, meio magra — os olhos avermelhados de tanto chorar. As despedidas... Como ela detestava as despedidas! Os adeuses que perdiam toda a emoção quando muito chorados e muito falados...

Todos partiram, menos ela. Por que, afinal, não fôra também? Por que, nenhuma força humana conseguira afastá-la dali da casa da avó, do colo macio da velhinha querida? Porém, nada conseguira movê-la. Tanto assim que nem a mãe insistira muito. Sabia que ela lhe pertencia muito pouco. Muito pouco... E, lá se foram eles. As duas irmãs, tão bonitinhas, os olhos tão azuis que pareciam gôtas de anil e a mãe numa jardineira que fazia o percurso entre as duas cidades. Partiam em busca de progresso e fartura e futuro principalmente. Por um momento, a visão lhe chegou mais nítida — no grande caminhão os móveis misturados aos colchões e sobressaindo naquela estranha confusão aquela mancha rosa do edredon assetinado. Foi tudo quando aquelas quatro rodas se movimentaram, levantando poeira. Foi tudo. Um pouco de vida. Um pedaço de vida jogado fora como um gomo chupado de laranja.

★
Si ela tivesse que dizer com certeza o que sentira, talvez não soubesse bem. Tristeza vaga? Nostalgia? Uma opressão no peito. Um pêso. Um vazio ao relancear os olhos pelo salão outrora alegrado pelas côres bonitas dos automóveis. Uma quase sensação de medo ao ver as máquinas paradas, os homens ausentes, como si fosse domingo. Os homens ausentes como que fugidos... "Voltem, voltem. Não abandonem meu pai!". Porém, eles não ouviram. Eles não ouviram porque aquele grito de angústia não tivera forças para sair do seu peito pequenino...

Abriu então o portãozinho que separava a oficina da casa e pôs-se a olhar o nome do pai pintado em letras azul rei na parede muito branca. "Garage mecânica de..." Ah! não queria recordar, não. Deu a volta e parando na frente, sentou-se na soleira da porta e ficou vendo o dia em que ela, a irmã e a Nair foram tirar retrato vestidas de anjo. Calculem: vestida de anjo, um diadema com uma estréla de metal brilhante e dourada. A túnica branca, plissada e enfeitada com estrelinhas iguais às que se colocam na mortalha dos "anjinhos" que passam desta para melhor vida. As sandálias abertas como as dos missionários que tinham sido feitas pelo Gumerindo. E feitas sob medida... E, a pôse? Um braco levantado mostrando o céu aos olhos também erguidos em atitude de adoração. Tudo isto em plena rua. Um cobertor servindo de fundo, para cobrir as manchas esverdeadas do muro. Um fotógrafo ambulante que pensava que ela ainda podia acreditar naquela velha história de que havia um passarinho dentro da câmara escura. Bôbo. Bôbo. Bôbo. Três vezes bôbo...

De repente, levantou-se num sobressalto. Só agora sentia o sol. Ele fôra chegando de mansinho e já se fazia quente. Então, começou a descer a avenida. A calçada estava quente também. Um pó vermelho levantava da terra. A grama e o mato da beirada estavam secos. Incrivelmente esturricados. Atravessou o "jardim misterioso". Parecia inacreditável que tamanha "marmanjona" não soubesse ao

(Cont. na pág. 54)

Ilustração de **ABELARDO ZALUAR**

RETRATO DE ANJO

MÚSICA

A LOCOMOTIVA E O SOPRANO — ROSSINI NÃO SABIA...
— DO "CABARET" À ÓPERA — SIDOR BELARSKY E
VISHNEVSKA

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

SIDOR BELARSKY

"La Forza del Destino" teve um destino curioso... Preparada por Verdi, para atender a encomenda de Alexandre II, czar da Rússia, estreou esta ópera no Teatro Imperial de S. Petersburgo, sendo acolhida com frieza. Isto porque os compositores nacionais, invejando a distinção conferida a Verdi, trataram de prevenir o espírito do público. Já a Espanha, onde, mais tarde, foi apresentada a ópera, consagrou-a desde a estréia, em Madrid. O fato mais curioso que ficou ligado à história de La Forza del Destino, porém, foi a estréia de Rosa Ponselle no Metropolitan. Aquela extraordinário soprano, cuja passagem pelo principal teatro americano fez época, apresentou-se ao público americano ao lado de Caruso e De Lucca, vencendo a prevenção dos que não acreditavam no seu talento. Essa prevenção, que, então, se revelou infundada, baseava-se, contudo, num fato incontestável: Rosa Ponselle subia à ópera, depois de celebrar-se nos "cabarets", onde cantara música popular com sua irmã

Carmela. Nem ela, nem Grace Moore, entretanto, gostavam de que se falasse no início de sua carreira, pois Grace Moore viera para o Metropolitan, depois de fazer sucesso no gênero "hot".

Pois foi precisamente em "La Forza del Destino", que Sidor Belarsky, baixo russo, que, mais tarde, deu vários recitais nesta capital, chamou a atenção da platéia carioca. Dotado de voz extensa e bem espostada, Sidor Belarsky aplica-a com sensibilidade e finura à interpretação de um repertório variado, enfrentando tanto o gênero lírico, onde se destaca, também, na parte cênica, como a música de câmara, cantando em vários idiomas.

Sidor Belarsky é, ainda, um extraordinário intérprete de canções hebraicas.

Dispondo de um elenco dessa ordem a Sociedade Artística Internacional poderá, realmente, proporcionar os artistas de que estamos necessitando para compor uma temporada de elevado nível e compensador rendimento, permitindo, assim, que se desenvolvam as nossas pobres organizações de cultura musical.



VALENTINA VISHNEVSKA

QUANDO perguntaram a Rossini se havia um papel para soprano ligeiro na ópera que estava compondo, ele respondeu:

— Na verdade eu não sei.

E, diante do espanto dos que o ouviam, esclareceu:

— Sim, é, realmente, imprevisível o futuro da obra de um compositor na mão dos intérpretes. No Barbeiro de Sevilha, eu destinei a personagem Rosina a um contralto. No entanto, os sopranos tomaram conta dele... Já não ouse afirmar nada. Cantará minha música quem quiser...

Encerrando o assunto, com um gesto impaciente, disse ainda:

— Eu preciso é ganhar minha vida. Os cantores são, mesmo, umas criaturas estranhas e cheias de caprichos.

Estou certo, porém, de que, caso Rossini ouvisse o Barbeiro de Sevilha interpretado por Valentina Vishnevskaya, reconciliar-se-ia com os sopranos que tomaram conta de sua Rosina. Em Paris, Vishnevskaya, que fez parte da Ópera de Berlim, cantou, com Challa-pin essa ópera. E Adolphe Boschos escreveu sobre essa noite memorável: "Nas alturas em que muitas vezes se assemelham ao apito de uma locomotiva, Vishnevskaya mantém o timbre suave e avulso de sua voz". Em Berlim, em Paris, em Bruxelas e depois nos Estados Unidos, Vishnevskaya foi acumulando triunfos. Na América despertou o en-

tusiasmo de Serge Koussevitski que se referiu a ela nestes termos, depois de contratá-la seis vezes como solista da Orquestra Sinfônica de Boston: "Magnífica artista dotada de raras qualidades, grande musicalidade e belíssima voz."

SOCIEDADE ARTÍSTICA INTERNACIONAL

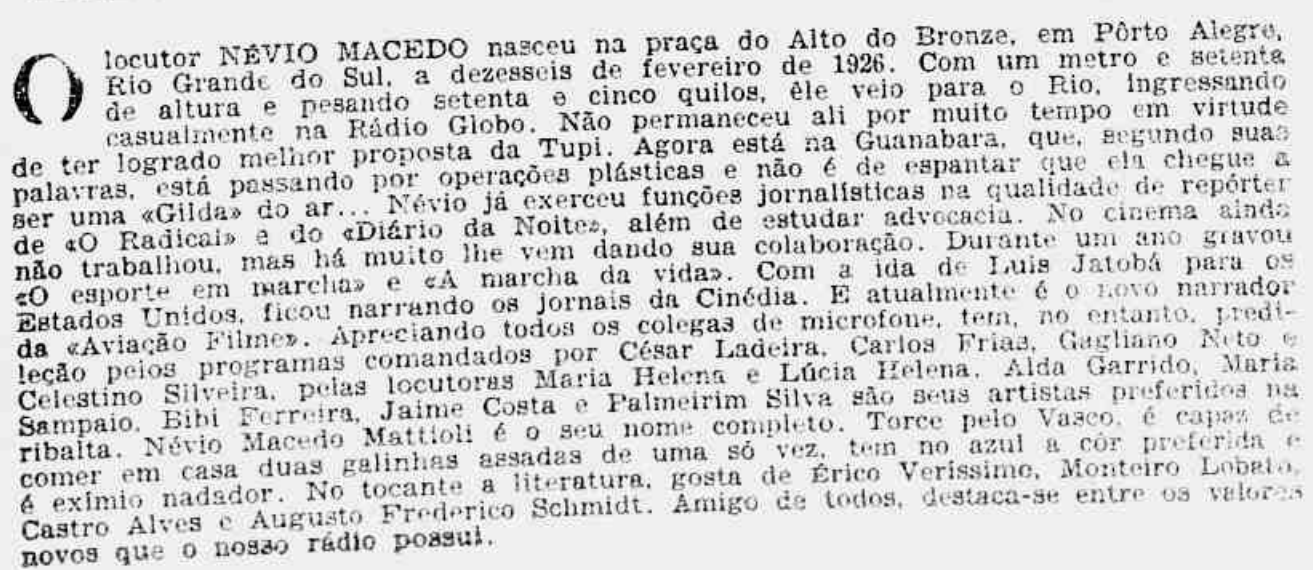
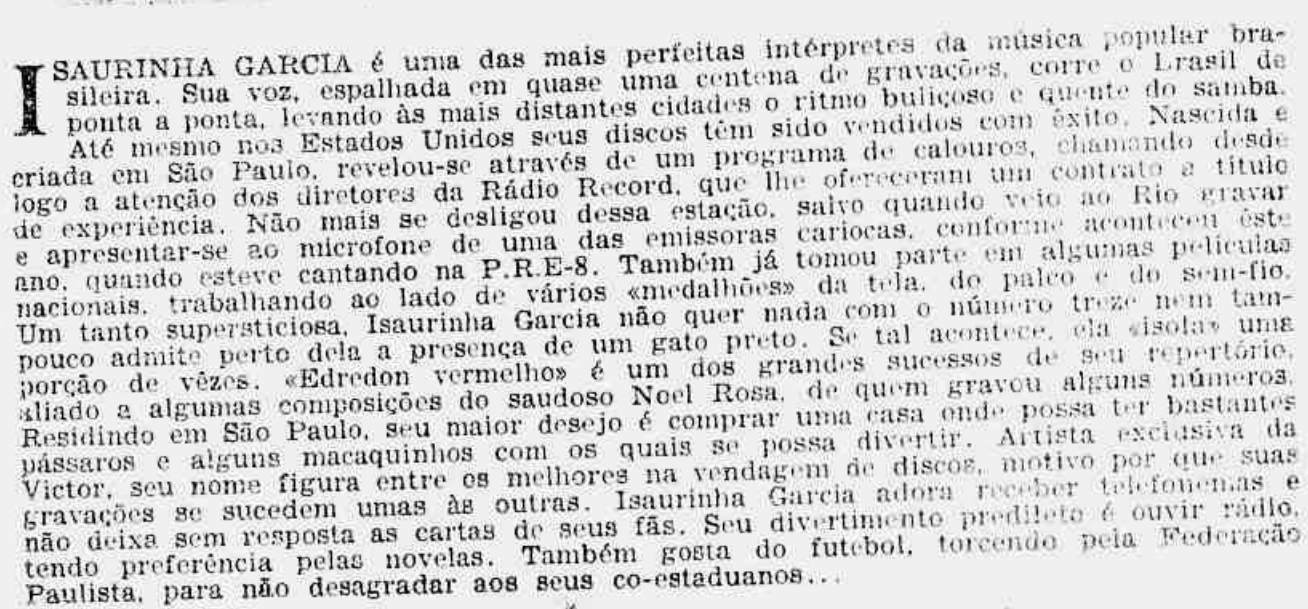
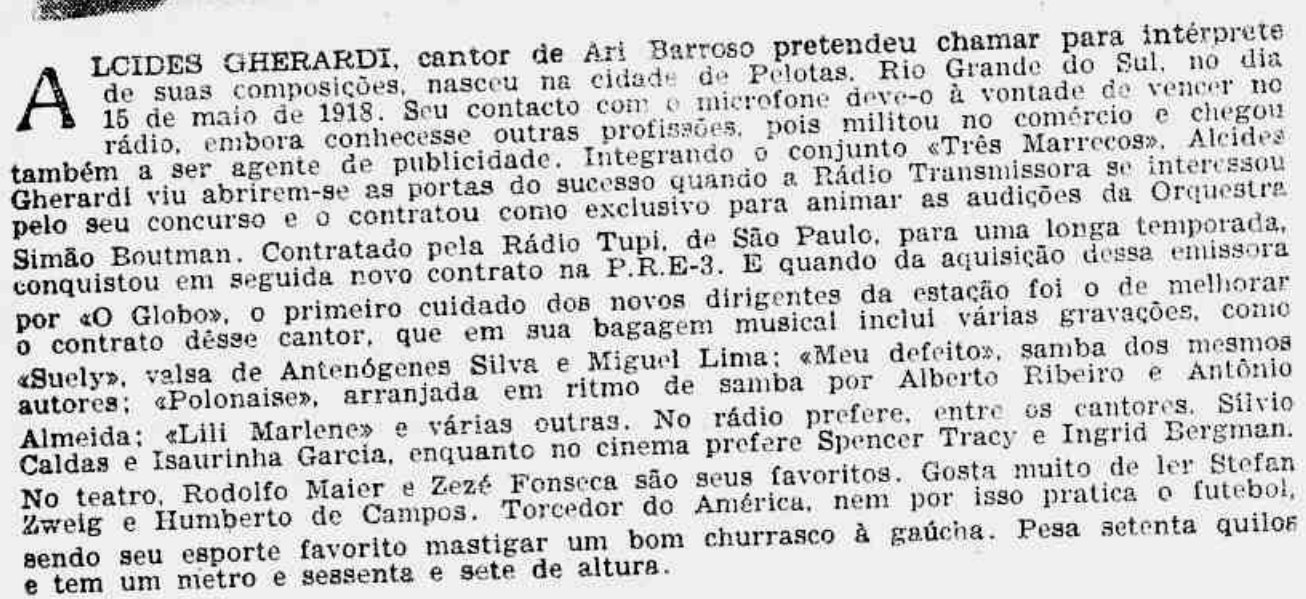
Precisamente agora que o nosso meio musical, desenvolvendo-se, começa a exigir novos artistas, selecionados dentre os mais destacados, a Sociedade Artística Nacional está destinada a exercer uma função de grande relevo. Os recursos desta organização, articulada com os grandes centros de atividades musicais, permitem aos seus diretores estender até a Europa a sua ação e trazer, do velho continente, como da América do Norte, as figuras que nos visitarão, passando por Belém, João Pessoa, Recife, Salvador, Rio, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre. A Sociedade Artística Internacional, aliás, é que tem trazido alguns dos principais artistas apresentados pela Associação Brasileira de Concertos, como Claudio Arnan, que aqui está, agora, já tendo visitado outros Estados do Brasil.

Na constelação de que a S. A. I. dispõe para este ano, figuram Alexandre Uninsky, Anatole Kitain, Robert Kitain, Bernardo Segali, Jacques Thibaud, Eric Landerer, Nikita Magaloff, Nybla Marinho, Quarteto Lerner, Gaspar Cassado, Poesliff.

ROAMER
17 RUBIS

RELÓGIOS DE PRECISÃO
DE OURO, FOLHEADOS
E AÇO INOXIDÁVEL

EM TODAS AS RELOJOARIAS DO BRASIL



DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especial-
EM QUATRO mente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

A VIDA DE LEÃO TOLSTOI

(LEO TOLSTOY — 1828-1910)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

TOLSTOI foi um desses raros indivíduos que, em vez de elevar-se das massas devido à sua ambição superior, desceu voluntariamente até elas devido à sua compaixão superior. Como Buda, outro grande homem que se abaixou para vencer, Tolstói era descendente de uma antiga família de príncipes. Um dos seus antepassados fora companheiro íntimo de Pedro o Grande. Nascido em Yasnaya Poliana em 1828, perdeu sua mãe quando tinha dois anos e seu pai quando contava nove. Com seus dois irmãos e suas duas irmãs foi entregue aos cuidados de uma parente distante, «tia» Tatiana. Essa senhora tinha duas virtudes notáveis — «serenidade e amor»; e tinha um grande defeito — gostar da companhia de romeiros idiotas que ela julgava místicos e santos.

Ouvindo as histórias contadas por esses romeiros, Tolstói adquiriu bem cedo um gosto pela metafísica que jamais conseguiu abandonar inteiramente. Até o fim de sua vida foi dado a devaneios e a especulações místicas que frequentemente nublavam o vigor de um dos maiores cérebros do século XIX.

Tolstói não foi aluno brilhante. Longe disso. Os professores costumavam dizer, com referência aos três irmãos Tolstói: Sergei tem boa vontade, e é capaz; Dmitri tem boa vontade, mas não tem capacidade; Leão não tem nem boa vontade nem capacidade.

Mas seu modo de encarar a vida era extraordinariamente sério. Já aos cinco anos chegara à conclusão de que «a vida não é um divertimento mas uma tarefa muito pesada». Aos 16 anos perdeu a fé na Igreja Ortodoxa (Gregá). Seguiu-se um período de peregrinações filosóficas pelo «deserto da adolescência», como ele dizia. Passando da religião ao agnosticismo e deste ao niilismo (descrença absoluta) che-

gou finalmente à beira do desespero. Tinha então 19 anos de idade.

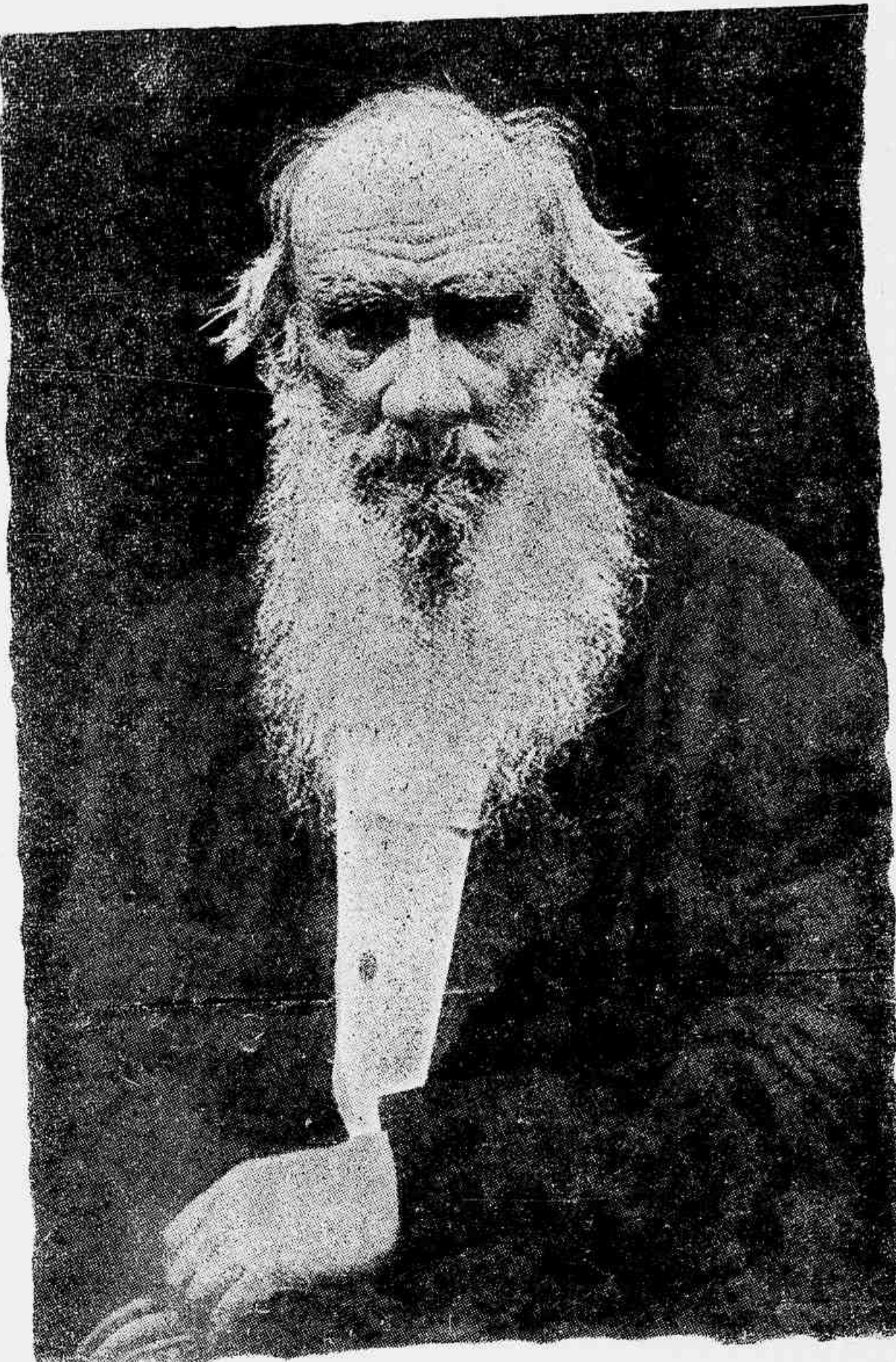
Sua infelicidade era devida, em grande parte, ao seu físico nada atraente. Tinha um desejo imenso de ser admirado. «Eu queria ser conhecido e amado por todos», escreveu em seu diário. Contudo, acreditava que não podia haver felicidade na terra para os que, como ele, eram grotescos. Seu rosto era «feio como de um gorila», olhos pequenos e fundos, fronte baixa, beizola, nariz abatado, orelhas enormes. Tinha o espírito de um Ariel no corpo de um Caliban. Doía-lhe tanto sua fealdade que resolveu acabar com a vida.

Felizmente mudou de idéia e procurou o esquecimento temporário da dissipação em vez de recorrer ao esquecimento permanente da morte.

Depois, um belo dia descobriu Rousseau.

Esta descoberta foi o tônico de que necessitava no momento. Reconciliou-o com sua fealdade, e abriu-lhe os olhos aos encantos da natureza. Rejeitara a religião da Igreja. Adotava agora a de Rousseau. Passou a adorá-lo como a um deus. Uçava seu retrato num medalhão que trazia ao pescoço, como se fosse uma imagem sagrada.

Inspirado na filosofia de Rousseau, escreveu seu primeiro romance, «Um proprietário russo». Nele abordou o problema que o iria preocupar durante toda a vida: o eterno conflito entre o ideal do profeta e a indiferença do público. O herói do romance, o príncipe Nekhludov, deixou a universidade para ajudar os seus camponeses. Mas como acontece com a maioria de outros párias da sociedade, os embrutecidos camponeses de Nekhludov preferem permanecer no seu desamparo. São capazes de compreender um tirano que os castigue fisicamente, mas dificilmente aceitam um senhor que se mostra bondoso para com eles. Evitam-no,



Leão Tolstói, o famoso autor de «Guerra e Paz», «Anna Karenina», «Hadj Murat» e tantas outras grandes obras.

ridicularizam-no, vêem com suspeita sua ajuda espontânea, consideram-no um espião, um biltre, um parvo — tudo, menos um homem que está apenas procurando mostrar-se amigo.

Nekhludov é derrotado. Senta-se ao piano e fere as teclas. Não tem queda para música. Mas sua imaginação compõe a canção que seus dedos inábeis não conseguem executar. Ouve um côro, uma orquestra... O passado e o futuro se amalgamam numa realização triunfante de seu sonho.

Em sua imaginação vê os camponeses, os mujiques, não apenas em toda a sua fealdade, mas também em toda a sua simpatia. Perdoa-lhes a ignorância, a preguiça, a obstinação, a hipocrisia, a desconfiança. Agora não se limita a olhar para eles; senão que olha dentro deles. Vê seus sofrimentos, sua paciência, sua disposição alegre, sua calma aceitação da vida e sua corajosa resignação em face da morte.

«E' belo», murmura. Embora rejeitem a ajuda que lhes oferece, ele agora os compreende e com eles simpatiza. Todos são irmãos, ele e seus camponeses, carne da mesma carne e sangue do mesmo sangue — uma multidão de indefesos mujiques vivendo, mourejando e morrendo sob o látigo do impiedoso Proprietário, o Destino.

II

Em 1851 Tolstói tinha perdido todo o seu dinheiro no jogo e fugira para o Cáucaso, para livrar-se dos

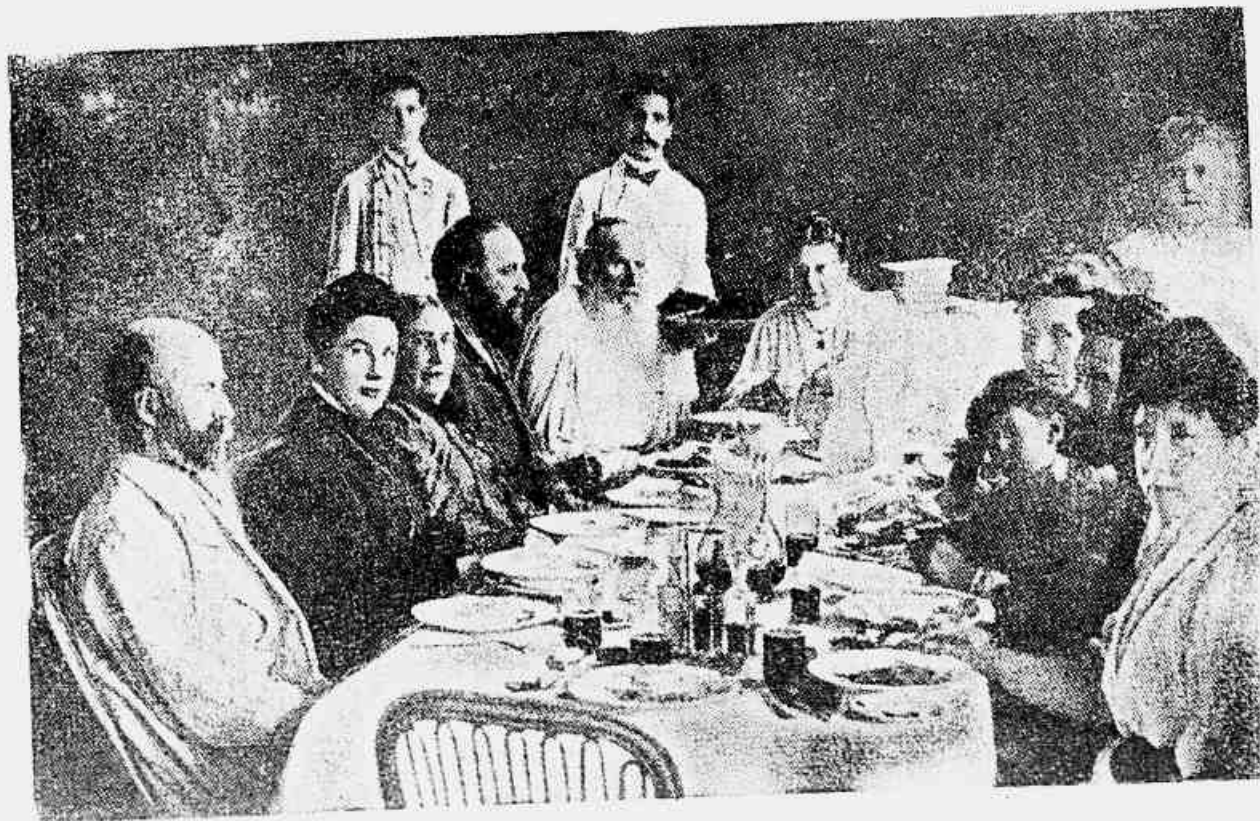
seus credores. Alistou-se no exército onde seu irmão já era oficial.

Aos 19 anos Tolstói cortejava a morte. Agora, aos vinte e três, acreditava firmemente na vida. Deixou atrás suas dúvidas filosóficas e seu esmagador senso do pecado. Mais uma vez interessou-se pelo misticismo... e pelas mulheres bonitas. Como o jovem Fausto, aceitava o mundo e julgava-o um brinquedo interessante. Todas as experiências eram boas desde que aumentassem a soma dos seus prazeres. «Está tudo bem», escreve em «Os cosacos». «Divertir-se com uma garota bonita não é pecado. E' apenas um sinal de boa saúde».

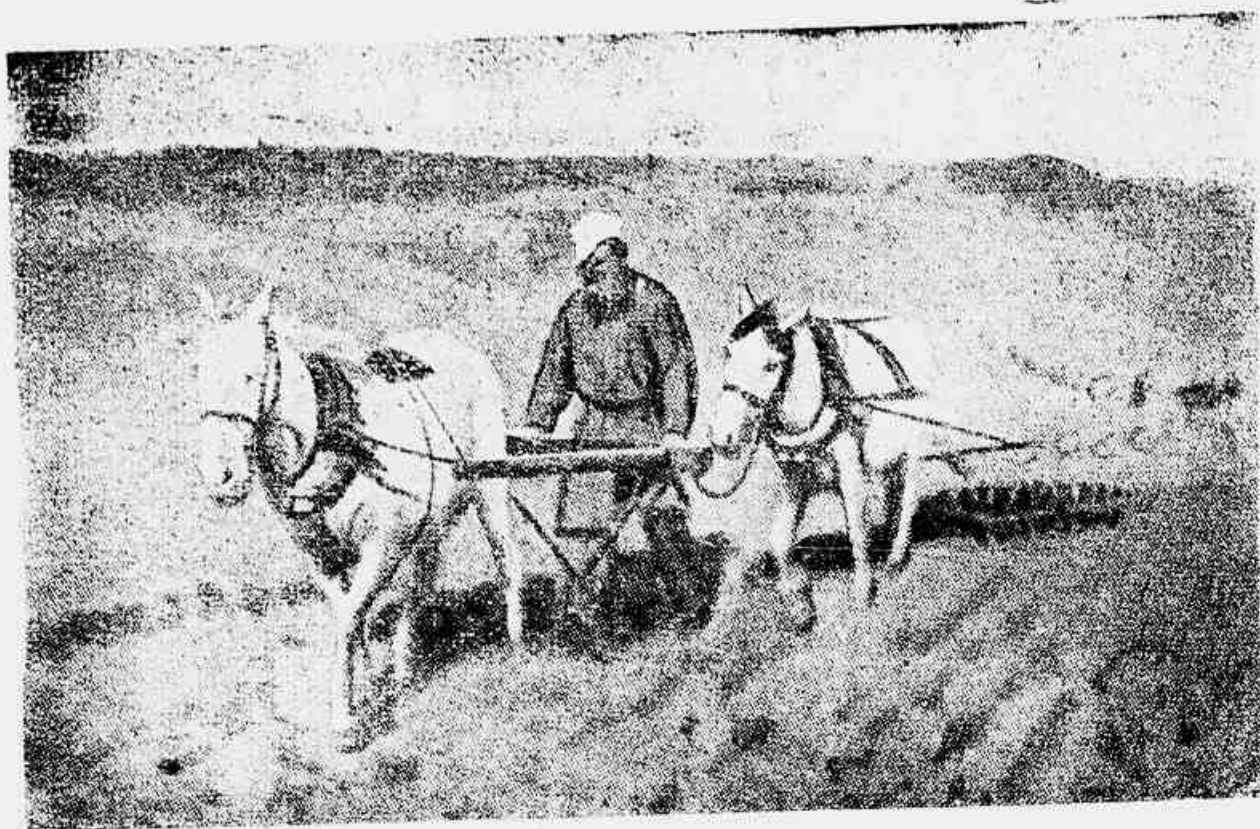
Aprofundou-se no encanto das montanhas, lutou, jogou, amou e criou obras-primas de realismo poético. Histórias de infância, de guerra, romances sobre cosacos, ensaios, cartas, uma torrente de narrativas lhe escorria da pena a breve trecho.

Absorto em seu trabalho literário, pouca atenção prestava aos deveres militares. Gostava de mais da criação para tomar interesse muito grande pela destruição. Embora ainda ufano de sua farda, com suas belas medalhas e seus botões de metal já começava a enxergar a guerra nas suas verdadeiras cores. Em «A invasão», obra escrita aos 24 anos, lançou seu primeiro grito de protesto contra o militarismo:

«Será então impossível aos homens viverem em paz neste mundo tão belo debaixo deste incomensurável céu estrelado? Como podem eles,



Tolstói e sua família, em sua casa de Yasnaya Poliana.



Tolstói ao arado, lavrando o campo.

num lugar como este, guardar sentimentos de ódio e de vingança e a ânsia de destruir seus semelhantes? Todo o mal que há no coração humano devia desaparecer ao contacto com a natureza, essa que é a expressão mais imediata do belo e do bom.»

Até então, em suas manobras militares, ele vira apenas a imagem da guerra. Em 1853, porém, viu a verdadeira guerra. A Rússia abriu hostilidades contra a Turquia, e Tolstói fôra convocado para fazer «a sua parte», para a maior glória do czar.

A princípio arrastou-o seu fervor patriótico. Com os outros jovens rusos, de repente ele se tornou selvagem. Uma onda de frenesi místico envolveu-o. Matou os turcos e agradeceu a Deus sua assistência nessa matança.

Logo, porém, se sobre pôs à volúpia assassina. Escreveu três livros durante a guerra da Criméia. O primeiro é uma explosão de chauvinismo. No segundo ele fala com tristeza no trucidamento mútuo de seres humanos. No prefácio ao terceiro, condena os dominadores do mundo por transformarem seus súditos em simples postas de «carne para canhão».

Quanto mais examinava a guerra, mais claramente via quanto ela é hedionda. Doravante ele se dedicaria a uma guerra à guerra. Essa sua batalha havia de abarcar o mundo, de tão extensa. A 5 de março de 1855 escreveu em seu diário:

«Fui levado a conceber uma idéia grandiosa para cuja realização sinto-me capaz de dedicar toda a minha vida. Esta idéia é a fundação de uma nova religião.»

A religião da passividade, da fraternidade internacional, da paz universal.

III

Em 1856 Tolstói deixou o exército e voltou para S. Petersburgo (Leningrado). Antes dele, chegara ali a sua fama de soldado e escritor. Tornou-se imediatamente a primeira figura literária da cidade. Os autores e artistas mais destacados acolheram-no em seu círculo íntimo. Tolstói, porém, percebeu que eles eram apenas um grupo pouco simpático de pedantes. Tinham-se na conta de eleitos, de super-homens intelectuais do seu tempo, glória e

coroa da criação. Escreviam apenas para as classes cultas e consideravam o resto da humanidade incapaz de compartilhar suas idéias elevadas. Mas a atitude de Tolstói era exatamente a oposta a esta. Para ele a literatura era uma religião, um evangelho de beleza e sabedoria que deve tornar-se propriedade comum de todos. Por isso, em vez de escrever para entretenimentos de alguns, escrevia para educação de muitos.

Trabalhando para o povo comum, não se iludia a respeito de sua inteligência. Conhecia perfeitamente o seu aspecto «bestial e desprezível». Mas, como o príncipe Nekhludov, percebia que eles estavam instintivamente caminhando para a luz, bem que às apalpadelas. Esperavam apenas um guia, um mestre, um homem que lhes mostrasse o caminho. «Aproxima-te do povo para aprenderes o que ele deseja... Trata de compreender suas necessidades e ajuda-o a satisfazê-las».

Abriu uma escola para os camponeses em Yasnaya Poliana. Nela procurou ser não um mestre mas um discípulo. Pois afirmava que todos eles não eram mais que crianças tentando soletrar as primeiras palavras no misterioso livro da vida.

A escola foi fechada pela polícia, e Tolstói foi aconselhado a deixar os camponeses na sua ignorância. Seguiram-se meses de doença e desalento. Dois dos seus irmãos morreram tuberculosos, e Tolstói suspeitou estar ele próprio atacado do mesmo mal. Perdeu a fé «na bondade, em tudo». Mais uma vez começou a pensar no suicídio.

Dessa vez foi salvo por sua arte e por seu amor a Sofia Andreyevna Behrs, jovem de 17 anos.

Casou-se com essa criança, tendo exatamente o dobro da idade dela, e entrou numa fase de completa felicidade que durou quase cinquenta anos. Possuindo ela própria qualidades invulgares, a condessa Tolstói tornou-se, para usar uma expressão sua, a verdadeira «esposa de um escritor». Escrevia o que o marido ditava, estimulava-lhe a imaginação, animava-o, copiava penosamente seus manuscritos e serviu de modelo para algumas de suas personagens mais encantadoras.

Sob o influxo dessa felicidade, Tolstói escreveu duas de suas maiores obras-primas: a tragédia da paixão individual («Ana Karenina») e

a epopéia do sofrimento universal («Guerra e paz»).

Na história de Ana, esposa de Karenin, Tolstói desenvolve o tema do poema de Goethe: «Os poderes celestes nos dão a vida; obrigam-nos a pecar; e nos abandonam ao nosso pecado e à nossa dor». Durante os oito primeiros anos de sua vida matrimonial, Ana é fiel ao marido e feliz no amor a seu filhinho Serozha. A criança adora-a como a uma deusa. Tudo continuaria bem, não fosse uma visita de Ana ao seu irmão Stepan, em Moscou. Ai, na sociedade alegre e pouco sensível da nobreza russa, ela conhece o conde Vronsky, jovem maneiroso, belo e rico, que gosta de um bom cavalo, de uma boa luta e de uma mulher formosa. Ana Karenina e o conde Vronsky sentem-se mutuamente atraídos.

Ana não é a primeira conquista de Vronsky. No mesmo momento em que a conhecia estava envolvido numa aventura amorosa com Kitty, cunhada de Stepan, jovem bonita e popular que acabava de ser apresentada à sociedade de Moscou. Kitty tem muitos admiradores, mas prefere dois acima de todos — Vronsky, a quem ama, e Konstantin Levin, a quem admira.

Konstantin, um fidalgo russo, é um jovem próspero e sério, de men-



A condessa Tolstói, em 1860, antes do seu casamento.

talidade céptica. «E' incapaz de crer e igualmente incapaz de descrever». Espectador impassível e displicente, assiste à tragédia que se desenrola diante de seus olhos. Observa que Ana e Vronsky aproximam-se inelutavelmente um do outro. As duas vítimas têm consciência desse fato e, no entanto, nada podem fazer para impedi-lo.

Ana deseja avidamente o amor de Vronsky e, ao mesmo tempo, tem-lhe pavor. Anseia por sentir de novo a adoração do filho e o amparo do marido. Resolve dar por finda sua visita a Moscou e fugir daquela paixão. Compra uma passagem de volta a S. Petersburgo. No trem encontra Vronsky.

Ele está resolvido a segui-la.

Encontram-se frequentemente nas rodas sociais de S. Petersburgo. A sociedade aprova com uma risota maliciosa aquela ligação. Aquilo é um entretenimento interessante por um lado e, por outro, dá pasto à maledicência.

Quanto ao marido de Ana, este

mostra-lhe serenamente a loucura de seu procedimento e depois acha de melhor aviso fechar os olhos. Não deseja expor-se ao escândalo de um divórcio nem arriscar a vida num duelo.

A situação, porém, caminha para um término. Numa corrida de cavalos, dá-se um acidente. O conde Vronsky fica seriamente ferido. Ana demonstra publicamente a sua aflição. E quando Karenin a censura, ela confessa seu amor ao conde.

Ana suplica ao marido que lhe restitua a liberdade. Mas ele está resolvido a tomar sua desforra. Obriga-a a continuar vivendo em sua casa.

Torturada, humilhada, abatida, Ana não interrompe suas relações secretas com Vronsky. Dilaceram-na três emoções: seu amor ao pequeno Serozha, sua lealdade para com Kitty de quem roubou Vronsky e sua paixão por este. Kitty consegue, afinal, esquecer Vronsky e casa-se com Konstantin Levin. Este fato remove uma das dificuldades da posição de Ana. Mas as outras duas — seu amor por Serozha e sua paixão por Vronsky — permanecem em toda sua amarga intensidade.

Senão quando, surge nova complicação. Ana dá à luz uma filha. Karenin mostra-se magnânimo para com a filha de Vronsky. Este, porém, humilhado, tenta suicidar-se.

A posição de Ana tornou-se insustentável. Ela tem que decidir entre Serozha e Vronsky. Resolve-se por Vronsky.

Mas a história ainda não está terminada. O autor tem outro fio sombrio para entrelaçar ao seu enredo. Ana e Vronsky viajam para o estrangeiro. Durante algum tempo a sua paixão ilícita proporciona-lhes certa felicidade. Voltam depois para a Rússia e rogam a Karenin que conceda a Ana o divórcio. Karenin, porém, recusa.

Ana torna-se cismadora e depois mal humorada. Por fim começa a consumi-la um ciúme ardente. Suspeita da fidelidade de Vronsky. Seu único alívio é o esquecimento — a morte lenta pela morfina.

E vem o fim: o suicídio sob as rodas de um trem.

Em «Ana Karenina» Tolstói analisa a luta interior do indivíduo. Em «Guerra e paz», uma história sobre a invasão napoleônica da Rússia, ele pinta a luta interior da raça humana. A luta que se desenrola da selvageria para a civilização, da sangueira para a harmonia, do ódio para o amor. A solução para o problema individual não é bastante. A solução do problema deve servir a toda a humanidade. Quando o príncipe Andrei, o protagonista de «Guerra e paz», cai ferido em Austerlitz, vem-lhe uma visão repentina da paz interna do mundo. Viu o «firmamento infinito que está acima do ódio e da abjeção da terra», e esse espetáculo inundou-o de uma alegria indescritível. Essa paz interior, essa luz que uma vez ou outra, vara a escuridão da vida, era uma coisa que Tolstói anelava transmitir aos seus semelhantes. Sentiu, todavia, que não o poderia fazer por intermédio de sua arte.



Leão Tolstói no seu leito de morte.

Começou a pensar numa nova espécie de arte — a de estabelecer um laço de simpatia entre homem e homem. Queria conduzir o povo para a luz. Perdera a fé na Igreja Ortodoxa e — salvo o seu interesse passageiro por Rousseau não encontrara outra fé que substituisse a primeira.

Em sua busca da verdadeira fé Tolstói voltou à Igreja. Fez novo exame de seus dogmas e práticas. Durante três anos submeteu-se a todas as suas cerimônias. Tudo inútil. «Quer-me parecer que sou um crente de Cristo ardoroso de mais para ser um cristão convencional». A Igreja Russa tornara-se uma instituição comercial — declarou ele. O clero devotava-se exageradamente a fazer cumprir as ordens do czar e tratava muito pouco de propagar os ensinamentos de Jesus. «Na Igreja Russa», disse ele, «desapareceu completamente o sentido da doutrina cristã».

Por isso, «afastou-se da Igreja e voltou-se para Deus». Tornou-se o profeta de uma nova religião, ou melhor, interpretou de u'a maneira nova a «quase esquecida» religião de Buda, de Isaías, de Confúcio e de Cristo. Essa religião, da qual esperava tornar-se o apagado chefe, não teria rituais, nem templos nem sacerdotes. Seria baseada em alguns mandamentos muitos simples: Não sejas inimigo de ninguém; nunca te deixes dominar pela ira; nunca recorras à violência. Este seria o aspecto negativo de sua doutrina. No positivo, sua religião seria uma religião de protesto. Protestava contra o luxo dos nobres, o fanatismo dos padres e a tirania do czar. Fez-se «comunista, dissidente, rebelde, em suma, verdadeiro discípulo de Cristo». Estava pronto a renunciar à sua fama, à sua posição social, à sua fortuna, à própria vida, se necessário, a serviço do gênero humano. Vestiu-se como um camponês e pôs-se a viver ombro a ombro com os mais humildes. Curvou-se para vencer. Desceu do isolamento de aristocrata em que vivia até o

nível comum da humanidade. Assim fazendo, elevou a humanidade a novas alturas de grandeza moral.

O mundo saudou Tolstói como um profeta. Mas sua família considerou-o como um louco. Sua mulher começou a recear que ele estivesse perdendo a razão. Seus filhos bocejavam e davam-lhe as costas quando o pai falava na fraternidade humana. Viver uma vida de absoluto desprendimento parecia-lhes um sinal certo de loucura. Não havia mal em que ele se sacrificasse, diziam, mas que direito tinha ele de sacrificar sua família aos seus extravagantes ideais? Tornou-se um estranho em sua própria casa. «Talvez não me acredites», escreveu a um amigo, «mas não podes imaginar o quanto vivo isolado e até que ponto meu verdadeiro eu está desprezado e desconsiderado por todos os que me rodeiam».

Contudo, a despeito da tortura mental que sofria, continuou infatigável no seu trabalho de interpretar a palavra de Cristo na linguagem do século XIX. Cristo tentara estabelecer o reino de Deus. Tolstói acreditava no estabelecimento da democracia do homem. Escreveu vários ensaios e histórias para ilustrar os princípios da compaixão humana

e da não resistência ao mal. Como recompensa por isso, foi excomungado pela Igreja Ortodoxa (1901).

Ao envelhecer, uma nota nova e fantástica insinuou-se em seus ensinamentos. Afastado dos outros homens, dos filhos e da mulher, começou a encarar as relações humanas sob um aspecto peculiar, místico, ultraterreno. Tornou-se um asceta. Muito antes já havia condenado o adultério. Agora, aos setenta anos, batia-se pela completa abstinência sexual. «Aquêle que fita com sensualidade uma mulher, ainda a própria esposa, já cometeu adultério». Há qualquer coisa de patético no espetáculo de um velho que tenta reconstruir o mundo à imagem dos seus próprios desejos impotentes. Tolstói chegou a recomendar a extinção da humanidade com o estabelecimento do celibato absoluto! Por essa época, porém, seu espírito já declinava. Seu misticismo ganhava completo domínio sobre sua inteligência. Em seu último romance, «Ressurreição», ele mete a alma de um velho santo dentro do corpo de um jovem pecador. Nekhludov (note-se que o herói do último romance de Tolstói tem o mesmo nome do personagem central de seu primeiro livro) é um estudo do paradoxo. Ele

começa como um patife e acaba como um mártir. Em poucos anos este homem comum sofre uma transformação moral que o extraordinário Tolstói levou a vida inteira para realizar.

«Ressurreição» é um dos mais belos poemas à piedade. Mas já é obra de um velho.

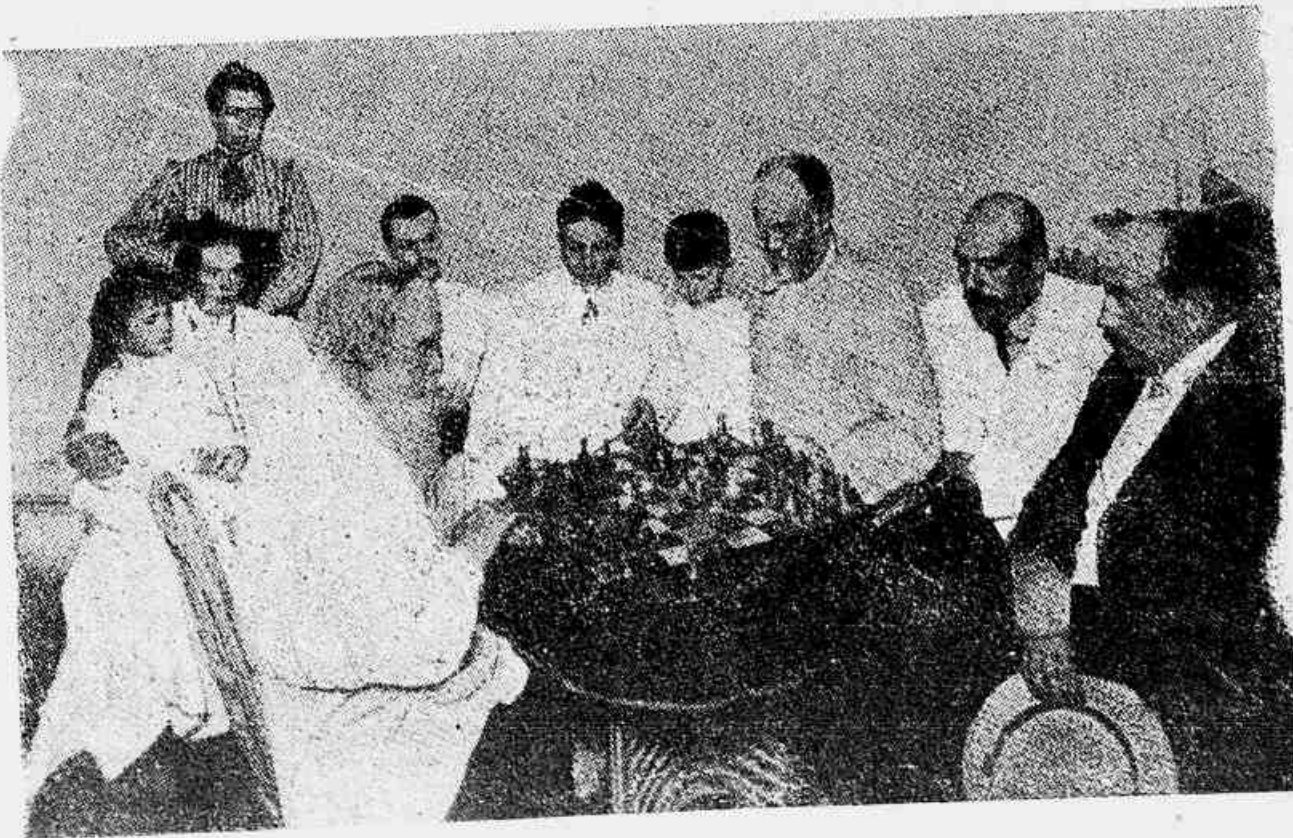
IV

Tolstói estava fadado a sobreviver à sua própria grandeza. Durante os últimos dez anos de sua vida ele bateu-se por um ideal social, político e ético só possível num mundo de super-homens... ou de velhos. Com os anos, cada vez mais avultava nele o filósofo profundo e a criança simples. O último ato de sua vida, como quase tudo que fez em sua carreira, foi uma estranha mistura do estúpido e do sublime. A 26 de outubro de 1910, às 5 horas da manhã, Tolstói fugiu de casa para buscar a paz no ermo. Tinha 82 anos. Vestido com a sua blusa de camponês, o rosto aformoseado pela idade e vincado pelo sofrimento, pôs-se a vagar como Buda, pelas estradas do mundo. Buda deixara sua casa à procura da vida, mas Tolstói saiu em busca da morte.

Queria morrer. Dedicara toda a sua vida à piedade e agora fugia da piedade de sua família. Durante vários dias errou de aldeia em aldeia. Tombou, por fim, à beira da estrada, para não mais se erguer. Ao médico que o atendeu disse: «Na terra existem milhões de seres humanos sofrendo. Por que pensais apenas em mim?».

A 10 de novembro de 1910, um domingo, ele encontrou a paz que procurara durante toda a sua vida. Pouco depois das seis horas da manhã seu corpo ralado de dores descansou naquela «grande libertação final» como ele a chamou: «Morte, irmã bendita!».

(Do livro «Vidas de grandes romancistas».)



Tolstói jogando xadrez, seu passatempo favorito.

AVENTURAS, VENTURAS E DESVENTURAS DE ESTEVAM JOSÉ DE SOUZA



Estevam José de Souza, o pintor das ruas de Belo Horizonte.

— Quem atravessa as ruas e praças centrais da capital mineira nos dias de hoje, topa, à cada esquina, nos trechos mais movimentados dos principais quarteirões, com sucessivas aglomerações, em que curiosos de pescoços esticados e que não puderam se aproximar, procuram ver o que se passa no interior da roda.

Quase sempre se trata de camelôs oferecendo, por preços que, embora ínfimos, nem sempre correspondem ao poder aquisitivo da população, produtos que a poderosa indústria americana vem despejando implodidamente sobre o país. Canetas que não derramam a tinta, tintas que secam instantaneamente, soldas que tudo consertam, bisnagas de matéria plástica, para balões, bacias, garfos, facas e colheres de alumínio, corta-vidro, isqueiros, termômetros, grampos, ló-iós, tudo que se pode vender nas ruas por alguns níqueis.

As vezes, porém, acontece que um grupo se forma e não se trata de nada disso.

Veremos, então, no meio dos curiosos, um negro de um metro e oitenta e três centímetros de altura, jovem ainda, em cujo punho está firme uma paleta. A sua frente está um cavalete que sustenta uma tela, enquanto, indiferente aos que o cercam, ele estende a sua vista para um trecho qualquer da cidade ou para uma paisagem que os olhos alheios logo identificam.

É Estevam José de Souza, duas vezes premiado em salões de Belas Artes e cujas venturas aventuras e desventura hoje proponho-me a contar.

LANÇANDO-SE A AVENTURA

Na verdade a carreira de Estevam José de Souza como pintor iniciou-se por uma aventura, onde mil perigos esperam a vítima de emboscada, no fim da qual somente há uma alternativa: a derrota total e definitiva ou a luta sempre renovada e nunca acabada.

Estevam José de Souza não guarda a lembrança de quando pela primeira vez pensou em coisas de arte, ou mais propriamente, em pintura. Tinha dezolto anos, quando um dia, sem orientação, sem conhecimento de desenho, de tintas, de coisa nenhuma, arranhou alguns níqueis, adquiriu umas tintas, um pedaço de tela e... se dispôs a pintar. Se lhe perguntamos hoje como lhe veio esse impulso que o havia de colocar em caminhos diferentes dos que até então haviam sido os seus, ele se limita a responder: "havia um movimento em Belo Horizonte, e se falava muito em pintura..."

O fato é que procurou uma paisagem qualquer, aquela que mais o impressionou no momento e começou a fazer aquilo que julgava ser uma obra de arte.

E um dia, sem conselho, sem influências ou indicação de quem quer que fosse, pegou um daqueles quadros e dirigiu-se ao Parque Municipal, onde Guignard havia inaugurado sua já famosa Escola. Era o ano de 1944 e ali foi ter Estevam. (Na verdade, quando se fala hoje em pintura ou, de um modo mais geral, em artes plásticas em Minas, acabava-se sempre na Escola de Guignard).

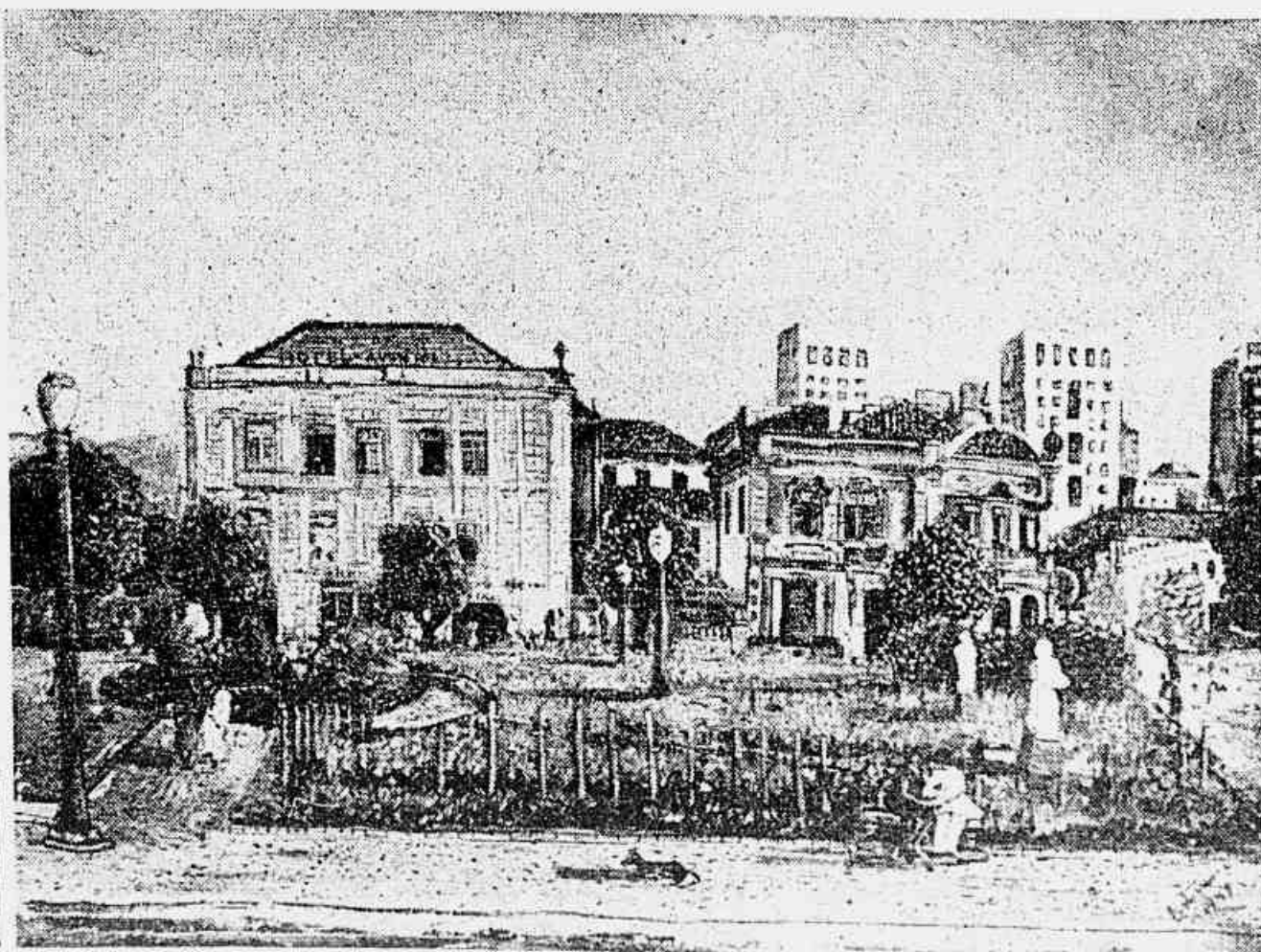
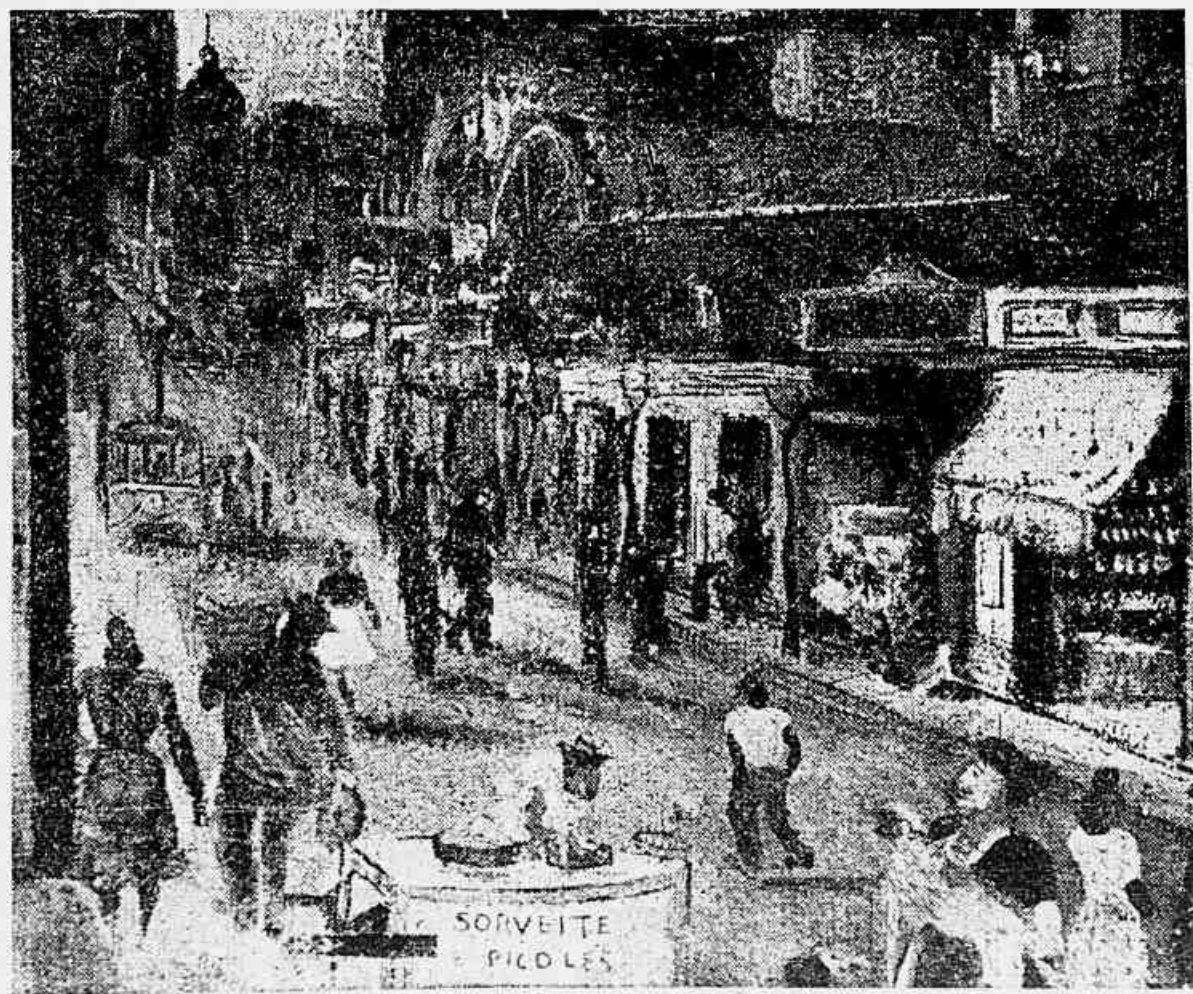
Estevam não conhecia ninguém, era tímido e não tinha muitos motivos para

O PINTOR DAS RUAS DE BELO HORIZONTE

Reportagem de MILTON PEDROSO

(Especialmente para REVISTA DA SEMANA)

Fotos de AUGUSTO CARDOSO



"Lagoinha" e "Praça Ruy Barbosa", dois dos últimos trabalhos do pintor negro da capital mineira.

estar confiante. Mas desejava saber o que estava fazendo, o que significava o que havia feito.

A VENTURA DE UM ENCONTRO

No Parque Municipal encontrou o professor Anibal Matos. Mostrou-lhe o quadro e explicou-lhe que desejava saber se "podia" pintar. Respondeu-lhe Anibal Matos que deixasse o quadro e voltasse no dia seguinte. Assim fez e no outro dia lá compareceu. Encontrou os alunos. No meio de moças e rapazes desconhecidos sua timidez aumentou. Entrou assim mesmo e ia dirigir-se a alguém para perguntar por Guignard, quando este, que ia entrando e acabava de dar pelo quadro que Estevam havia deixado ali, perguntava:

— De quem é este quadro?

— E' meu — respondeu Estevam.

— Venha cá — disse-lhe Guignard, que acrescentou: você vai para a minha aula.

Só então ele começou a saber o que estava fazendo. E assim se iniciou no desenho. Este aprendizado ele o fazia com ardor e ininterruptamente. Dia a dia melhorava os seus trabalhos e cada vez mais nele mergulhava. E continuou a pintar. Nas ruas de Belo Horizonte, nos parques, nos jardins, os transeuntes começaram a ver aquele homenzarrão com cara de garoto a manobrar o lápis, pincéis, tintas, diante da tela. Trabalhava com afinho em quadros que vendia ao primeiro freguês por 15 ou 20 cruzeiros. Queria era novos pedaços de tela, novos tubos de tinta, para continuar o aprendizado, numa sofreguidão de quem de repente tivesse verificado que já perdera muito tempo.

PRIMEIRAS DESVENTURAS

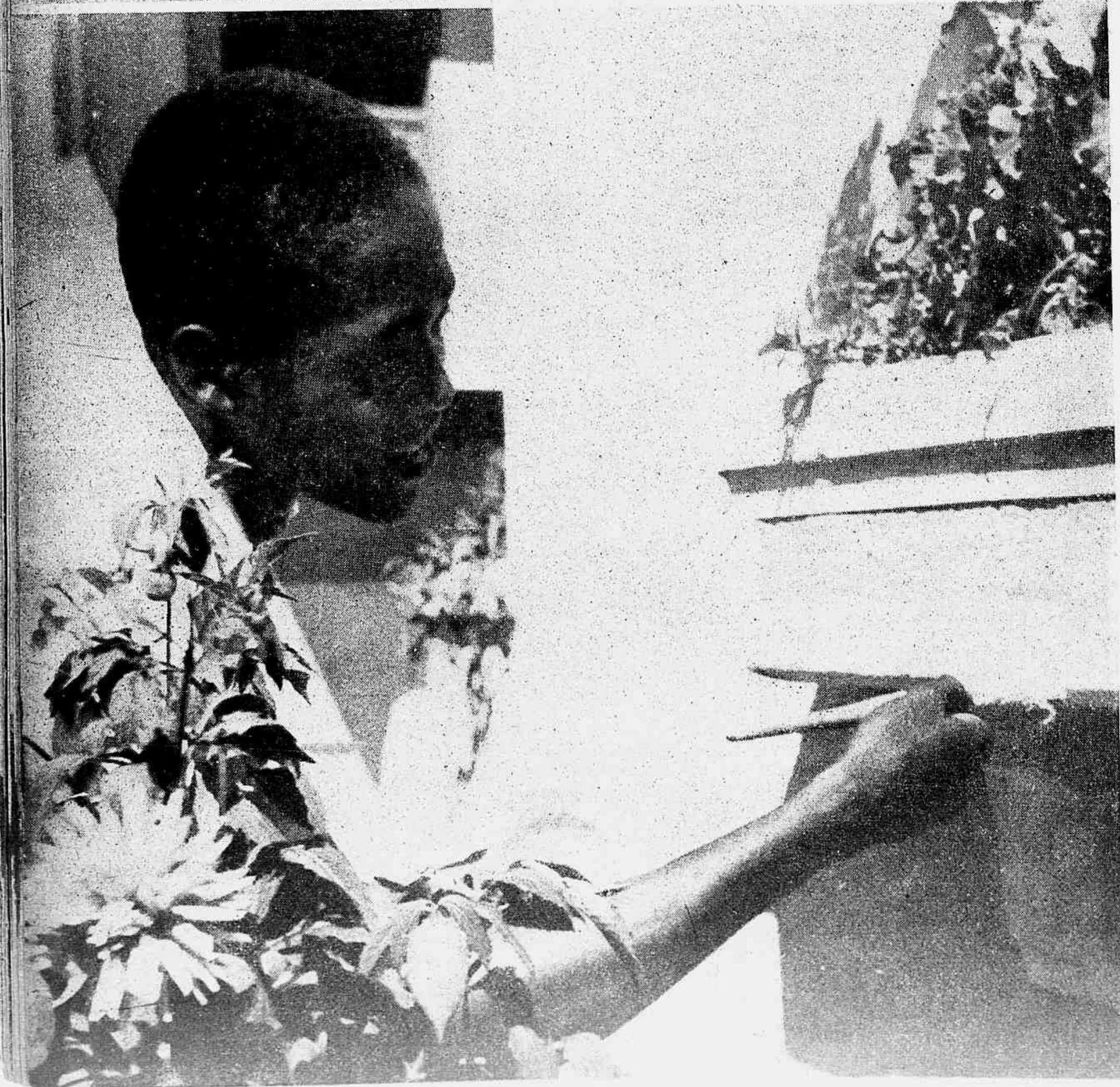
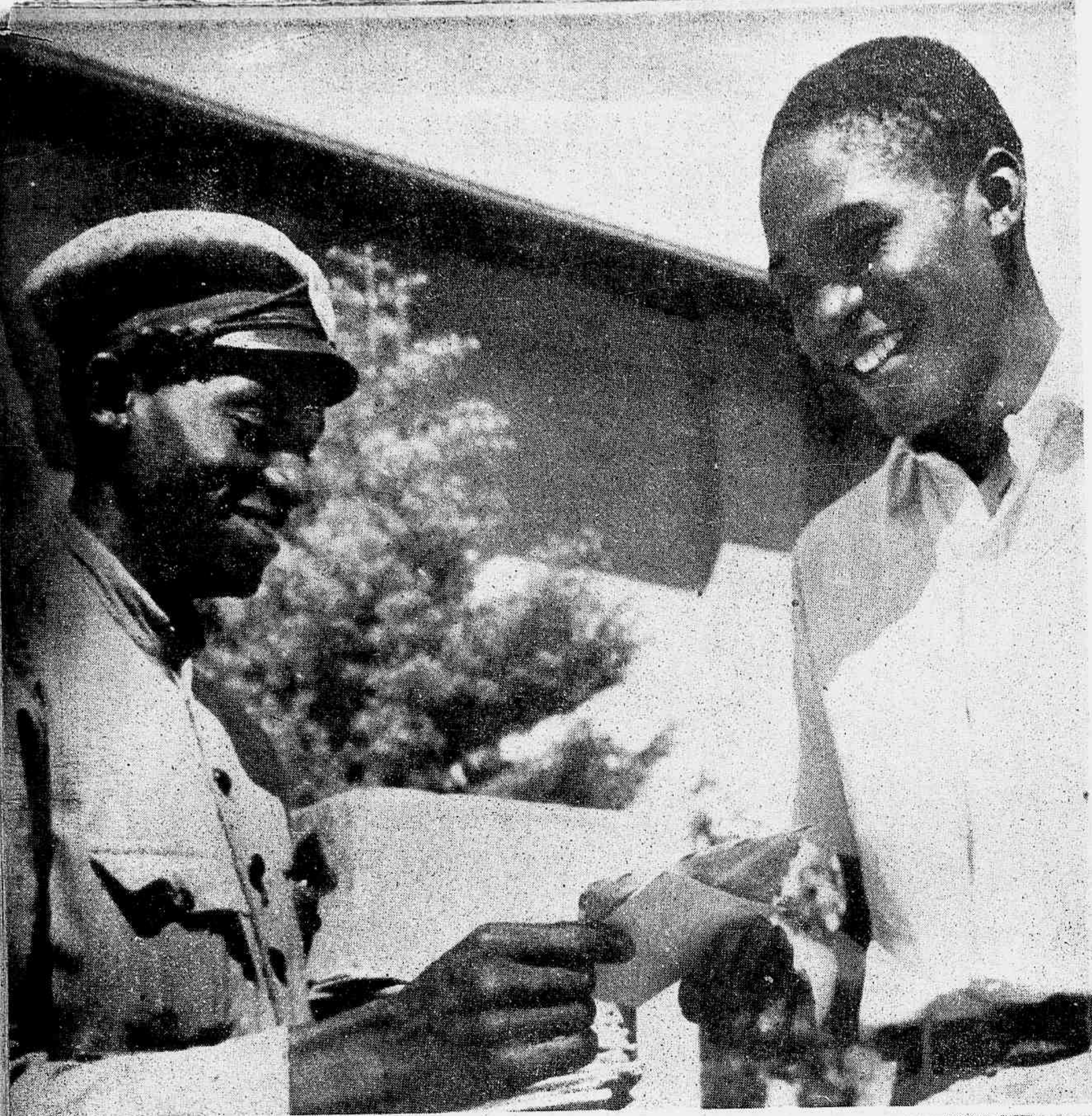
Na verdade, fazendo pela primeira vez aquilo que lhe apetecia, sentia necessidade de não perder tempo.

Nascido a 29 de outubro de 1925, em Belo Horizonte, Estevam é filho de operários. Cedo teve necessidade de trabalhar e seu primeiro emprêgo foi numa cerâmica, na fabricação de telhas e tijolos, nos arredores da capital mineira. Era um trabalho penoso, de manhã à noite, amassando barro, carregando telhas e tijolos, peneirando terra, por um salário que era de cinco cruzeiros diários. Mas nem isso mesmo ele recebia. O pagamento, que devia ser semanal, andava sempre atrasado. De repente, anunciavam o pagamento para tal ou qual dia. Estevam chegava com outros empregados e ficava esperando. Nada. O proprietário da olaria, conversava, desconversava, dava dez, quinze cruzeiros e ficava por isso mesmo. E assim novas semanas se passavam.

Um dia Estevam resolveu abandonar o emprêgo. Recentemente quis voltar lá para pintar uma cena, porém o dono da olaria não o consentiu. Entretanto, diz Estevam que lucrou alguma coisa, pois durante o tempo que ali trabalhou travou conhecimento com um inglês de quem aprendeu a língua. Cavou nas ruas, trabalhou no asfalto, pintou paredes e, afinal, conseguiu emprêgo no comércio, para fazer entregas. Ai, pelo menos tinha a vantagem de receber du-

O pintor Estevam José de Souza pega no pesado, para ganhar o pão nosso de cada dia...





zentos cruzeiros certos no fim de cada mês. Largou-o, quando pôs o primeiro quadro debaixo do braço e foi procurar Guignard.

Passou então a funcionário da Escola, que perdeu o emprego, que lhe rendia 300 cruzeiros, quando o prefeito fechou o curso. Hoje, a sua luta é dura, pois Belo Horizonte ainda não aguenta um jovem pintor que deseja ganhar a vida.

NOVAS VENTURAS NO CAMINHO DA AVENTURA

Estavam José de Souza frequentava apenas uma escola, a de Aprendizes Artífices, que foi fechada pelo Estado Novo. Jamais teve outra oportunidade de continuar os seus estudos. Não quer deixar de pintar, e luta para adquirir maiores conhecimentos.

A partir daquela irrupção no Parque Municipal, concorreu ao 6.º Salão de Belas Artes de Belo Horizonte, onde com o quadro "Paisagem no Parque", obteve o 2.º prêmio (não houve primeiro). Em 1947, com o quadro "Ouro Preto", participou do Salão do Rio de Janeiro, obtendo Medalha de Bronze.

Sua pintura já chamou a atenção dos entendidos, que lhe têm feito os maiores elogios. Suas visitas fora de Belo Horizonte têm se limitado a Sabará, Ouro Preto e outras cidades vizinhas, pois as dificuldades são tantas que não lhe tem sido possível ir mais longe, nem sequer visitar aquelas outras tradicionais cidades mineiras que têm sido fonte de inspiração para os pintores de outros quadrantes.

Estavam é, porém, um desses predeterminados que rompem todos os obstáculos e que vencem, embora ao prego da própria pele, a barreira social vigente que se opõe àqueles que, portadores de talento, têm contra si a falta de meios. E' jovem, dono de um otimismo sadio e obstinado.

E ele não é um caso isolado. Sei de uma experiência do professor Joaquim da Rocha Ferreira, em Araxá, que constitui outra prova de como as condições atuais aniquilam, no nascedouro, verdadeiras vocações.

Naquela cidade, quando ali estava executando as decorações do rico balneário, o professor Rocha Ferreira fundou uma escola de desenho, cujos alunos eram pedreiros, marceneiros, carpinteiros e ajudantes.

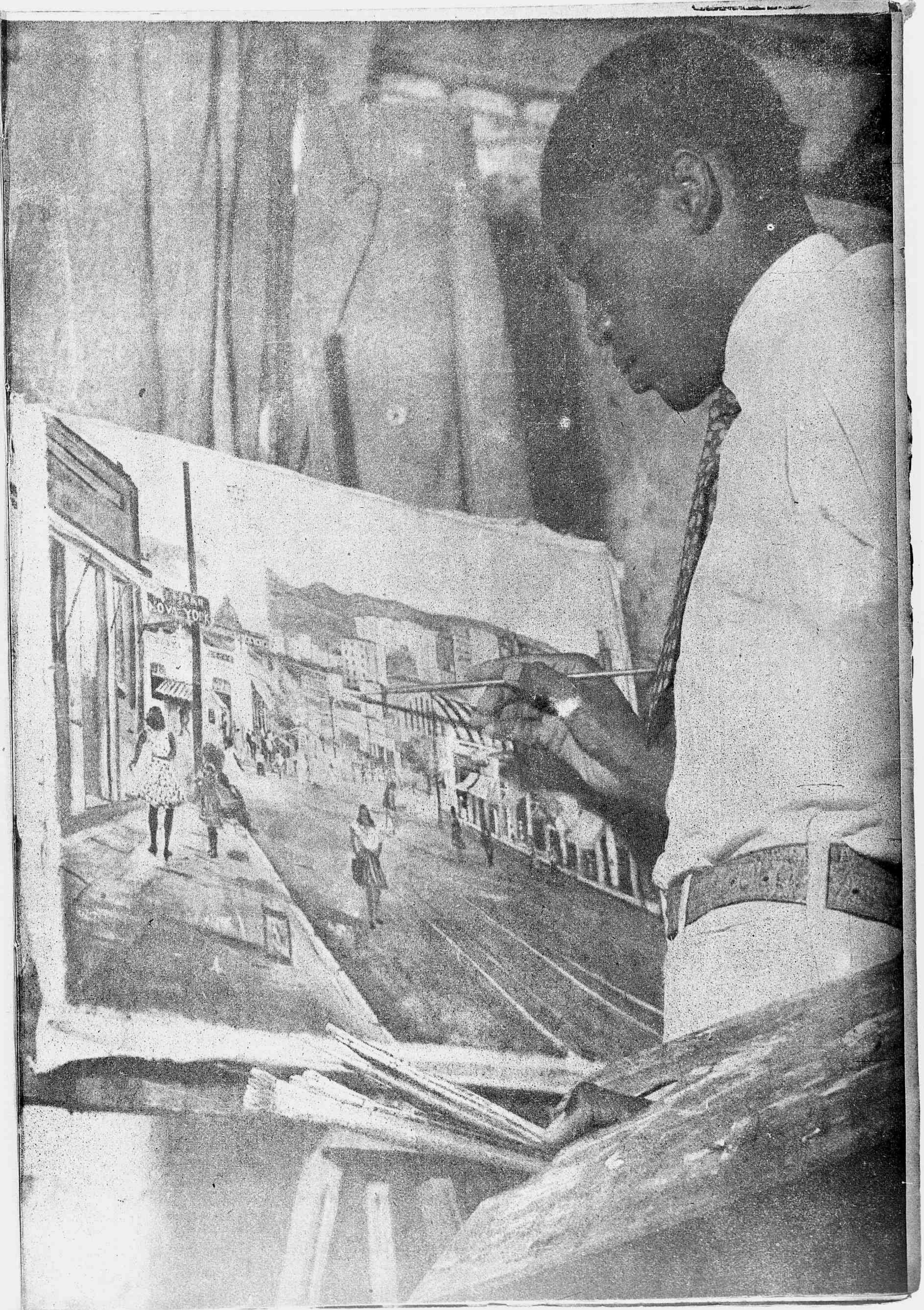
O que foi essa experiência, demonstram os desenhos em meu poder.

Mas isso é outra história, que um dia contarei.

Hoje, eu queria falar era de Estavam José de Souza, o pintor negro, de quem ainda muito se falará.

E isso, já o fiz.

Em cima: Estavam recebe uma carta da noiva ausente; em baixo: o pintor não pinta só as ruas, — pinta também as casas. Como José Pancetti, que antes de pintar marinhas, pintou o costado de lanchas e navios... Na página à direita: Estavam trabalhando em sua casa, em um novo quadro.



UM REPUBLICANO DE ÚLTIMA HORA

O BOM HUMOR DE DEODORO

O RETRATO QUE CUSTOU SETENTA MIL RÉIS
— PATENTES E CONCESSÕES...

Por VIRIATO CORRÊA — Especial para REVISTA DA SEMANA



Busto de Deodoro, existente no Museu Histórico Nacional

NÃO sei quem afirmou que os homens sem vida anedotária são homens sem personalidade. Nada melhor do que uma anedota para retratar uma criatura.

Os homens de alma aberta têm sempre um anedotário brilhante; dos homens graves e sisudos só se contam coisas ásperas e duras; os medíocres e os apagados não têm anedotário.

A vida anedótica de Deodoro, além de rica, é interessantíssima pelo co-

lorido de vivacidade, pela graça e pela cintilação.

O proclamador da República era um homem de grande agilidade mental, de bom humor e com uma dose de ironia que às vezes queimava como ferro quente. Não deixava sem resposta um dito que pretendesse feri-lo, e, por mais aguçada que fosse a maldade que o tocasse, sabia devolvê-la mais ferina e mais envenenada.

Uma das coisas que mais irrita-

vam os nervos do velho general era ouvir falar em republicanos históricos. Ele, que só se colocara ao lado da República poucos dias antes de proclamá-la, sentia-se diminuído quando alguém, a seu lado, invocava serviços remotos à idéia republicana.

Após a queda da realeza, houve no Brasil uma verdadeira plethora de republicanos tradicionais. Qualquer bedameco, com a cara mais limpa deste mundo, invocava serviços incalculáveis à causa republicana, com a facilidade e a riqueza de imaginação com que um caçador conta episódios incríveis de caçadas. E era sempre nos momentos de pleitear empregos que a invocação dos serviços se tornava mais ativa.

Houve mesmo uma época em que foi necessário desmoralizar os republicanos históricos para que os mequetrefes e os desclassificados arrecessem a audácia na disputa dos empregos.

Foi o próprio Deodoro que começou a campanha. Começou porque a sua paciência era a maior vítima da exploração.

A tradição está cheia dos ditos ferinos e da brasa viva da ironia do proclamador contra os cavadores que invocavam serviços prestados à propaganda da República.

O anedotário é imenso.

Uma feita um sujeito que pretendia um emprego, subiu as escadas do Itamarati e, na presença de Deodoro, começou a contar os passos que havia, durante muitos anos, dado em favor do regime inaugurado a 15 de novembro de 89.

O general, que estava de bom hu-

mor, dispôs-se a ouvi-lo e, a certa altura, perguntou:

— Há quantos anos o amigo é republicano?

— Há muitos. Há mais de vinte.

E Deodoro, com toda a pachorra, retorquiu:

Pois eu sou de 15 de novembro e meu irmão Hermes é de 17.

Referia-se ao seu irmão Hermes Ernesto da Fonseca, que só dois dias depois de proclamada a República deriu à nova forma de governo.

De outra feita, um republicano histórico, no Itamarati, pleiteava um rendoso cargo que acabava de vagar. Mas o pretendente já era velho e o cargo exigia vitalidade de moço. Deodoro, delicada e pacientemente, procurava equivar-se.

O homem insistia. Então ele, um republicano da velha guarda, republicano de convicção e de tradição, não merecia um mísero emprego no regime que ajudara a implantar?!

O general, com uma paciência de santo, continuava a equivar-se. O homem não se conformava. De que serviram o seu trabalho, a sua sinceridade e os seus sacrifícios pela causa?!

Deodoro foi pouco a pouco se zangando e, meia hora depois, estourou:

— Há quantos anos o amigo trabalha pela República?

— Desde que me fiz homem. Desde que me entendo.

E o proclamador, com todo o sério:

— O senhor é mesmo caipora. Eu sou republicano de 15 de novembro e já sou presidente da República.

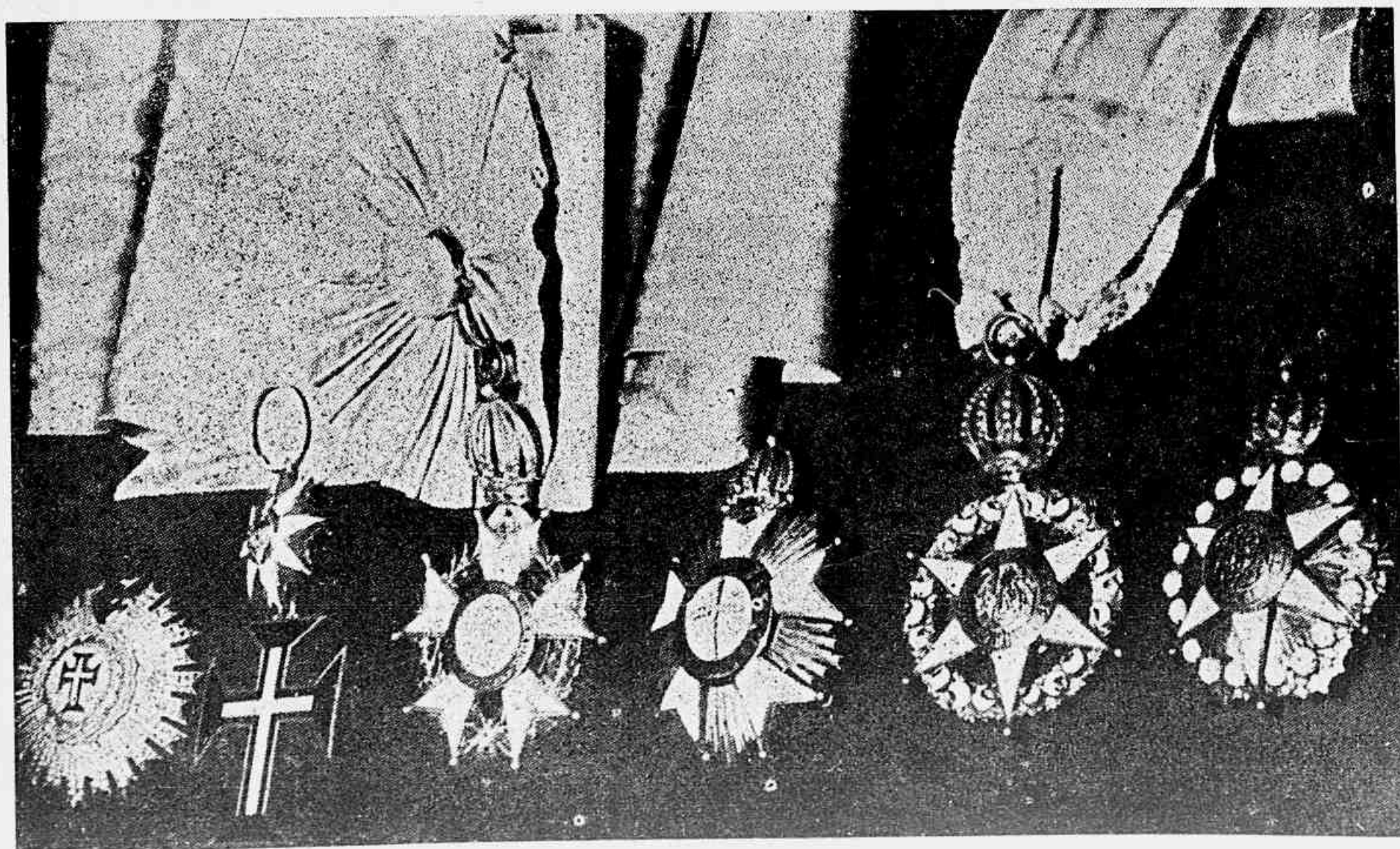
Com toda a severidade das suas belas barbas brancas, Deodoro era um homem engraçado.

Aquêle episódio com a professora pública revela a jovialidade da veia humorística do velho militar.

Um dia, no Itamarati, entra uma senhora em estado interessante, para falar ao chefe do Governo. Deodoro começa a atendê-la. A senhora conta ao que veio. E' professora pública, merece ser catedrática, mas, por falta de proteção e por falta de justiça no país, não conseguira ainda a cátedra. Pediu a A, pediu a B, pediu a C. Gente sem préstimo! Ninguém, ninguém levou em conta os seus direitos. Dispusera-se, então, a não mais recorrer aos santos; vinha diretamente a Deus.

— Traga-me os seus papéis que eu os estudarei — disse o general.

— Se a senhora tiver direito, fique tranquila porque será nomeada.



★
Coleção de condecorações que pertenceram ao proclamador da República, hoje incorporadas às coleções do Museu Histórico Nacional

No dia seguinte a senhora voltou. Trazia a papelada comprovadora do seu direito.

— Vou estudar o caso, volte daqui a uma semana.

Uma semana depois a pretendente, mais pesada ainda, volta ao Itamarati, ofegando, extenuada.

Deodoro vem gentilmente atende-la:

— Leu os meus papéis? — perguntou ela.

— Li.

— Ah! então estou nomeada!

— Não — respondeu o velho militar. — Infelizmente a senhora não tem direito.

Ela agitou-se na cadeira. Como não tinha direito! Onde estava a justiça dos homens deste país?!

— Minha senhora...

A professora era uma torrente de palavras. Deus a fizera a mais desgraçada das mulheres. Pois o seu direito era claro, incontestável, e, no entanto, o próprio presidente da República não o queria reconhecer! E desmanchou-se em lágrimas.

Deodoro estava zenzo.

— Minha senhora... minha senhora...

A mulher de súbito pulou da cadeira, eriçada:

— O senhor é um homem sem coração!

— Eu?

— Sim! Vou ficar desgraçada e o senhor é a causa de minha desgraça!

— Não diga isso.

— Digo! Digo! Eu podia ter a minha cadeira! Que custava isso ao senhor? Uma penada apenas. Era a minha felicidade. E o senhor, em vez de me dar a felicidade, apunhalava a minha esperança, o meu coração. Vai arrepender-se, ah! vai! Eu podia ser feliz e não sou por culpa sua. Amanhã o senhor terá remorsos. Amanhã, quando souber que tirou o pão da boca de uma pobre mulher, será tarde, porque o mal está feito. O senhor vai ser o causador de toda a infelicidade da minha vida.

Deodoro, nessa altura, já havia perdido a paciência. A sua fisionomia tinha-se carregado. Queria falar, a mulher não permitia, repetindo, repetindo:

— O senhor é o culpado, o único culpado!

E ele, olhos em fogo, com um murro na mesa:

— A senhora vai dizer que eu sou culpado dessa criança que está aí, na sua barriga!

A sensibilidade da alma do derrubador do império manifestava-se em tudo. Um patife conseguia, às vezes, levá-lo à emoção.

Um dia, conta Ernesto Sena, no Itamarati apareceu um sujeito que Deodoro mal conhecia de vista. Trazia um presente para o presidente da República. Era um retrato do velho general, numa moldura rica.

Diante do retrato, o proclamador se sentiu profundamente agradecido e deixou transparecer o que lhe ia na alma.

Quatro meses depois o sujeito reaparece no palácio. Vinha à procura do chefe do Governo para lhe pedir um emprego magnífico que, naquele dia, vagara.

— Mas esse emprego depende de concurso — disse o presidente.

— Eu sei — respondeu o homem.

— Entre no concurso. Se tiver boa colocação farei com prazer a sua nomeação.

O pretendente coçou a cabeça:

— V. excia. não me pode nomear sem concurso?

— Está claro que não.

O sujeito lança um olhar significativo ao proclamador e diz, com um sorriso amável:

— V. excia. parece que não se recorda de mim. Eu sou a pessoa do retrato.

— Eu sei, eu sei! — exclamou Deodoro. — O senhor vai receber o pagamento.

Meteu a mão no bolso e tirou setenta mil réis.

— Tome.

O tipo recusou energicamente. Deodoro, também energicamente, fê-lo aceitar. E ditou-lhe as seguintes palavras, que o desgraçado foi obrigado a escrever: «Recebi do sr. generalíssimo Deodoro da Fonseca a quantia de 70\$000 de um retrato do mesmo exmo. senhor, que lhe ofereci no dia 2 de agosto findo, sem ser por encomenda. Capital Federal, 8-11-1890 — M. B.»

Outro episódio interessante foi o que se deu com um engenheiro que queria a concessão de uma estrada de ferro.

O engenheiro, ao que se diz, tinha relações um tanto íntimas com Deodoro. Mas a concessão que ele pedia era uma imoralidade. O general negou. O pretendente insistiu. Deodoro, para não brigar, disse que ia estudar o caso.

O homem não compreendeu a maneira gentil da evasiva e, continuando a insistir, ia todos os dias a palácio.

Deodoro já não sabia como se livrar do cacete. E viveu-se, um dia, com um golpe de inteligência.

O fato se passou no parque do Itamarati. O chefe do Governo conversava numa roda de pessoas, quando o engenheiro da concessão apareceu. Deodoro apertou-lhe rapidamente a mão e, voltando-se para uma das criaturas da roda, disse, como a reatar uma conversa naquele momento interrompida:

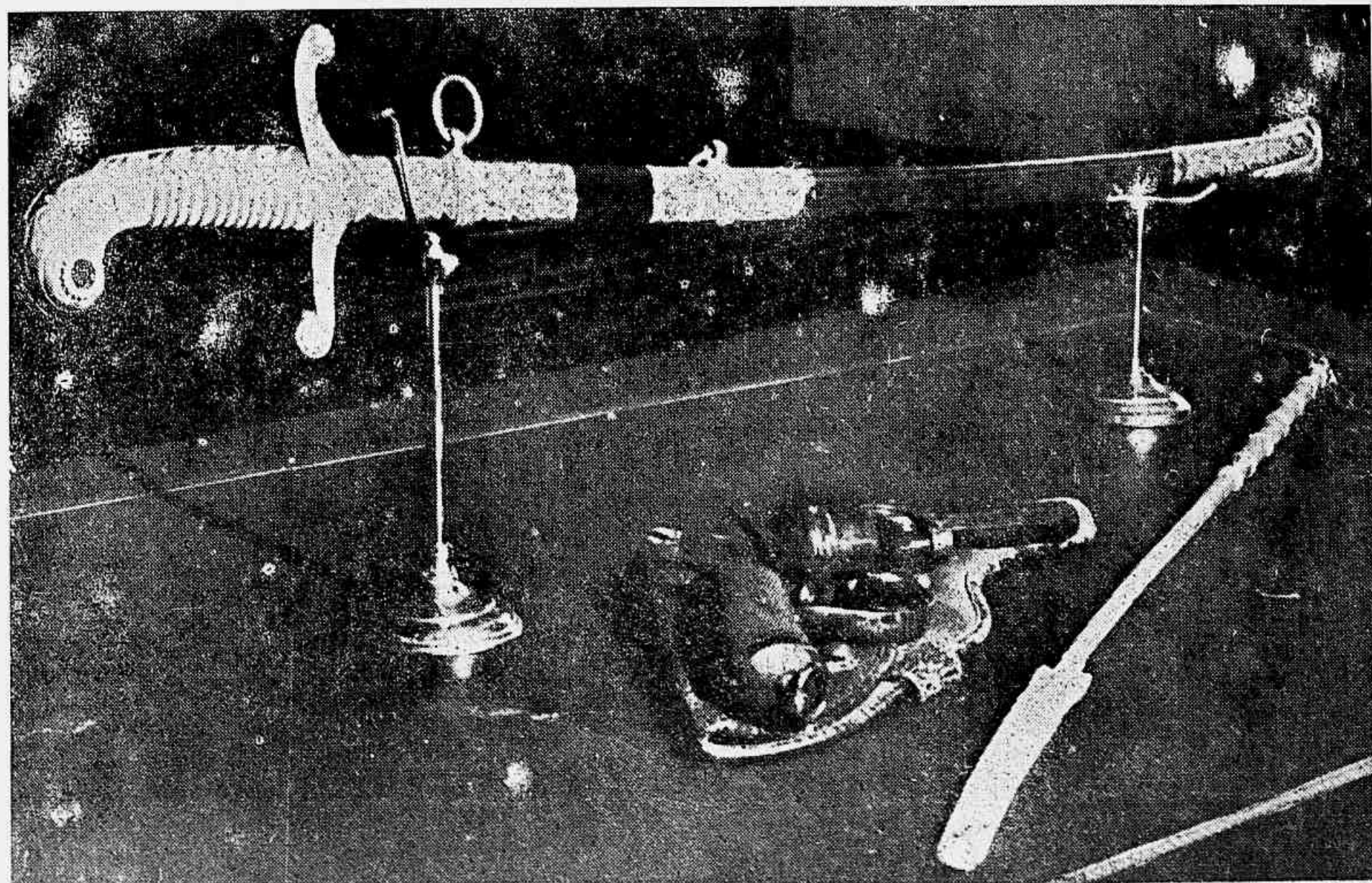
— Não. Agora estou resolvido a não conceder a mais ninguém honras de coronel do Exército. E quanto a estradas de ferro só darei uma concessão e será para a estrada que, partindo do inferno, vá terminar na casa da mãe de quem me pedir.

O engenheiro, ao que se conta, nunca mais voltou a palácio.



Roupão de interior, que pertenceu ao primeiro presidente da República, marechal Manuel Deodoro da Fonseca

★



Espada, pistola e rebenque, que pertenceram ao marechal Deodoro. Coleção do Museu Histórico Nacional

NASCE UMA

A BIRMÂNIA, NAÇÃO
EMBAIXADOR EM LONDRE
POLE — A PERSONALIDADE

Por KEN CASWELL (Fotos da
de REVISTA)

A Birmânia é uma das mais novas nações do mundo. Surgiu após a última guerra. Seus filhos lutaram com determinação contra os japoneses. A epopéia da estrada da Birmânia foi das mais empolgantes da última guerra. Os birmaneses, ou bormanenses eram decididamente contra os japoneses, mas não queriam, tampouco, que os ingleses voltassem a dominar a Birmânia. Queriam a independência total e completa de sua pátria. E souberam querê-la de tal forma, que os próprios ingleses reconheceram que eles tinham razão. Nasceu, assim, a República da Birmânia, que presentemente ensaia seus primeiros passos. Agora mesmo, acaba a Birmânia de nomear seu primeiro embaixador em Londres. Esse embaixador é Sir Maung Gyee, de



Em cima: o embaixador birmanês em Londres, Sir Maung Gyee, em companhia da senhora Tha Tun, sua secretária particular. Em baixo: Lily Gyee, uma das lindas filhas do embaixador birmanês.



Em baixo: Sir Maung Gyee, o primeiro



REPÚBLICA

INDEPENDENTE, TEM HOJE
RES, SUA ANTIGA METRÓ-
E DO DIPLOMATA BIRMANÊS

KEYSTONE PRESS AGENCY — Exclusividade
DA SEMANA no Brasil)

62 anos de idade e, anterior-
mente, alto comissário inglês na
Birmânia. Atualmente, êle está
ocupadíssimo com a sede da em-
baixada, à rua Charles, em Lon-
dres. Está de tal modo absorvi-
do que mal pode passar algumas
horas ao lado de sua espôsa e de
suas duas encantadoras filhas.
A Embaixada da Birmânia está
instalada em Londres à rua
Charles, — e devemos dizer que
o novo diplomata não tem en-
contrado dificuldades em ajus-
tar-se às exigências de sua no-
va missão.

Quer em suas roupas moder-
nas, quer em seus trajes orien-
tais, Sir Maung Gyeé é um velho
amigo da Inglaterra. Êle visi-
tou a Grã Bretanha pela primei-
ra vez em 1908, quando veio es-
tudar em Oxford e, depois, em
Middle Temple, um ano após sua
formatura, com as melhores no-



Em cima: os pés da espôsa e das filhas do embaixador da Birmânia em Londres, calçados à maneira oriental. Em baixo: a família do diplomata que inaugura as relações oficiais entre o Império Inglês e seu antigo domínio, hoje uma nação soberana.

★

Embaixador da República da Birmânia na capital
inglesa.





tas, em linguas e literatura, na cidade de Calcutá, na Índia. Ao regressar ao seu país, ingressou na política, — e, em 1921, quando a Birmânia, ainda sob a bandeira inglesa, conquistou o direito a um governo próprio, foi escolhido para o cargo de ministro do Interior e da Educação. Organizou, nessa ocasião, os Voluntários Nacionais, sendo o comandante em chefe dos mesmos, em Bogyok. O objetivo dessa organização era reviver o antigo espírito marcial birmanês, preparando o povo para defender o seu território. Fundou, igualmente, a Associação dos Jovens Budistas, seguindo exatamente os moldes das Associações Cristãs de Moços. Em 1940, era o presidente do Senado da Birmânia, cargo que renunciou, para se tornar conselheiro do governo. Era esse o mais alto posto político da Birmânia, sob o domínio inglês. Quando os japoneses invadiram a Birmânia, fugiu para um mosteiro budista nas montanhas, onde viveu em retiro, nas mais terríveis condições, juntamente com sua família, recusando tôdas as propostas para se render e vir colaborar com os japoneses. No momento da libertação, fez uma excursão através do país convocando-o para o serviço das armas.

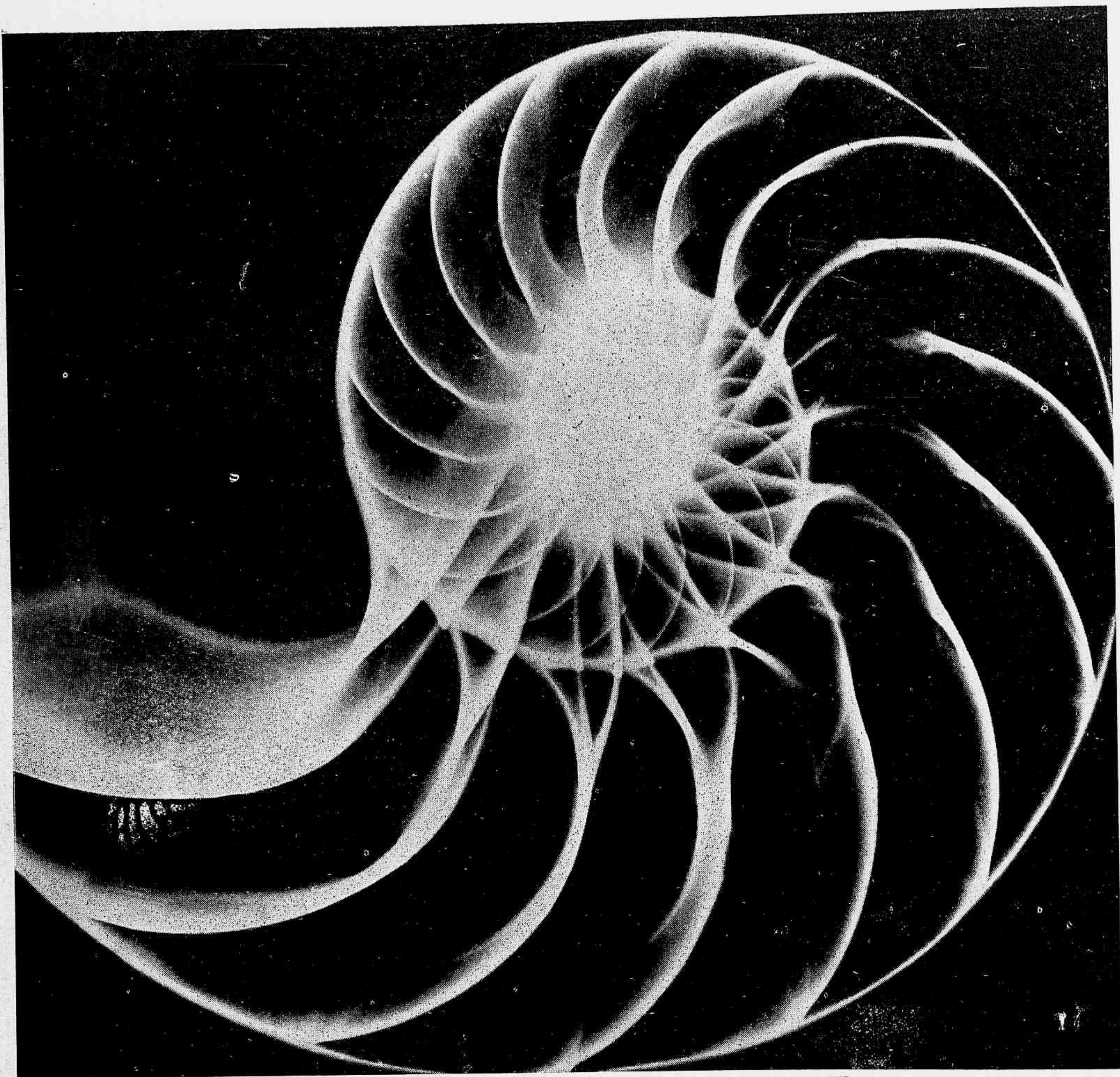
Eventualmente, viu-se forçado a aceitar o cargo de juiz do Supremo Tribunal da Birmânia, — cargo que considerou um verdadeiro "abacaxi", — um posto de sacrifício. Depois disso, fez parte do Conselho Executivo, nomeado pelos ingleses, — e, ao ser proclamada a República da Birmânia, teve a honra de ser escolhido para o cargo de seu primeiro embaixador junto à corte de Saint James, em Londres, — onde, segundo se diz, forma, juntamente com sua esposa e suas filhas a família mais pitoresca do corpo diplomático acreditado na Inglaterra.

★



Em cima: Sir Maung Gye, antigo juiz do Supremo Tribunal da Birmânia, hoje embaixador do seu país junto à corte de Saint James. Em baixo e na página ao lado: as duas encantadoras jovens asiáticas, filhas do embaixador birmanês em Londres, onde estão fazendo sensação nos altos círculos sociais.





O marisco tem uma conformação de radiante simetria que é amplamente revelada sob os raios X. A perfeição da forma natural infunde inspiração aos desenhistas de produtos industriais

A Natureza vista através do Raio X

CRESCE A APLICAÇÃO CIENTÍFICA, INDUSTRIAL E ARTÍSTICA DESSE INVENTO — FACILITANDO O DIAGNÓSTICO DAS ENFERMIDADES E SERVINDO AOS ARTISTAS

SCHNECTADY, Estados Unidos — abril — Câmaras de raios X de elevada potência e de modelos moderníssimos, atualmente saindo das linhas de produção em número crescente, estão hoje em dia provendo a indústria, a ciência e arte de informações de instrumentos de absoluta precisão para suas pesquisas de conhecimentos.

Modelos de luz e de sombra, lançados pelos raios X num grau de precisão nunca antes possível, estão revelando a estrutura interna da matéria — natural e feita pelo homem.

Para os engenheiros dos grandes laboratórios empenhados em tais assuntos nesta cidade industrial, isso significa um triunfo em seu longo esforço para fornecer tubos de raio X de enorme voltagem, capazes de ser focalizados com grande exatidão.

Foram capazes de expandir a sua técnica ao aparelho betatron, usando tanto como 300.000.000 de volts eletrônicos. Tornaram possível portanto desdobrar os íntimos modelos cristalinos dos átomos — aproximando-se mais do tempo em que a ciência desvendará os segredos finais do processo da vida.

O dr. David Harker e o Dr. J. S. Kasper, do Laboratório de Pesquisa local, revelaram o progresso de suas experiências numa recente reunião de pesquisa da Sociedade Americana de Raio X e Difração Eletrônica.

Trabalhando ao longo de diferentes linhas, os biólogos submeteram à prova as estruturas internas de plantas, peixes e animais pelo raio X.

Nas radiografias, eles revelaram o desenho íntimo de modelos ordenados, como o dos caramu-

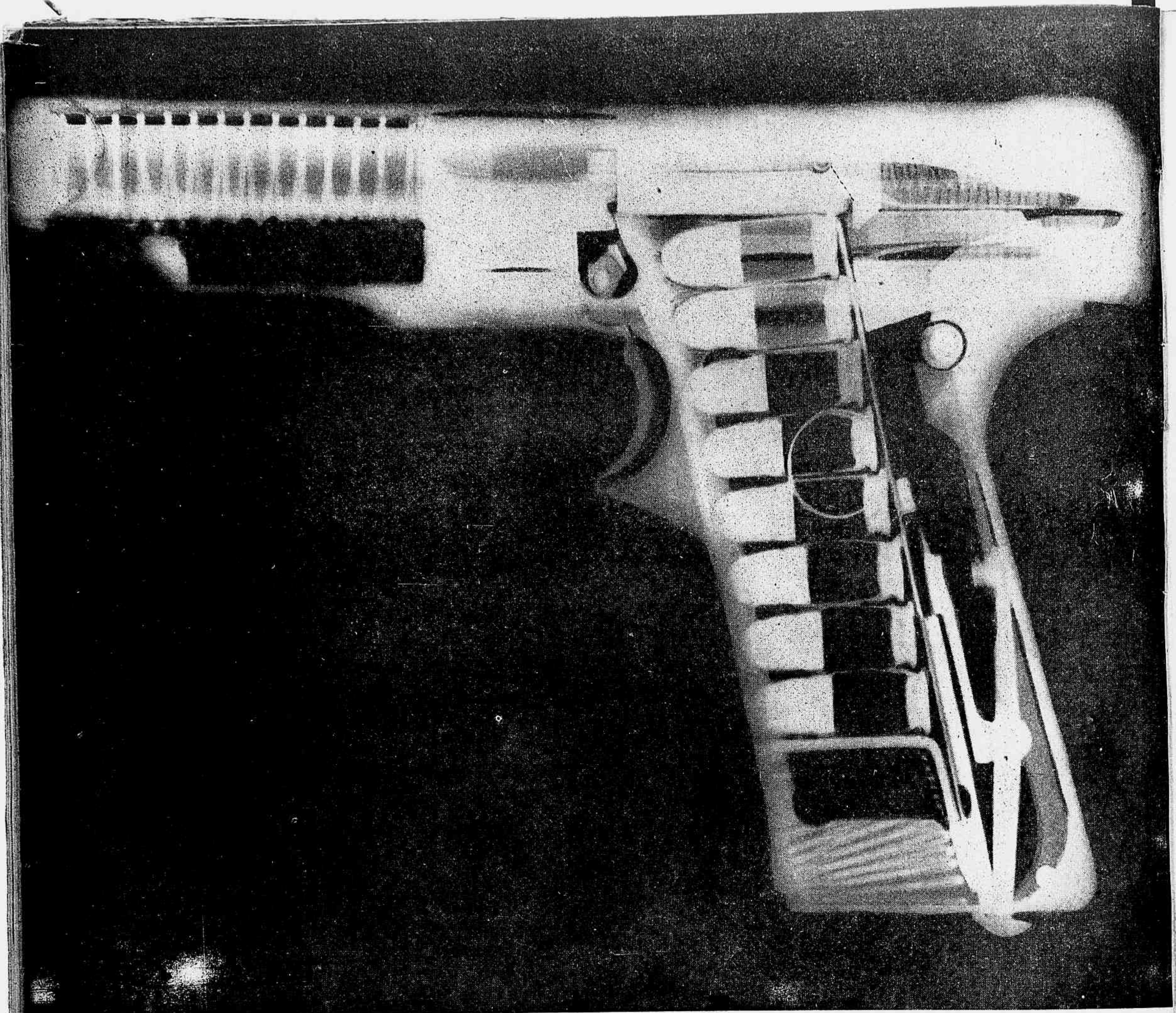
jos, por exemplo, que estão sendo agora usados pelos artistas. Os raios X realçam formas singulares e caprichosas, que os artistas querem transmitir às suas obras, aproximando-as da vida. Desenhistas industriais estão usando os desenhos básicos e perfeitos da natureza para melhorar a simetria dos seus produtos.

Os médicos e bio-químicos estão aptos a usar a mesma informação na sua experiência do processo vital — a sua pesquisa do segredo da me-

★

Na página à direita: Exame fluoroscópico dos pulmões de uma jovem pelo médico. O médico é atualmente ajudado pelos mais recentes progressos na técnica do raio X. Poderosos aparelhos, empregando uma transmissão que chega a atingir 100.000.000 de volts, permite o diagnóstico, em princípio, de graves enfermidades.





lhor hereditariedade — na sua luta contra as doenças que dizimam a espécie humana.

Enquanto isso, cirurgiões e médicos estão usando fluoroscópios e raios X desses novos modelos para melhor diagnóstico e tratamento de doentes que hoje os procuram.

Formações cancerosas profundas estão sendo agora combatidas com a penetração dos poderosos raios X. Doenças internas estão sendo agora reveladas com mais precisão do que antes.

Nisto, um grande valor está sendo dado aos fluoroscópios de modelo moderno, que permitem

Um revólver carregado não tem segredos para a câmara de Raio X. A segurança das armas de fogo é assegurada quando as mesmas são submetidas a experiência por este método. Os funcionários da polícia acham a radiografia de muita utilidade em suas investigações, até agora impedidas por métodos antiquados.

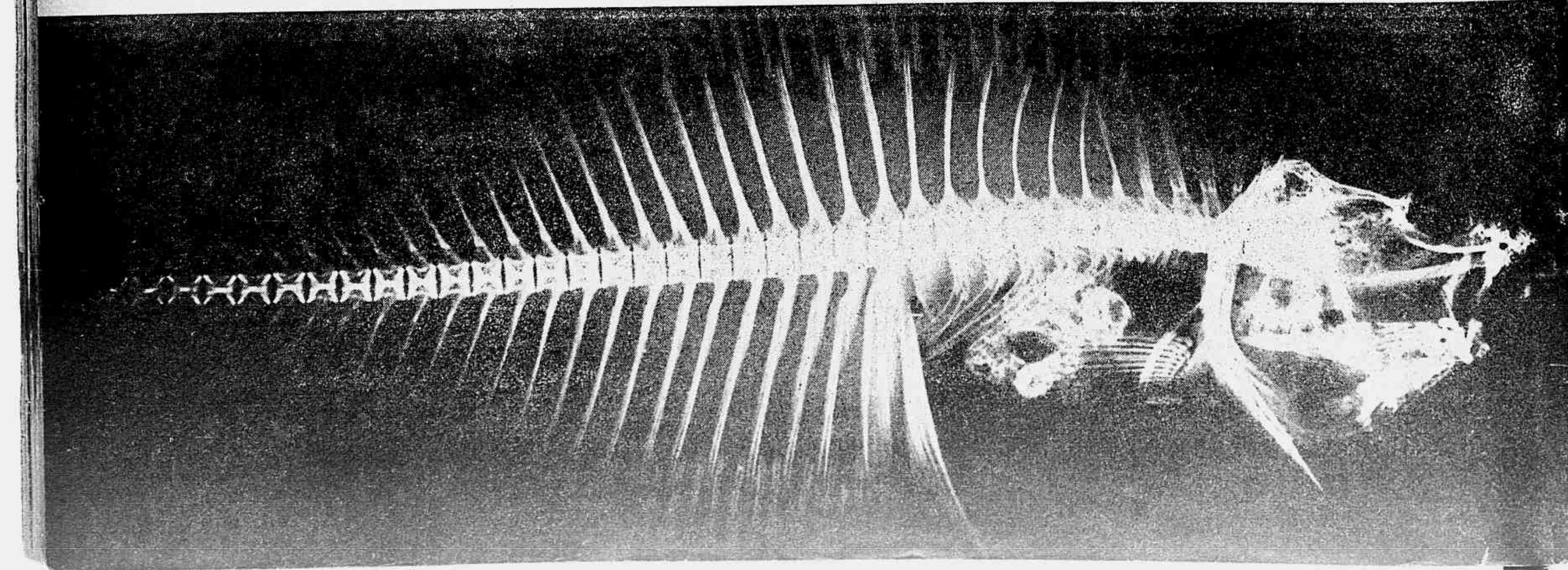
★

O modelo revelado na radiografia do esqueleto de um peixe tem uma beleza fascinante. Detalhes mínimos da estrutura interna, demonstrados no corpo vivo, dão aos biólogos uma importante pista para a investigação do processo da vida. Fornece importantes elementos no trabalho sobre a hereditariedade e a cura de doenças. Muitas espécies obscuras estão sendo agora submetidas à pesquisa dos raios X.

aos técnicos observar a função dos órgãos do corpo.

Esses raios X agora permitem exames de momento, especialmente úteis nas doenças do aparelho digestivo, cujo número cresceu muito nos últimos anos.

Os usos industriais dos Raios X estão também crescendo, ajudados por melhorias nos aparelhos. Os defeitos internos na distribuição de metal são prontamente revelados, permitindo que uma correção oportuna seja feita. As distribui-





Já viram o "espectro de uma rosa"? O interior das rosas é revelado neste gráfico de sombras produzido pelo Ralo X. Os artistas usam os modelos para criar novos desenhos. Esses estudos, entretanto, tem sido de maior importância para os botânicos e especialistas em genética, que fazem experiências sobre o cruzamento de plantas.

★

Produtos industriais, como tubos de aço, são submetidos ao ralo X, a fim de revelar os defeitos do metal. Os aparelhos melhorados também revelam a estrutura do cristal.

ções defeituosas podem ser evitadas, se os defeitos forem vistos.

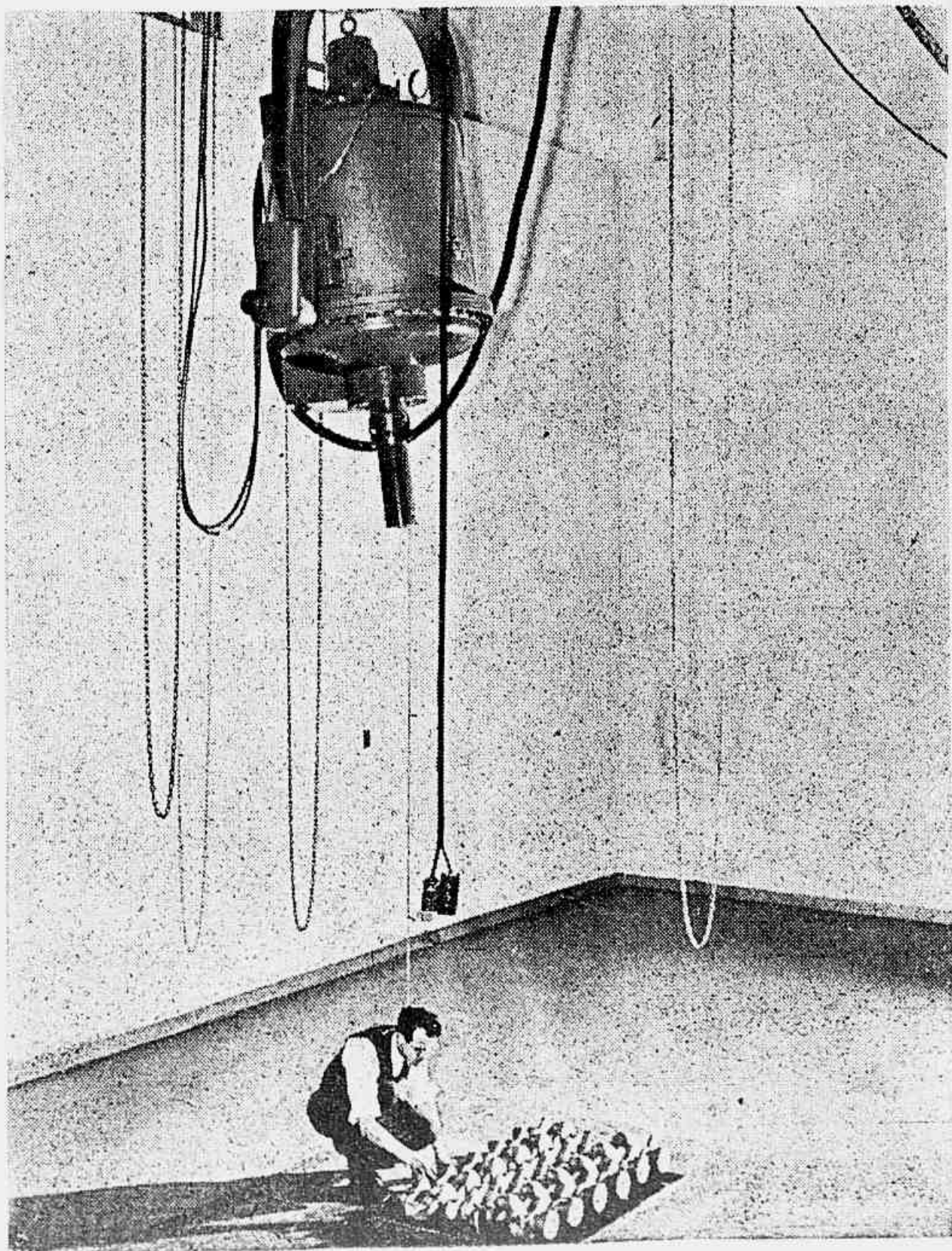
Os engenheiros que resolvem problemas de segurança consideram o progresso importante, desde que evitará acidentes até então causados pelo fracasso de maquinaria — fracasso devido a defeitos internos que os engenheiros de produção não podiam saber antes que tivessem o auxílio dos mais recentes raios X.

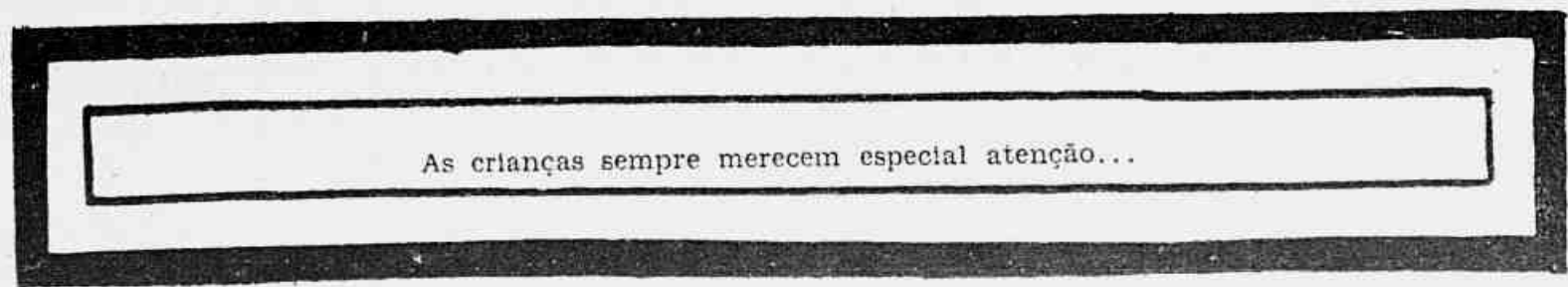
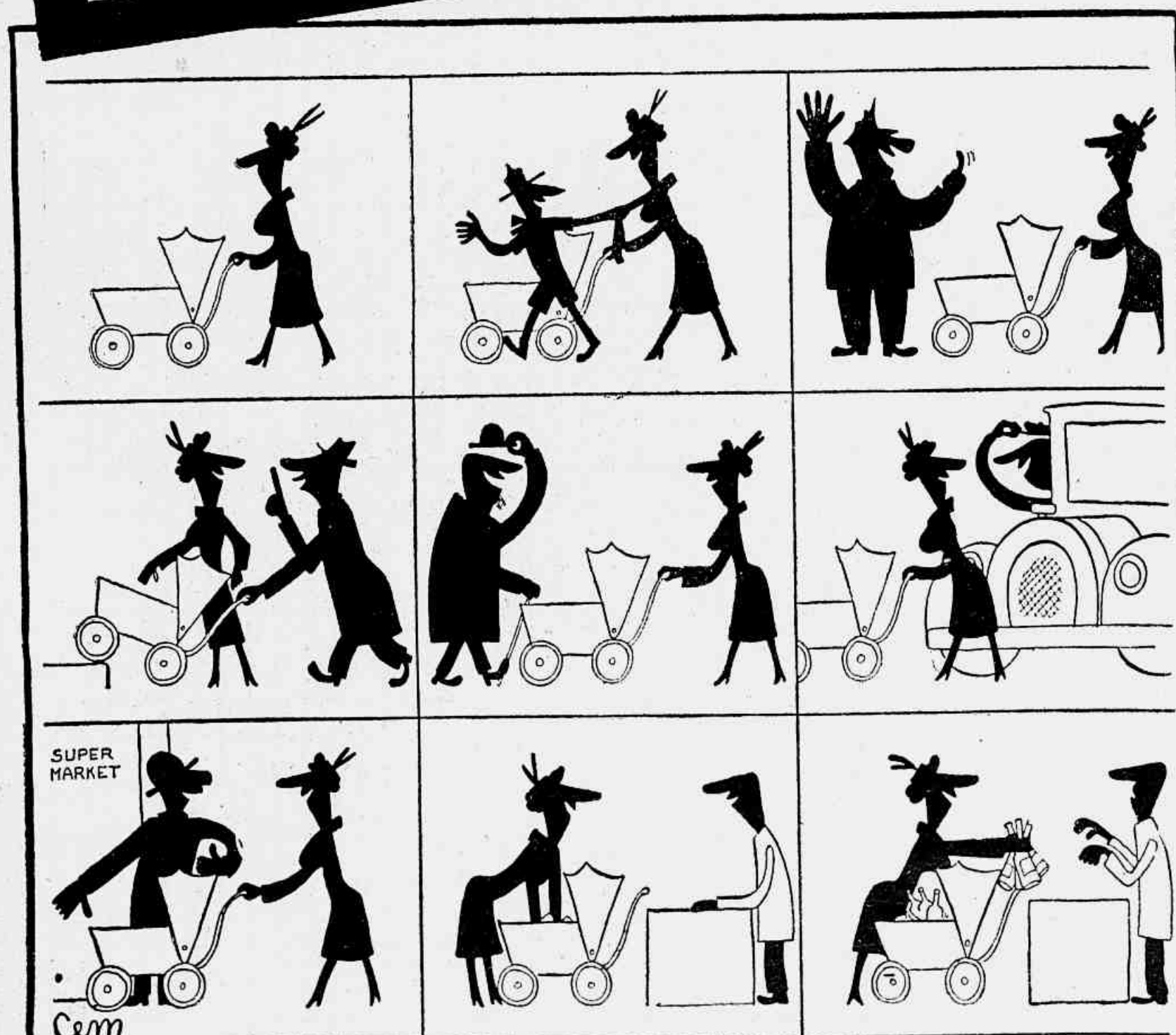
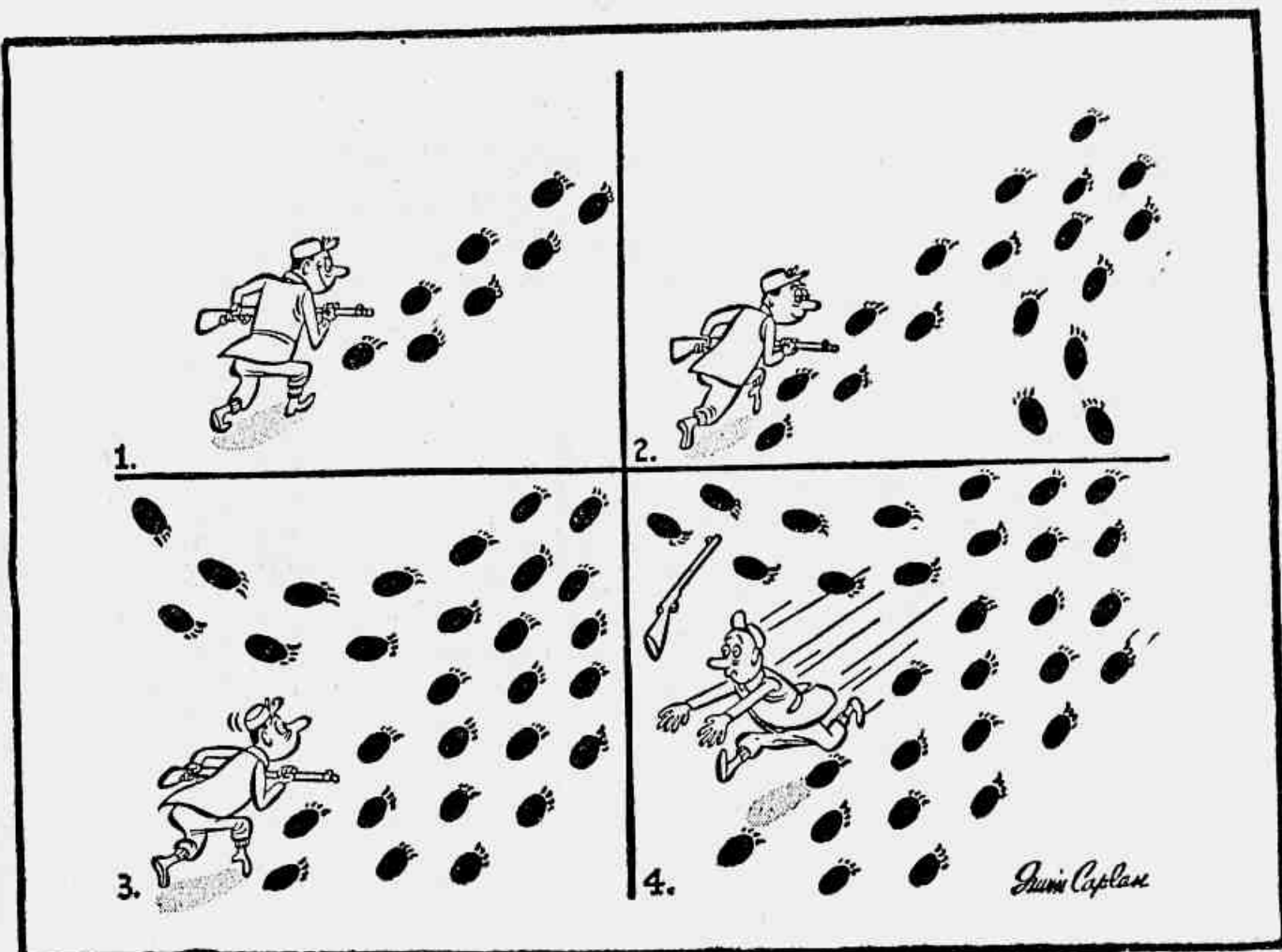
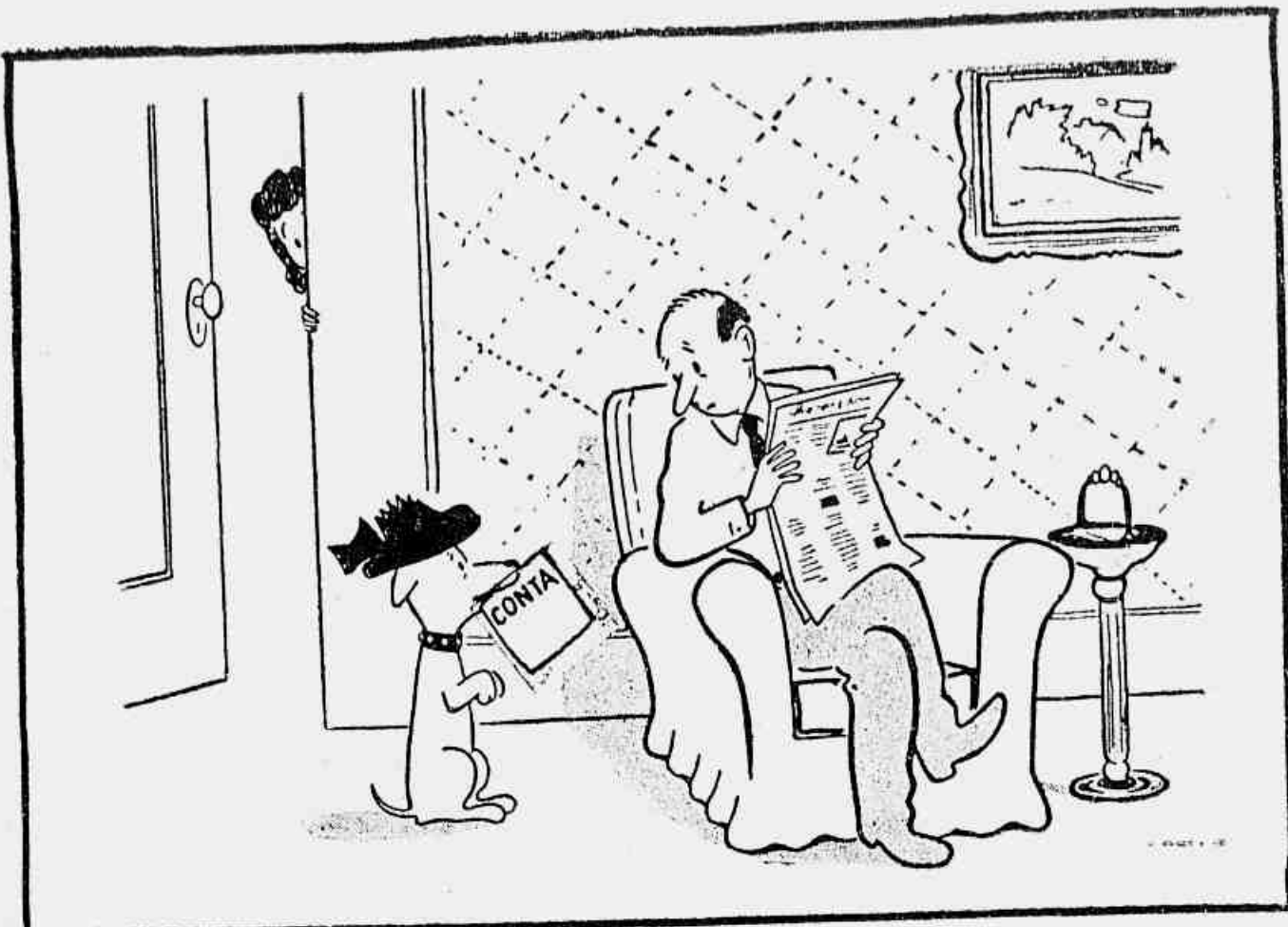


Um super-poderoso Ralo X é assestado sobre um gerador elétrico na Companhia General Electric, em Schenectady. Ele torna mais rápida a produção do equipamento necessitado pela indústria dos EE. UU.

★

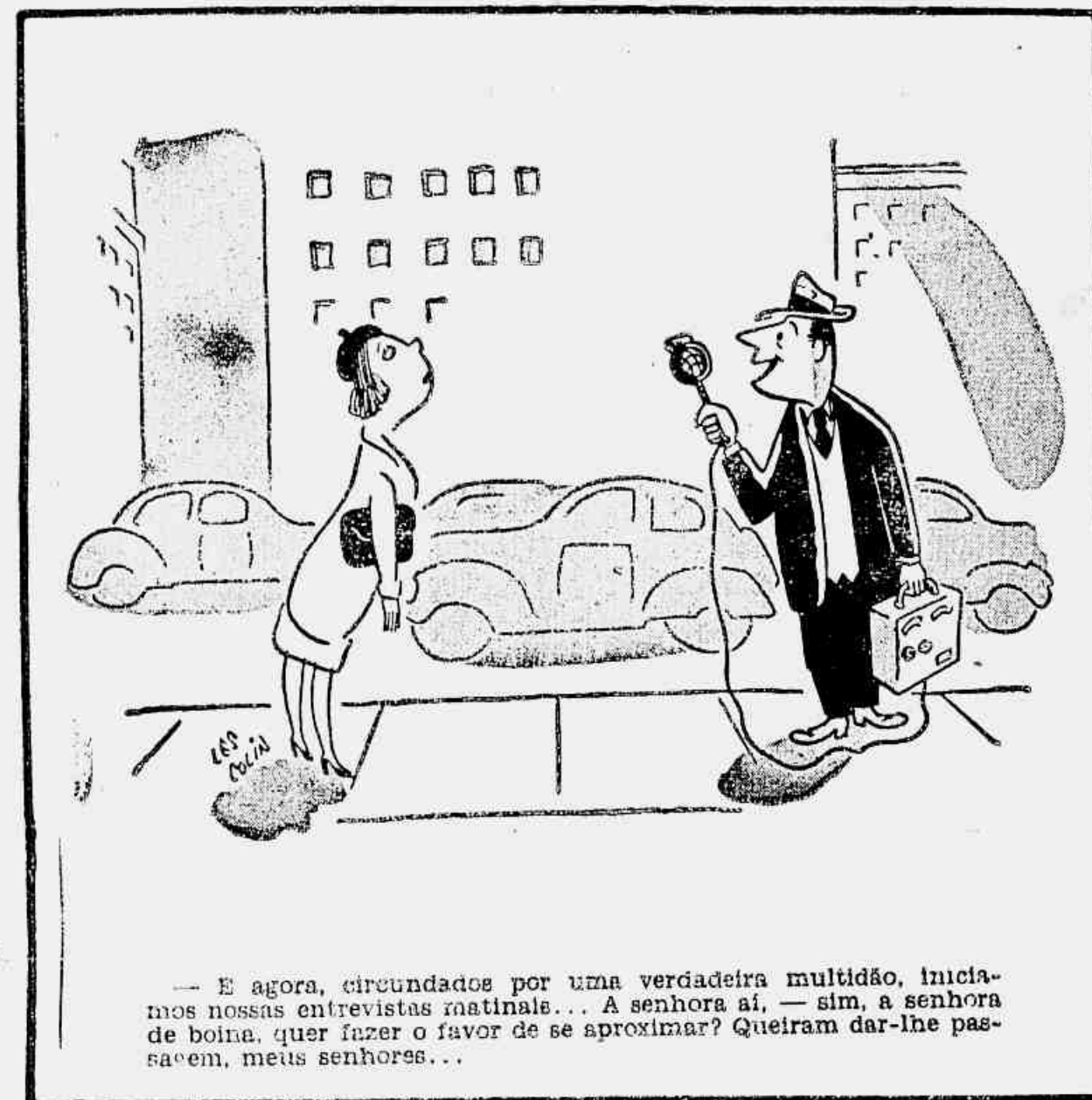
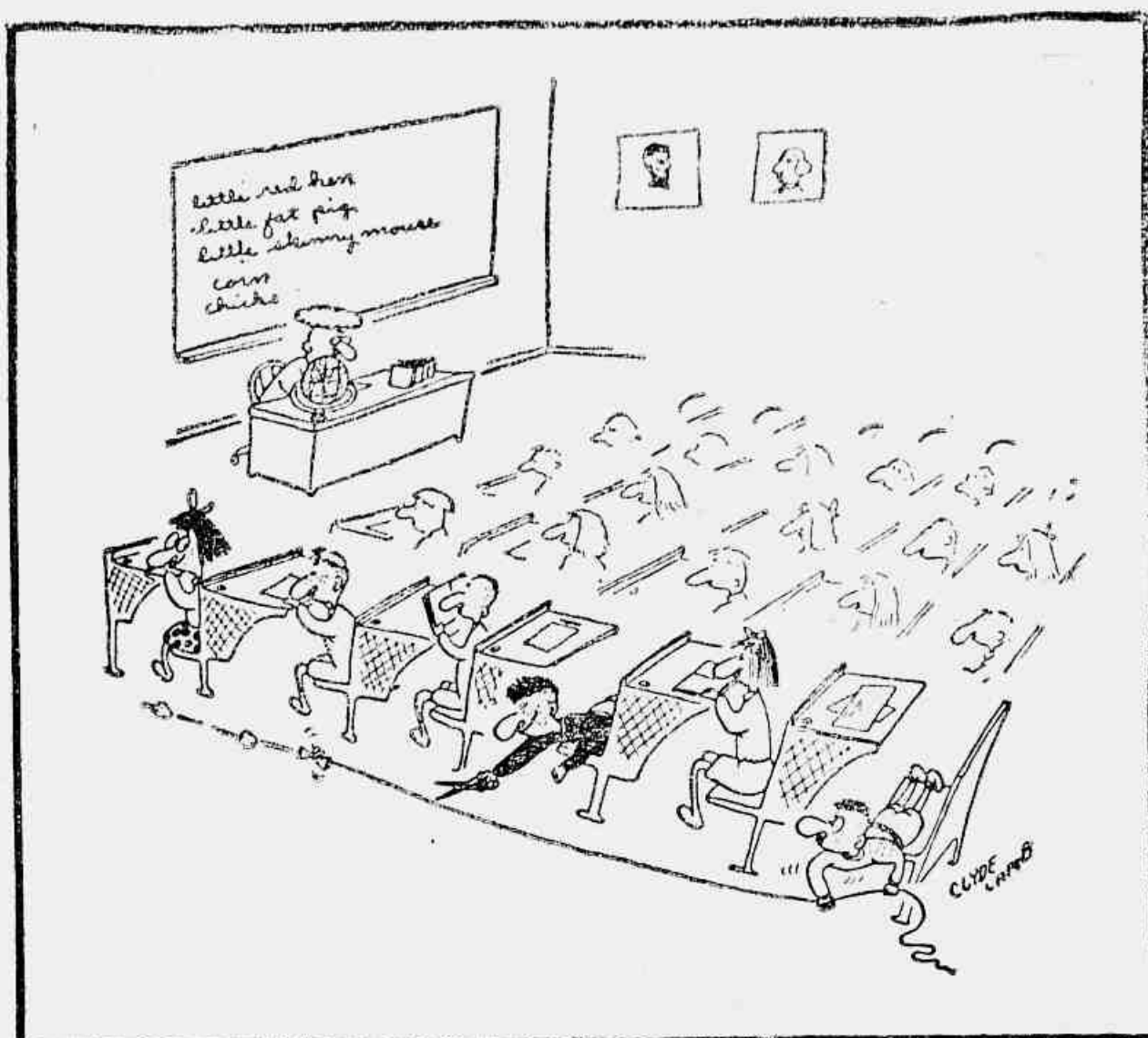
Uma pequena doente engole fluido de barilo antes de exame pelo fluoroscópio. A passagem do líquido opaco torna o técnico apto a pesquisar os órgãos digestivos. Os melhoramentos de após-guerra eliminaram o desconforto para o doente e tornaram o diagnóstico mais positivo.







— Não poderemos sair deixando a mamorada do nosso filho sozinha... Temos de esperar até que ele regresse...



— E agora, circundados por uma verdadeira multidão, iniciamos nossas entrevistas matinais... A senhora aí, — sim, a senhora de boina, quer fazer o favor de se aproximar? Queiram dar-lhe passagem, meus senhores...



— Sempre fazemos assim... Esperamos até a última hora e, então, conseguimos uma linda árvore de Natal, praticamente de graça...



— Eles não são daqui... A casa foi trazida para cá pela última enchente...



— Estou com uma enorme pena de dizer-lhes que resolvemos o caso amigavelmente...

MESQUITINHA SE DESPEDE DO RIO

MESQUITINHA, o comediante que o Rio tem aplaudido no teatro, no rádio e no cinema, está se despedindo do público carioca, com a apresentação de "O Biriba", uma nova peça do veterano escritor Armando Gonzaga, com um título de ocasião, gerado por um dito popular que rapidamente se divulgou na cidade, transformando-se na piada dos que não têm piadas a contar. As vésperas de partir em excursão pelos Estados, Mesquitinha apressa a encenação de novas comédias ligeiras, de feitiço despretensioso, destinadas especialmente a fazer rir. Por isso mesmo, deixou o cartaz mais cedo do que em condições usuais a interessante comédia de José Wanderley "Uma vez na vida", encenada por Mesquitinha e sua companhia, na qual se destaca, pela sua graça, mocidade e aptidões dramáticas, a atriz Natara Ney, que já representou com brilho ao lado de Dulcina e Odilon. A peça de José Wanderley, com uma sólida fatura, constituiu um dos melhores espetáculos daquele conjunto, tendo Mesquitinha realizado com muita felicidade o tipo do professor Prudente, um homem que, um dia, interrompe com uma aventura extemporânea toda uma vida de respeitabilidade e honradez. Obrigado a recorrer à mentira para se justificar, cada vez mais vai se embaraçando, até que não tem mais para onde se voltar. Só a verdade, nua e

(Cont. na pág. 50)

Na página ao lado: Mesquitinha, no papel do professor Prudente, da comédia de José Wanderley, "Uma vez na vida", levada recentemente à cena no Rival.

Mesquitinha, Natara Ney, João Martins e Carlos Tovar, em uma cena da comédia de José Wanderley, "Uma vez na vida".

A esquerda: A verdade ou a mentira? O professor Prudente fica chelo de dedos, quando tem que dar explicações à esposa... A direita: Quando está fora de si, o velho professor Prudente é quase capaz de perpetrar um assassinato... (Mesquitinha e seus artistas, em uma cena da comédia de José Wanderley, "Uma vez na vida").





VIDA LITERÁRIA

CRÍTICOS EM FÉRIAS, CALMARIA LITERÁRIA, ETC.

Se a produção da literatura nacional, no ano passado, foi fraca, mais fraca parece ainda que será no corrente ano. Quatro meses lá se vão, sem que grandes coisas tenham aparecido. E talvez por isso, muitos críticos resolvessem tirar férias. O sr. Alvaro Lins, por exemplo, há bastante tempo que não escreve. Mas sua atividade tem sido grande nestes últimos oito anos e é justo goze ele, agora, de um merecido repouso. O autor da "História Literária de Eça de Queiroz" e morreu enormemente para a moralização da nossa crítica, reduzida a um jogo de elogios mútuos ou de simples detração pessoal, quando ele iniciou seus folhetins honestos, sinceros e corajosos em 1940. Esses artigos, já perfazendo hoje um total de cinco volumes, aí ficarão como um precioso documentário da nossa vida literária nos últimos anos. Documentário que é, ao mesmo tempo, um julgamento.

O sr. Tristão de Ataíde vem desenvolvendo assuntos doutrinários nos seus artigos dominicais, alheio à crítica militante.

E também o sr. Elói Pontes, de uma fecundidade torrencial, escrevendo sobretudo com uma ligeireza desconcertante, não anda muito assíduo nas colunas da imprensa.

No momento em que essas vozes se calam surge, porém, em "Letras e Artes" um novo crítico, personagem misteriosa, que se diz a encarnação viva do leitor e responde pelo pseudônimo de Policarpo Quaresma, Neto. Em apreciações ligeiras, dando-nos uma rápida impressão de cada livro, consegue destacar o essencial, com justeza e finura. E depois, tem a seu favor esse condimento do mistério, do pseudônimo a excitar a curiosidade, a intrigar, como já se dera ali com outra singular personagem que se assina D'alma Viana. O pseudônimo em crítica literária é uma espécie de voto secreto: dá mais liberdade ao indivíduo para revelar sua opinião.

Enquanto isso, um amigo se aproxima de nós, perguntando pelas últimas perfidias, os últimos mexericos no mundo das letras. Na verdade, as intrigas se vão tornando raras, os mexericos escasseiam, porque os escritores residentes no Rio tendem, cada vez mais, a viver cada qual no seu canto, sem participar de reuniões ou tertúlias. Isolados, quase sem contacto uns com os outros, vendo-se apenas ligeiramente às portas das livrarias, é natural que os respectivos venenos percam a virulência recíproca e não suscitem "potins", nem anedotas. O anedotário imenso deixado pela geração boêmia era produto de um permanente convívio nos cafés. As nossas gerações modernas, infensas às reuniões e à sociabilidade — e quem diz sociabilidade diz atrito, choque — não deixarão anedotas. Mas há sentenciava o imperador romano: Felizes os povos que não têm história...

Três criaturas permanecem acorrentadas naquele ermo, sob o signo da vingança e do amor. A fatalidade as envolve, como um permanente mistério. Sem procura intencionada de efeito, Edith Wharton consegue despertar-nos uma grande emoção. Idéia bem feliz foi, portanto, a da tradução desta novela, que pode ser considerada, sem favor, uma obra prima. (Ed. Globo — Col. Nobel).

OS LIVROS DA SEMANA



Edith Wharton

"A CASA DOS MORTOS" — De Edith Wharton

Excelente oportunidade para o público brasileiro vir a travar conhecimento com a romancista norte-americana Edith Wharton, esta que cetera a tradução portuguesa do romance "A Casa dos Mortos" ("Ethan Frome"), feita com fidelidade e elegância por Moacir Werneck de Castro.

Edith Wharton foi, juntamente com Henry James, uma grande analista da sociedade aristocrata norte-americana, a sociedade dos hotéis de luxo que vive sob influências cosmopolitas, senhando com a Europa e Paris, sujeita aos conflitos íntimos que a ociosidade constantemente acarreta.

Muitos dos seus melhores romances, como "A Idade da Inocência" se passam nesse ambiente e com personagens dessa categoria. Mas uma permanência de alguns meses na província, numa temporada de repouso, fez com que a autora deslocasse em dois livros magníficos, "O Verão" e "A Casa dos Mortos", a que nos referimos, o centro de interesse de seu "élan" criador e de sua análise psicológica. Uma velha fazenda, num recanto solitário do Massachusetts bastou para dar a Edith Wharton toda a sugestão de um drama. Daí a história cujo desenrolar assistimos nas páginas verdadeiramente emo-

cionantes de "A Casa dos Mortos".

"OS SANTOS QUE ABALARAM O MUNDO" — De René Fulp Miller.

No seu livro "Os Santos que Abalarão o Mundo", traduzido para o português por Oscar Mendes, René Fulp-Miller pretendeu mostrar como há nos santos uma "grandeza humana", em condições de ser apreciada e imitada por todos nós, independentemente da crença e da religião de cada um. Para isso, escolheu cinco grandes figuras do florilégio cristão, em que essa grandeza podia ser melhor fixada: Santo Antônio, o santo da renúncia; Santo Agostinho, o santo do intelecto; Santo Inácio, o santo do poder da vontade; Santa Teresa, a santa do êxtase. Aí temos, assim, cinco pequenas biografias, feitas com grande poder de síntese e com o propósito de destacar, por assim dizer, o elemento essencial da santidade dos referidos vultos.

René Fulp-Miller é um nome que não pode ser confundido com o de tantos vulgarizadores fáceis que por aí vêm sendo traduzidos. Vulgarização é a faz, por vezes, mas na mais elevada expressão da palavra. No fundo, suas obras são sempre orientadas por um pensamento próprio, pretendendo sempre dizer e provar alguma coisa. E o que verificamos ainda uma vez no presente volume, de leitura amena e agradável, capaz de interessar toda espécie de leitor e de deixar a mais viva ressonância em todos os espíritos. (Ed. José Olympio).

"A FORÇA DA ILUSÃO" — De Matheus de Albuquerque

O sr. Matheus de Albuquerque, diplomata de carreira, é também um

escritor relativamente fecundo. Já publicou cerca de quinze obras em vários gêneros — romance, ensaio, poesia, — possuindo algumas traduções para o francês e o espanhol.

Entretanto, a crítica brasileira pouco se tem ocupado dele. Seus livros se sucedem, sem a menor repercussão em nosso ambiente. Temos aqui em mãos o seu sexto romance: "A Força da Ilusão". Na orelha do livro o editor alude às afinidades do romancista brasileiro com Anatole France. E, sem dúvida, um paralelo ousado. Acentua também o editor uma semelhança com o estilo de Aldous Huxley.

Na realidade, percebe-se que o sr. Matheus de Albuquerque quis adotar a técnica de narrações superpostas, vulgarizada por Huxley, mas semelhança de estilo não há nenhuma. Justamente o ponto fraco do autor de "A Força da Ilusão" é o estilo. Sua narrativa, a que não falta certo interesse romanesco quase sempre peca pela frouxidão do estilo. Neste livro há duas histórias sincronizadas com alguma habilidade: a odisseia de um diplomata brasileiro, na Europa em guerra, e o romance de amor desse mesmo diplomata com uma criatura muito convencional de nome Marina.

A primeira dessas histórias, que deve ser, naturalmente, autobiográfica, é a mais interessante, valendo, sobretudo, como um documentário dos trágicos dias de 42 e 44. (Ed. Agir).

OUTRAS EDIÇÕES

— Onde há um, basta um — romance do sr. Agnelo Macedo, cuja ação se desenrola no ambiente rural de uma fazenda paulista, encerrando, como o próprio título o indica, um conflito sentimental (Ed. Liv. Martins).

— "O Lampadário" — de O. G. Urrutigaray.

— "A Sabedoria de Israel" — antologia do pensamento semita, coligida e anotada por Lewis Browne. Leitura de interesse para a melhor compreensão do espírito judaico e, consequentemente, de um dos problemas que mais preocupam o mundo. (Ed. Pongetti).



Genolino Amado, o cronista que enveredou pelas letras teatrais e acaba de escrever para Dulcina uma nova peça, "Dona do Mundo".

ANEDOTÁRIO

O orgulho do boêmio

Raul Braga foi um dos mais terríveis boêmios da geração de Bilac, Coelho Neto, Aluísio.

Nada deixou escrito, porque consumiu sua curta existência no álcool. Conta-se que tendo um indivíduo riscado um fósforo muito perto dele, deu um enorme salto para trás, exclamando:

— Oh! maluco! oh! bárbaro! queres explodir-me?

Dele ainda se conta que, vindo passar um indivíduo que se dizia filósofo, todo enebado, observou:

— Que tipo sujeito!

E como alguém advertisse:

— Mas você também está todo cheio de manchas...

Num assomo de orgulho, respondeu:

— Sim, de manchas, como o sol...

RECLAME INFALIVEL

Lamotte-Leva, er fez um livro que seu editor não conseguiu vender. E vindo este queixar-se do prejuízo, Lamotte respondeu:

— Não se inquiete, tenho prestígio bastante na corte para conseguir a proibição do volume.

O livro foi realmente proibido. Desde esse momento houve tal procura, que o livreiro foi obrigado a mandar tirar uma segunda edição para satisfazer os pedidos.

"Jornada", será o próximo romance de Érico Veríssimo

Érico Veríssimo, como se sabe, está escrevendo um vasto romance, narrando a história de uma família gaúcha em várias gerações. Esse livro será para o popularíssimo escritor brasileiro — grande admirador de Somerset Maugham — uma espécie de "Serviço Humano". "Jornada" intitular-se-á, possivelmente, o novo romance.

Congresso de Filosofia

Enquanto em São Paulo se anuncia um Congresso de Poesia, em Minas se anuncia outro de filosofia. O prof. Versiani Veloso, da Faculdade de Letras de Belo Horizonte, é o seu principal organizador, vivamente empenhado no êxito do conclave.

Seja dito de passagem que o prof. Versiani publicou, há pouco, dois interessantes livros na sua especialidade: "Introdução à História da Filosofia" e "A filosofia e seu estudo".

Um diário de Maurois

— Acaba de ser editado nos Estados Unidos, um diário de André Maurois, em inglês "From My Diary", abrangendo o período de um ano e refletindo, de maneira bem expressiva, uma hora crítica do mundo.

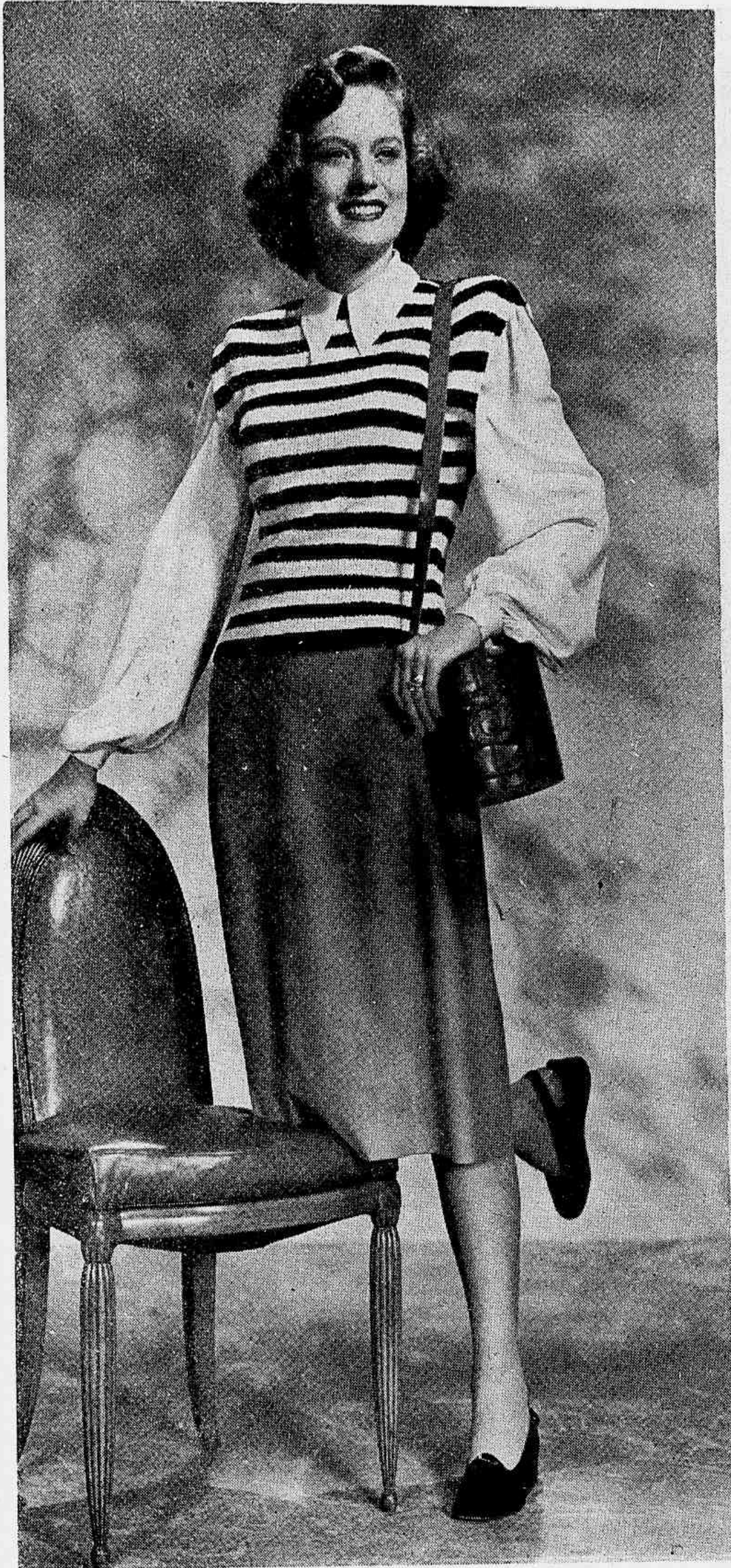
Maurois

REMESSA DE LIVROS: Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.



VOCÊ que fica com "preguiça" de sair; você que não gosta de estar sempre "paramentada"; você que detesta visitas, cinemas ou teatros; você que não gosta de andar "à toa" pela rua; você, enfim, que prefere ficar dentro de casa inteiramente à vontade, metida num roupão ou num vestido velho, você está pondo em perigo a sua própria felicidade. Porque quando o homem não encontra na mulher com quem casou a companheira que esperava e devia encontrar, invariavelmente ele procurará fora de casa alguém que o compreenda melhor e esse alguém poderá ou não ser um amigo... E ninguém poderá culpa-lo por isso. A culpa está, sim, na esposa que não soube compreender bem as suas obrigações; que julgou que o marido deveria ficar satisfeito apenas por encontrar a casa arrumada e a comida feita; que acha que ele tem o dever de gostar dela assim mesmo; que não vê a necessidade de sair de casa para se distrair ou "onde" versar com outras pessoas, que não soube, enfim, ser companheira e amiga, quando esse deveria ser o seu papel. O marido, sem dúvida, apreciará as suas qualidades de dona de casa, gostará, naturalmente, de saborear pratos gostosos, gostará também de ver os cuidados que ela dispensa às crianças, mas, gostaria muito mais ainda de vê-la manter aquele mesmo encanto de solteira; recebê-lo preparada e arrumada como fazia então; não recusar nunca um seu convite para sair, mostrando sempre disposição e prazer na sua companhia. Isto não custaria muito e a compensação seria imensa. Afaste a "preguiça", vista-se bem, penteie-se melhor ainda, faça "maquillage" espere-o bonito e gracioso e faça-o sentir que se preparou unicamente para ele; quando ele quiser sair, não alegue que se sente cansada ou que está muito bem em casa ou que está indisposta. Saia mesmo que às vezes tenha que fazer sacrifícios. Vá a um cinema, a um teatro, ou a casa de amigos. Vá onde ele queira levá-la e vá sempre com fisionomia alegre e bem disposta. Si você tem vivido num erro, ainda está em tempo de corrigir esse erro. Você pode mudar, pode salvar a sua felicidade, si souber se transformar numa criatura agradável, amiga e companheira, cuja companhia o marido receba com prazer e da qual se orgulhe.





MODELOS PRATICOS DE HOLLYWOOD

Aqui alguns modelos práticos, que Hollywood, um dos grandes centros mundiais, creador da moda, nos envia. São modelos simples, porém, de grande elegância e podem ser usados sem a preocupação das grandes "toilettes". Na página ao lado: Doris Day, da Warner usa, com uma saia estampada toda franzida, uma blusa de seda de mangas amplas. Gravata e faixa do mesmo tecido. Nesta página, ao alto, à esquerda: Saia de gabardine verde escuro. Blusa de seda branca. Sweater de malha listrada verde e branco. Sugestão de Alexis Smith, da Warner Bros. A direita: Signe Hasso, da Universal International, usa um modelo em seda pesada, bege e havana. Finalmente em baixo, um encantador modelo, que, você que é muito hábil, poderá executar facilmente — é um conjunto de Jane Wyman, feito em "crochet", com fita branca e azul.



Blusas



Ao alto, à direita: Blusa e crepe da china azul pálido. Pala sobre os ombros e nas costas, formando franzidos. Em azul com "pois" grenat. Mangas drapeadas. No centro: Em piquê de seda branca, guarnecido de renda. Blusa em crepe mate rosa. Recortes pespontados sobre os ombros. Finalmente, em baixo: Em organdi branco, guarnecido de entremelo de valenciana. Botões de cristal. Blusa em crepe "georgette", pala com nervura, cercada de babado franzido.



Aqui estão seis interessantes modelos de blusa para você. São todos modelos práticos, e que poderão ser executados nos mais variados tecidos, tais como, crepe, seda, piquê, etc.

PARA O PROXIMO INVERNO



Casaco esportivo usado por Allida Valli, da RKO, em lá amarelo canário. Grandes botões e bolsos embutidos são as características principais deste agasalho.

Muro das LAMENTAÇÕES

Respostas a algumas consultas

ELZA SANTOS — Baurú — Infelizmente, não estamos autorizados a revelar a verdadeira identidade e o endereço de nossos consulentes. Seu gesto, no entanto, denota nobreza e espírito de solidariedade. Pode escrever-nos, enviando uma carta para o "Maurício M. R.", de Nova York, que lhe faremos entregar suas palavras. Ele mesmo, depois, se quiser lhe enviará o endereço e o nome certo. Está bem?

DESESPERADA — Onde estiver — A diferença social de que você fala não terá importância se vocês se gostarem realmente, e se da parte de ambos houver uma sincera vontade de desmanchar os malentendidos. Para isso, é indispensável que vocês se observem, vejam se estão de fato apaixonados, se estão dispostos a enfrentar a vida juntos. Em caso afirmativo, perderão toda importância essas intriguinhas de cidade do interior, pois a confiança existente entre vocês bastará para reduzir a nada qualquer obstáculo. E, aliás, o que lhe aconselho: procure entender-se diretamente com ele, sempre usando franqueza absoluta, e pedindo a ele que faça o mesmo. Assim, não poderá haver carta anônima capaz de afastá-los. Lembre-se de que a felicidade da gente provoca sempre invejosos, e que o melhor castigo para essas criaturas é não dar-lhes importância. E felicidades, minha querida! Tenha confiança, pois não existem motivos para você se desesperar.

JULIETA — Numa paragem mineira — Perdõe a demora em responder-lhe, porém recebemos com grande atraso sua longa carta. Vamos por partes. Primeiro, o passado. Quanto a este, serve apenas de fonte de observação. Dele você pode tirar algumas lições. O fracasso do seu primeiro noivado, minha querida Julieta, não foi fracasso seu, e sim do seu ex-noivo. Você se manteve fiel ao compromisso assumido, ele é que demonstrou fraqueza e inconstância. Por isso, não há razão para você encarar esse fato como uma derrota sua. A derrota foi dele, embora você tivesse, naturalmente, o direito de sentir as saudades de quem perde alguém muito querido. Também sobre seus primeiros namoros você não deve sentir qualquer remorso — eles foram como foram, mas a culpa não foi sua, propriamente. Onde achamos que você não está agindo sensatamente é agora, diante de seus atuais casos.

Em primeiro lugar, este seu segundo noivado, iniciado evidentemente para estaquear o prédio desmoronado do primeiro... Você mesma confessa que não gosta do rapaz, que vai casar apenas para não ficar solteirona... Grande erro, Julieta, grande erro para você mesma. Antes de mais nada, em assuntos de amor, não se cura um caso com outro, à força. Quando se sofre nesse sentido, é preciso procurar divertimentos, esquecer, enfim, mas não procurar outra pessoa para substituir, porque ainda temos o coração cheio e não haverá lugar para mais ninguém, a não ser na qualidade de intruso. Procurando sarar da primeira paixão, você conseguiu apenas sentir aversão pelo seu atual quase noivo; se você o tivesse encontrado de coração limpo, talvez sua impressão fosse até bem mais favorável.

Portanto, achamos sinceramente que esse seu noivado não deve ir adiante, sob pena de colocá-la mais tarde em situações tremendas sob qualquer aspecto, especialmente sob o prisma moral. Uma mulher que casa sem amor, conscientemente insatisfeita com o seu par, é uma mulher naturalmente predisposta para o adultério. E quem mais sofre com o adultério não é o marido, como se pensa; é a própria mulher, escrava de seus sentimentos porém castigada pela sua consciência. Sua aventura com o rapaz louro, do Rio, já prova até que ponto você poderá chegar, à primeira oportunidade. Portanto, por um dever de honestidade, você não deve continuar iludindo o seu quase noivo. Afaste-o sob qualquer pretexto, aquele, por exemplo, de que você não consentirá em morar com a mãe dele depois de casados. Evidentemente, ele é demais na sua vida, na qual, mais propriamente falando, não chegou a entrar: não passou de uma estaca de que você cruelmente se serviu em momentos de desespero. Não transforme essa estaca, presentemente numa perigosa arma de malefícios contra vocês. Afastem-se, e, você, procure iniciar nova vida.

Sentimos não podermos dar-lhe qualquer ilusão sobre o rapaz do Rio. Seu procedimento evidencia a intenção clara de conquistá-la pelos sentidos, nada mais. Depende de você, agora, saber se a satisfação desses sentidos lhe bastará, ou se você deseja constituir família, ter um marido de quem goste, ser-lhe fiel, ter filhos. Se é este seu verdadeiro desejo, então afaste-se por completo do rapaz. Sua ida ao Rio no Carnaval constituiu tremenda levandade, que só deve ter servido para que ele a classificasse erradamente (ou certamente?). De você depende provar-lhe isso. Não é nos abalando que parecemos grandes aqueles que desejamos impressionar. E você, o que tem feito? Apenas coisas que a diminuem aos olhos dele: namorando e sendo noiva, viajando ao encontro dele para estar com ele no Carnaval...

(Cont. na pág. 54)



A EDUCAÇÃO DO BEBÊ

Começa no primeiro dia de nascimento. Todos sabem que às primeiras vinte quatro horas nenhum alimento deve ser dado à criança; se chora verificar-se-á se está bem agasalhada, bem cintada e se foi considerada em boas condições físicas pelo médico, deixa-se que chore à vontade na sua caminha.

A atitude mais aconselhável no trato com crianças é serenidade; não confundi-la com indiferença; na segunda há descuido, na primeira há controle dos fatos, sabendo dominá-los; muitas mães que se julgam estressadas, ao primeiro grito do filho, apressam-se a tirá-lo do leito, embalam-no furiosamente, dão-lhe papinhas extras para consolá-lo e acalmar a própria preocupação; às vezes esta criança tão acarinhada sofre no entanto de qualquer perturbação grave nas suas condições físicas a qual não pode ser resolvida por nenhum agrado e sim por um conveniente tratamento. Nos primeiros dias de vida é justo que a criança estranhe o ambiente mais hostil do mundo e manifeste o seu aborrecimento pelo choro; dizem mesmo os antigos que o choro é um exercício respiratório necessário. A adaptação é rápida, no entanto, e a criança breve se consola com o leite materno que lhe mata a ansiedade da fome. A criança normal, bem alimentada e higienizada, nas primeiras semanas de vida dorme feliz o dia inteiro recordando em sonhos deliciosos o paraíso de onde veio. Se a família quer se distrair com o bebê e pegá-lo todas as vezes em que chega uma visita, o recém-nascido habitua-se a substituir a estabilidade natural do leito pelos embalos de braços amorosos; é justo que mais tarde, mesmo depois de ter passado a febre de carinhos, exija com choro e gritos a situação prazerosa em que foi mimado. Mas é tempo ainda de educá-lo; basta que se deixe chorar o bebê, durante algumas horas, ele compreenderá que cessou a situação de privilégios e se conformará com cuidados regulares e comuns.

O horário alimentar tem grande importância na vida do recém-nascido; é preciso respeitá-lo com toda a seriedade; jamais se dê o peito ou a mamadeira à criança durante a noite; as mães que assim procedem, pretextando que o bebê estava com fome, arrependem-se amargamente depois, e não só apenas durante o primeiro ano, mas durante toda a infância, a criança repete os chamados noturnos, criando um ambiente de intranquilidade e fadiga permanentes. Sem dormir o tempo suficiente a criança se torna irritadíssima, irritadíssima se torna a mãe que também não pode dormir tranquilamente durante a noite; aborrecido fica o pai, que trabalha o dia inteiro e quer a noite para dormir; e assim toda a família se ressentida do fato, insistindo num círculo vicioso num ambiente de exasperação impróprio cada vez mais à educação da criança.

A enumeração de coisas erradas que se fazem com as crianças pequenas me levaria a estender indefinidamente este artigo; mas entre outras quero citar a atitude prejudicial que têm muitos pais (e me refiro aqui aos homens) de atirar a criança para o alto numa brincadeira violenta e estúpida. Disse um psicólogo que a pior sensação de terror que se possa infligir a uma criança pequena é a de soltá-la no espaço num choque brusco; esta afirmativa é baseada em experimentos constantes e comprovados em crianças com menos de um ano numa creche de Berlim. Estas brincadeiras repetidas e maléficas podem transformar uma criança normal em assustadíssima e nervosa; quase todas elas, quando são atiradas no espaço dão gritos agudos e desamparados, que testemunham o seu pavor.

Resta-me ainda falar sobre o período da dentição que, erradamente, é considerado como doentio; a criança normal nada sofre durante a dentição e se ocorrer febre e outros sintomas, não atribua a mãe aos dentes, mas leve o bebê ao médico pediatra para que ele verifique o estado sanitário da criança. Uma mãe zelosa observará com guias adequados as fases de dentição, fala e engatinhar do filho, relatando ao médico tudo que não lhe parecer normal; uma deficiência corrigida a tempo previne contra defeitos futuros mais graves. A criança atinge uma maturidade necessária para andar e é tolice querer forçá-la, obrigando-a a andar antes que manifeste desejo para isto; a queda no próprio chão não apresenta também os perigos que as mães entrevêm; a criança precisa da experiência dos perigos e afastar todas as situações desastrosas cria uma falsa impressão de segurança que não lhe é propícia. Vigilância, sim, mas sem exageros de precaução; cuidados singelos e persistentes, sem transbordamentos de sentimentalidade desviada; controle médico periódico, sem peregrinações por consultórios de vários médicos; eis o que cumpre à verdadeira mãe, que quiser fazer de seus filhos crianças sadias, capazes e felizes.

ZOIA DE LAET

N. — O artigo da semana passada — "A indisciplina escolar" saiu com vários erros de impressão, que prejudicaram a clareza do texto. A autora pede desculpas aos leitores, por essas lacunas, que não são suas.



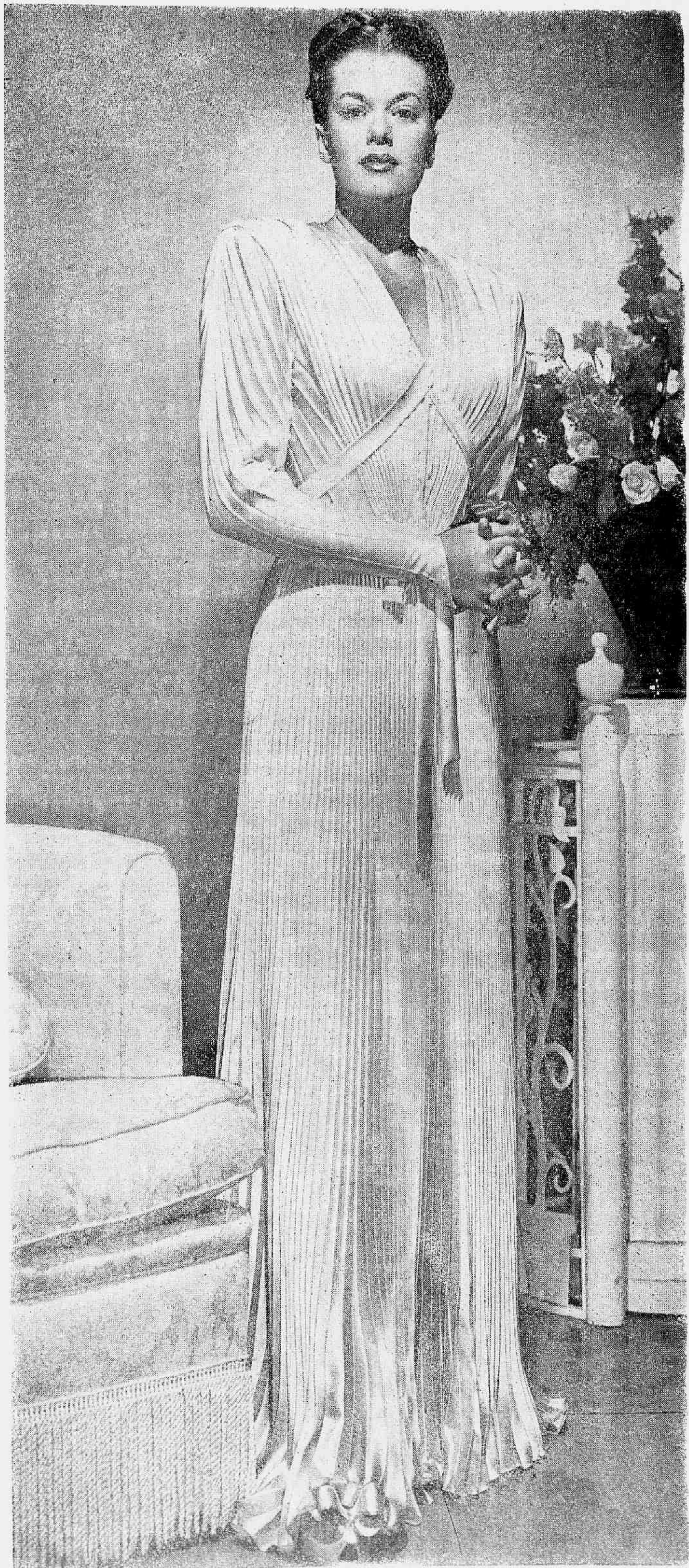
Na página ao lado: Janis Paige, da Warner Bros., está elegantíssima. Belíssimo modelo de cetim pérola, todo plissado. Mangas muito originais. Nesta página: Lois Maxwell, também da Warner Bros., quem nos apresenta um elegante modelo em "moiré" rosa seco,

NOITE

corpo longo formando "V", saia com babado em "maches". Os mesmos ba-

bados são aplicados nas mangas. Com uma saia de seda preta estampada com flores muito vivas, Rosamund Joh, da Universal-International, usa uma blusa de tafetá preto, de decote redondo e mangas "presunto". Botões do mesmo tecido.





WEEK-END na Cozinha

VAMOS FAZER BOLOS?

Tôda gente gosta de bolos. Há quem aprecie bolos pela manhã, com o café, em vez de pão. Há quem, em lugar das torradas, prefira uma fatia de bolo, com ou sem manteiga. Há quem goste de bolo à noite, à hora da ceia. Sem bolo, não há festa de aniversário, nem celebração de casamento que satisfaça... Ah, os bolos!

Com a crise da farinha de trigo, você com certeza está em apuros. Os garotos e o esposo também gostam de bolos e você já os habituara a encontrar, aos Domingos, pela manhã, um bolo gostoso para o café. Mas, os seus apuros não têm razão de ser, pois, existe um grande número de bolos, muito saborosos, que podem ser feitos sem farinha de trigo. Quer um exemplo? Aqui damos diversos; é só fazer a experiência e, adeus, crise de bolos...



BOLO DE AREIA

Ingredientes: 500 grs. de açúcar Pérola, 500 grs. de araruta, 500 grs. de manteiga, 1 cálice de conhaque, 3 ovos, 3 colheres, das de chá, de fermento "Royal", 1 colher, das de chá, de caldo de limão.

Preparação: Bate-se a manteiga até ficar como um creme e depois junta-se-lhe o açúcar e torna-se a bater. Adiciona-se então alternadamente uma colher das claras em neve, uma de araruta, peneirada três vezes com o fermento, uma das gemas e assim se continua, acrescentando-se por último o conhaque e o caldo do limão. Mistura-se tudo muito bem, põe-se numa fôrma untada com manteiga e leva-se para assar em forno regularmente quente.



BOLO OURO

Ingredientes: 250 grs. de açúcar Pérola, 125 grs. de farinha de arroz, 135 grs. de manteiga, 100 grs. de passas, 8 ovos.

Preparação: Batem-se as gemas com o açúcar e depois juntam-se-lhes a manteiga e as passas. Continua-se a bater e, em seguida, acrescentam-se as claras batidas em neve e por último a farinha de arroz. Mistura-se tudo muito bem, põe-se numa fôrma untada com manteiga e leva-se a assar em forno regularmente quente.



BOLO DA BAHIA

Ingredientes: 500 grs. de açúcar Pérola; 500 grs. de farinha de mandioca, 400 grs. de manteiga, 1 côco, 4 gemas.

Preparação: Bate-se muito bem a manteiga com o açúcar e em seguida, juntam-se as gemas batidas, o leite de côco extraído sem água e a farinha de mandioca. Mistura-se tudo e põe-se numa fôrma untada com manteiga. Assa-se em forno regularmente quente.



BOLINHOS DE AMOR

Ingredientes: 3 ovos, 180 grs. de açúcar Pérola, 145 grs. de maizena, 100 grs. de manteiga.

Preparação: Juntam-se todos os ingredientes e bate-se tudo muito bem. Em seguida despeja-se em forminhas untadas com manteiga, e assam-se em forno regularmente quente.

MARIA COOK

CREPE AO SOL

(Cont. da pág. 15)

bambalhona, era o Leão Russo. Tinha saúde de jucá de chapada. Atleta de luta livre, brilhou com o Floriano. De tanto lutar, engrossou o sangue, dilatou o coração, esclerotizou as artérias, entupiu as veias e até os vasos capilares. Caiu na vida pública e ali está como escarro do destino. Muitos outros traziam um enigma em duas palavras: Quem será?

A força de lidar com mulambos de gente ida, terminei por ressecar o coração antigamente mole, a tal ponto que os ouvidos logo jogaram para longe a pergunta intrumetida. A vida, em resumo, era o prólogo daqueles corpos que se substituíam diariamente sem ordem nem dono. E como o exercício do meu mister era meio caminho andado para ser médico, pendí inesperadamente para a conquista da medicina. Dali, do Instituto Anatómico, vi-me estudando humanidades, vencendo o vestibular, gramando seis anos de Praia Vermelha; vi-me, enfim, médico. Quem me diria, ao tempo da escolha, ou melhor, da indecisão, que me viesse a idéia de coruscar entre as centelhas de Tórres Homem ou de Miguel Couto. Veio, já se vê. E foi assim que vi o homem pelas vísceras, olhei a vida através da morte, procurei a glória entre cadáveres.

Compra a glória, Antunes, pois já és médico — ia ordenar de novo a voz de dentro. Mas a maçaneta virou, abriu-se a porta de sopetão. Ao susto, tirei, como automático, o rosto do retrato que, desocupando toda a parede, voltou aos limites da moldura. Era Júlia, a empregada, que trazia a bandeja do café com uma carta ao canto.

— Dr. Antunes, veja, dr. Antunes. Carta para o senhor. E é de sua irmã.

Sempre bisbilhoteira essa Júlia, resmunguei. E após o café, sozinho de novo no quarto, virei o sobrescrito. Li: «Remetente: Saudade Antunes — Itapetininga».

Fechel a porta à chave para ninguém me importunar. Mas quando ia ler a carta, logo me assaltou o pavor de uma estranha confusão. Enfim, perguntel-me, será a minha irmã Saudade que me visita ou minha mãe Hortênsia que me fixa? Eu suava frio para responder-me. O coração tornou-se-me ainda mais mole do que antigamente. Então, enchendo o quarto de uma tristeza que lançou para fora a luz do sol, ouvi ecoar pelas quatro paredes, com solenidade taciturna:

— Antunes, tens mesmo coragem de ir-t-embora e deixar tua mãe?!

Com o suor a esfriar-me cada vez mais, rasguei a carta de minha irmã. Céus!... Outro envelope menor e, Deus me acuda!, tarjado de luto. Senhor, tirei de mim este envelope! Apalpei-me e apalpei a carta, para ver se tudo isso era real ou seria ainda o olhar de minha mãe. Era uma e outra coisa. De qualquer modo, urgia enfrentar a realidade e o olhar. Abri o envelope tarjado. A carta era lacônica, tenho-a ainda hoje. Dentro dela, uma dor não sei quantas vezes maior que toda a minha ambição comprimida-se em cinco palavras: «Morreu nossa mãe. Paciência, irmão».

Para não me assustar logo de uma vez, minha irmã Saudade assustou-me depois duas vezes, com o expediente do duplo envelope. Boa irmã que me punge com a própria bondade. Prostrei-me aniquilado. Minha voz de dentro já não comandava mais nada, mas tão somente obedecia ao desespero de um despoamento de sonhos: tinham-me ido ciências e artes, foram-se-me fulgurações de Tórres Homem e Miguel Couto. Glória comprada pela conquista da formatura? Qual nada!... Minha medicina apenas me serviu para enxergar mais claramente a minha alta pressão arterial. Vitória de Firro... Enfim, com a partida de minha mãe, só me resta a minha irmã Saudade, de Itapetininga.

Bateram à porta com força:

— A arrumadeira, dr. Antunes.

Devo ter dado a volta à chave, porque Jacira entrou reclamando:

— Que demora, doutor, para sair do quarto! Até pensei que o senhor tivesse morrido!

A reclamação gotejou como verdade em cima do desespero. Parecia-me cambalear e a cabeça me doía em volta. Não

era coroa de espinhos: era minha alta pressão arterial, máxima 24, mínima 18. Jacira tinha razão. Eu estava morto. Tão morto como o Leão Russo e o seringueiro de Belém do Pará, no Instituto Anatómico. E enterrado no costume de casimira azul marinho é que saí dali, porta a fora, feito fantasma...

Uma visita de pêsames

(Cont. da pág. 17)

dúzia de sensaborões, inúteis para outra coisa! O amor pode ter vinte anos ou cinquenta: usar bigode ou suíça de canivet; ter o cabelo frisado ou trazer chinó; chamar-se Arthur ou Anacleto; fumar por boquilha de âmbar ou tomar stuante por uma fungadeira de chifre; ter ponta de febre e achaque no pulmão ou gota num pé, um sedenho no pescoço ou um tergo num olho: pode finalmente ser poeta, artista, filósofo, cabo de polícia, mestre de obras, visconde ou madeiroiro.

Serafim começou a amar aos dezenta anos, estando de calceiro em uma loja de panos e de chapéus de chuva, na Rua dos Mercadores. Amava todas as mulheres que via, sem aliás dispensar jamais um tostão com elas. Em abono da verdade releva dizê-lo: na alma cartaginense do retroseiro a economia mais safada andava sempre de braço dado com todos os sentimentos, e inclusive com o amor.

Não havia uma só criada na rua a quem ele não tivesse piscado os olhos e dito uma tolice. Quando de anos a anos sucedia entrar na loja uma pescada do sexo feminino a pedir um guarda-sol de furta-côrs ou bacia para uma saia, nunca Serafim deixava de correr logo ao balcão, debruçar-se para ela, fitá-la melgamente e dizer-lhe entre dois sorrisos:

— Tudo o que quiser! Nós temos agora um sortido muito belo!

Se a freguesa achava caro ou feio, Serafim retorquia como suspirando:

— Sua ingrata!...

E que olhos que ele botava ao dizer isto!

Vencido afinal pelo destino, o calceiro capitalizou todas as suas economias de vinte anos e tomou estado aos vinte e sete de sua idade, aceitando por legítima mulher a cozinheira do patrão e estabelecendo-se na Rua do Loureiro.

Escuso de historiar este fato dizendo que a idéia de estabelecer-se precedeu ao espírito de Serafim a determinação de se casar. O homem já tinha casa posta e loja armada, quando a cozinheira da Rua dos Mercadores lhe lembrou uma certa prenda que ele lhe trazia prometida havia sete anos.

O lojista reconcentrou-se a matutar no que lhe daria sem gastar dinheiro e disse-lhe, afinal:

— Dou-te a minha mão de espóso!

Ela aceitou agradecida e ele disse consigo:

— Vá c'os diabos! Por esta forma faço um obséquio e economizo o preço das soldadas.

A Sr. Josefa — tal era o nome da esposa de Serafim Gonçalves — tinha o coração tamanho como o dele. E assim como a vscera sentimental do lojista não esbambeara na labutação da loja e no puxar pela cabeça sobre a página escura da costaneira, assim também a dela não esmoreceu com a vaporação das caçareias nem se deu por emparelhada entre os enormes untos de que a Providência de dia para dia a acumulava mais.

Calo os mistérios daquela casa durante dez anos, por não penetrar no inviolável asilo de tão ben-mérito cidadão como Serafim Gonçalves, referindo apenas o que da vizinhança por mais de uma vez se pôde ver. A saber:

O retroseiro na rua torcendo algozes e suspirando para um terceiro andar fronteiro, Josefa em uma janela das raseiras enxugando uma saladeira e conversando com um dos calceiros de raffin, que saía da loja para a cortejar do saguão.

O lojista, regressando um dia de uma abrança a Penafiel, viagem em que o

acompanhara a viúva do terceiro andar referido, encontrou em casa a carta seguinte:

"Serafim:

Eu t'ho lume no olho. Tenho-te dado em muita malhoada e feito vista grossa para não dar estalada. Ora agora que tudo andes à gandaia com as vizinhas por Penafiel e a moura de trabalho que fique para aqui como negra ao canto da cozinha, isso é que não senhores. Vai para onde essa bigorilha, que a seu tempo terás o pago. Eu retiro-me desta casa com o meu ouro e não te fico a dever nada. Não me procures, se não quis res sofrer uma desfeita. Em tão bom dia que eu me vou embora! Se te esperasse em casa, punhate essas orelhas compridas como a vista, e talvez o caso passasse a mais e eu de todo em todo me botasse a perder contigo, que és o rebotalho dos homens!!! Por não saber ler nem escrever, pedi ao teu caixiro Antonio que esta por mim fizesse. Ele teve dor de mim e também me acompanhou. Adeus por *seculo seculorum* sem fins.

Josefa Teixeira"

Serafim alisou o papel almaço da miséria, meteu-a no gancho da correspondência pendurada na carteira ao fundo da loja e, revestindo-se logo de toda a solenidade de um patriarca, estendeu para a porta da rua os dois fura-bolos postos na cruz e exclamou:

— Que a divina providência te leve para onde não faças dano!

Um mês depois de escrita a carta que acima lemos, abriu-se uma loja de especiarias, com estanco, na própria Rua do Loureiro, um tanto acima da casa de Serafim. Atrás do novo balcão pintado de azul, de que sobressaíam reluzentes as garrafas dos licores e os copinhos emborcados num prato, meneava-se, diligente e rotunda, Josefa e dava ordens o calceiro António, que, de chapéu na cabeça e lenço no pescoço, claramente denotava achar-se em sua casa. A tenda montara-se, efetivamente, à crista de trinta moedas que ele tinha, somadas com setenta e seis mil reis, preço do ouro de Josefa, denodadamente vendido para esse fim na Rua das Flores. Explicação ao público deste fato nenhuma deu Serafim, nem a mulher, nem o calceiro. A vizinhança entendeu que o retroseiro era também dono da tenda e passou a respeitá-lo com tresdobrado acatamento.

Oito meses haviam decorrido por cima deste sucesso, que teria sido um escândalo na cidade invicta, se não estivesse mais que muito superior à maledicência pública a inviolabilidade de pessoas de tão honrado tomo como Serafim Gonçalves, Josefa Teixeira e Antonio de Espírito Santo.

Expiraram os oito meses, como digo, quando, num sábado de madrugada, ao chegar o Serafim à loja, trazendo ainda aceso o seu candeeiro de latão, subitamente lhe apareceu uma criada de Josefa desembestando-lhe para o seio este dardo:

— Acuda cá, sor Serafim, que tivemos em casa um mortório!

— Como assim?... Olé, bruto! — bradou Serafim, dirigindo a primeira exclamação à criada do estanco e a segunda, reforçada com um pontapé, ao calceiro, o qual, depois de abrir as portas, adormecera com a vassoura nos braços, refastelado na cadeira do patrão.

— E' verdade, sor Serafim. Saberá que de ontem para hoje a Sra. Josefa... deu a alma ao Criador! — acrescentou a honrada serva, dando um suspiro e limpando ao cabeção do capote os enxutos lacrimais.

— Respeit' mos os decretos do Omnipotente. — disse Serafim, apagando o candeeiro.

— Eu lhe conto como foi o caso...

Serafim tirou da algibeira a caixa do rapé e, servindo uma estridulosa pitada, observou:

— Isso, pelo repente, não foi sendo toque de apoplexia. Ora diga lá...

— Ontem à noite, por ser dia de jejum, tinha ela comido um caldo de castanhas e três pratos de polco.

O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

VITÓRIA

O rumoroso processo em que se envolveu George Sand afim de se divorciar e conseguir a custódia de seus filhos é contado por Frances Winward no seu admirável "Life of the Heart". Durante o julgamento, foi lido perante os tribunais trechos de uma carta de George Sand ao seu platônico amor, Aurelien de Seze. Escândalo. O advogado de George rasgou teatralmente o documento e em seguida pediu licença para ler a carta na íntegra.

Comoção e lágrimas. George Sand ganhou a causa.

No mesmo ano, a famosa escritora moveu um processo contra seu editor e saiu vitoriosa.

— Ganhei dois processos, este ano. Estou arruinada! Confessou a uma amiga.

IDENTIFICAÇÃO:

Ao registrar-se no Hotel de l'Union, George Sand escreveu o seguinte:

"Residência: Natureza.

Chegada de: Deus.

Destino: Céu.

Trazido por: Opinião Pública."

CAMARADAS

Balzac falava sobre George Sand: "Tal como eu, ela pouco aprêço dá à sua própria fama".

A amizade que unia os dois escritores era tão grande que, certa vez, estando Balzac necessitado de dinheiro e não tendo editor para o seu livro "Voyage d'un Moineau de Paris" ela o assinou. Hetzel, o editor, incluiu-o imediatamente na série "Cenas da Vida Privada dos Animais". E Balzac saiu do apuro em que se encontrava.

OS POETAS

George Sand tinha esta opinião sobre os poetas: "Os Pássaros cantam sua felicidade e assim deve ser, para que fiquem em harmonia com a natureza. Mas o homem necessita fazer mais que isso. Os poetas devem comover o povo e fazê-lo pensar".

AUTO-RETRATO

"Qualquer pessoa, examinando minha vida superficialmente pode me tomar por uma tóla ou uma hipócrita. Mas, aquele que a examina profundamente, há de me encontrar tal como sou. Fácil de comover. Arrebatada pelo amor e pela beleza, sequiosa da verdade, julgando muitas coisas erroneamente. Algumas vezes absurda. Mas, sempre sincera." (George Sand, "Life of the Heart").

FIDELIDADE

No capítulo do amor, George Sand era a favor da fidelidade: "Sempre preguei a fidelidade, pratiquei-a sempre. Mas ninguém pode ser fiel sempre e eu tampouco. Entretanto, jamais senti remorso das minhas infidelidades. Sempre me supus vítima de uma espécie de fatalidade, uma busca do ideal, que me impele a largar o que é imperfeito por algo que me parece mais perfeito. Meu ser atravessa fases diferentes, como o sol nos signos do zodíaco. Era assim que Saint Beuve me definia e creio que tinha razão."

Sua contradição continha pouco adianta, quando, convidando Chopin a visitá-la em sua casa de campo, pede que caso aceite, avise com antecedência, para "mandar Malfetille embora para Paris". Chopin responde ao convite com um grito de triunfo: "ela me ama!". Segue para o campo.

E Malfetille, nada de ir embora... O que tornava sua teoria sobre a fidelidade um tanto incômoda.

ESCRUPULO

George Sand estava disposta a renunciar ao amor de Chopin, caso Grzymala lhe assegurasse que Maria Wodzinska o faria feliz. "Não quero roubar ninguém de quem quer que seja. Exceto os prisioneiros de seus cárceres, os condenados de seus alçozes e a Polónia da Rússia..."

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)

— Isso não a matava, que foi sempre a conta dela às sextas-feiras, interrompeu o retroseiro.

— Credo!... E então um polvo daqueles, que os anjos o comeriam... Aquilo foi o que tinha de ser: tinha os seus dias cheios... e tanto que se levantou da mesa muito vivedora e ainda esteve na loja até às nove horas. Depois é que foi para cima e entrou aos arrancos. O Sr. Antonio, cuidando que fosse ponta de flato, precipitou a dar-lhe genobra, chegando ela a biber obra de três quarteirões. Eu, como a visse resfolgando como um fole de ferro e dando urros como de coisa má, fui-lhe chegando ao nariz alceim queimado, porque, nesta idade de cinquenta e oito anos em que estou, tenho visto muitos casos de espíritos maus abandonarem os corpos esconjurados com difusadores de alceim dados em cruz ao padecente. Nem se chamou cirurgião nem padre, porque longe de nós que fosse aquilo coisa de maior! Mas nisto principiou ela aos saltos e caiu para a banda como um passarinho... Tinha acabado o seu penar.

E a velha concluiu esfregando outra vez os olhos com uma ponta do canote.

— E' o que eu digo, — insistiu Serafim, que scutara atentamente as últimas palavras, tendo o lenço do paninho suspenso nas mãos e aberto por baixo do nariz. — não foi senão rano apoplético!

E em seguida assoou-se.

A criada prosseguiu:

— Eram três horas da manhã. Nós fugimos pelo quarto fora a modo atoleimados e estarecidos com uma passagem daquelas! O Sr. Antonio ficou a pensar uma hora e em seguida pagou-me a soldada, deu-me um crumal de gratificação, meteu no bolso o dinheiro que tinha na gaveta, pegou nos livros dos acantos e chamou o aguadeiro que mora nas águas-furtadas para lhe lavar um baú. Salimos para a rua, o Sr. Antonio fechou a porta e entregou-me a chave, dizendo-me por esta forma: "Hoje às dez horas vou-me embora para Lisboa no vapor *Vesúvio* — formais palavras dele! — vossemecê leve-me essa chave ali ao Sr. Serafim. Qu tome ele conta, que é o dorido. Eu não torno mais a esta terra".

— Que tome eu conta! — disse Serafim algum tanto chocado na sua sensibilidade, ao lembrar-se de que era sua por esta forma aqui la tenda repleta de presuntos de Melgaço, de sacos de arroz, de painéis de macarrão e de farinha de pau. — Falou bem o honrado Antonio, — prosseguiu ele, pegando na chave do estanco; — eu é que devo tomar conta, porque de fato o dorido sou eu.

Entrando logo no legítimo exercício da recente viuvez, o retroseiro expediu um soluço, esprimeu nas pálpebras uma lágrima rebelde e, na atarantação da sua dor, limpou o olho à chave e meteu o lenço no bolso.

— Faça-me o favor de ir logo chamar o abade da freguesia, — acrescentou ele, dirigindo-se à criada; — e tu, rapaz, fecha estas portas e diz a quem por mim perguntar que estou no estanco. Vou encerrar-me em casa da minha defunta.

As dez horas dêsse dia estava Serafim, rodeado dos seus numerosos amigos da Rua do Lourito, amarrado a um canto da sala nobre da morada da defunta Josefa, que o desconsolado viúvo não quis ver para não xacerbar a dor.

Era lóbregam nte solene aquilo: ato da consolação prestada pela amizade ao infortúnio. Todas as janelas estavam fechadas e todos os assistntes calados. Nada se via nem ouvia em tal recinto... Era majestoso!

A cena que precedeu esta situação foi a seguinte:

Os amigos chegaram de espaço a espaço.

Primeiro amigo, entrado e abraçando Serafim — Confortemo-nos com os decretos da Providência.

Segundo amigo, abraçando-o igualmente — São casos muito triste, mas finalmente...

Terceiro: — Manda quem pode, amigo Serafim!

Quarto: — Todos havemos de ir, que ninguém cá fica.

Quinto amigo: — E' um portelo que todos hemos de passar. (Este sujeito abraça o dorido como quem o quer matar, expede um suspiro de tremer tudo e cai como desalentado em cima do quarto amigo, que o empurra para a cadeira contigua, perguntando-lhe se também lhe morreu alguém).

Decorre um quarto de hora: alguns amigos tosam, outros assoaram-se e Serafim deu três ais e um espirro.

Nisto se estava, quando entra na seguridão da sala o nosso amigo Eusébio dos Anjos.

Todos se levantaram, e o especeiro abraçou sucessivamente dois dos assistntes, cuidando ser cada um deles o Serafim, com quem deu afinal.

— São daqueles bocados que todos roemos neste mundo... — disse Eusébio, sentando-se no canapé à esquerda do dorido e principiando a cogitar no mais que diria àquêle singular viúvo, cuja crônica escandalosa ele sabia de cor e saltada.

— Viva o Sr. Serafim e a companhia! — exclamou então do meio das trevas um sujeito que entrara pouco depois de Eusébio.

Era o regedor da Sé.

Serafim deu dois passos para a autoridade, que lhe caiu nos braços, murmurando:

— Reciba os meus sentimentos pela bernarda que lhe rebentou em casa.

E em seguida tornaram todos a sentar-se, ficando porém alterada a ordem em que primitivamente se achavam dispostos os visitantes. A' direita de Eusébio, onde ele julgava ter ainda a pessoa d' Serafim, ficou o baticário, à esquerda sentou-se o dorido e junto d'este o regedor recém-chegado.

— Pois, senhor, eu ainda há pouco scube disto pelo seu caixeiro Antonio, que lá marchou para Lisboa, — disse o regedor em voz baixa. — Quem toma conta cá da tenda é o irmão dele...

— O irmão?! — interrompeu Serafim estupefato.

— Sim, o que está em casa do Eusébio, — continuou, segredando, a autoridade. — O Antonio contou-me lá hoje toda a sua vida pelo miúdo...

O rapaz, pelos modos, não se dava bem com o gênio cá da defunta, e por isso escreveu há tempos a um tio que tem na Rua do Arco, em Lisboa, para que ele lhe arranjasse lá uma arrumação. O tio respondeu-lhe que estava arranjado. O rapaz tinha tudo pronto para passar a loja e marchar, mas não se atrevia a dizê-lo à Sra. Josefa, com medo de que ela o rebentasse com algum sóco. Como succedeu esta desgraça, aproveitou el, o favor do tio e lá foi para Lisboa, deixando em meu poder os recibos de quanto aqui há de porttas a dentro, assim como os livros da escrituração, em que tudo se acha perfeitamente especificado, para que de tudo eu tome conta e faça entrega ao irmão. Olhe que isto não é dizer-lhe que se vá embora — acrescentou o regedor, sorrindo. — O amigo Serafim pode deixar-se estar por cá até a anã ou depois, que eu não desconfio de si.

O retroseiro ficou fulminado.

— E então, — perguntou ele afinal, — o ouro da minha companhia, que importou em mais de cem mil réis, também se entrega ao irmão dêsse mariola?

— O ouro vendeu-o ela em vida, deu o dinheiro ao Antonio para o empregar no negócio: a escrituração e os recibos selados estão todos em nome dele.

Serafim tremia de cólera. Nunca em sua vida sonhara um lógro assim!

A conversa encetada pelo regedor desamarrou os amigos do dorido, que principiaram também a cochichar. Os únicos que não falavam eram o boticário e Eusébio, que estava atenciosamente voltado para ele, tomando-o sempre pelo soturno Serafim.

O merceiro, cansado com tão obstinado silêncio, virou-se para o lado esquerdo e, julgando dirigir-se a um es-

EXCEPCIONAL OFERECIMENTO DA CASA MASETTI

PELO REEMBOLSO POSTAL

V. S. pode adquirir, agora, um relógio POLDIT, de alta classe, importação Suíça, com 15 rubis, antimagnético, Espiral Breguét produto da afamada fábrica SOLVIL.

PREÇOS CONVIDATIVOS

Ref. 49/267
Cromado, fundo de aço, 15 rubis
Cr\$ 500,00

Ref. 49/268
Folhado, fundo de aço, 15 rubis
Cr\$ 650,00

Ref. 49/257
Cromado, 15 rubis, Cr\$ 400,00

Ref. 49/260
Folhado, Cr\$ 550,00

Ref. 49/266
Automático
A prova d'água 17 rubis
Cr\$ 800,00

Ref. 49/262 Cromado, Cr\$ 400,00

Ref. 49/261 Folhado, Cr\$ 600,00

Todos os relógios são acompanhados do respectivo certificado de garantia e de um estojo de baquelite.

A Casa Masetti é especializada há mais de 50 anos na venda de bons relógios.

Adquira-o com inteira confiança.

Casa Masetti

Rua Seminário, 131-135
Caixa Postal, 291 - São Paulo

QUER CRESCER
ou **EMAGRECER**
ou **ENGORDAR?**

Em qualquer idade, CRESCIMENTO (inclusive pernas) até 16 cm ou EMAGRECIMENTO ou FORTALECIMENTO parcial ou completo do corpo, com garantidos aparelhos U. S. A. de terapia mecano-ortopédica. PATENTES em 28 países. Sucesso imediato controlável. Referências médicos internacionais. PEÇA CATALOGO ilustrado GRATIS, escrevendo para: R. BERNI, C. Postal 9219 - SÃO PAULO

DA VIDA NADA SE LEVA...

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as afamadas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como técnico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

Um Segredo para a mulher elegante
Gratis catálogo

Enviar endereço bem legível para:
Z. ROBY - Cx. Postal 9219 - S. Paulo

A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis. Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Números afogados desta Revista no Paro

Pedir o

Albano H. Martins & C.

Travessa Campos Sales, 58

RELEAM

tranho, verteu no ouvido do próprio retroseio estas palavras:

— Que hei-de eu dizer a este hipócrita, a este unhas de fome, que vem para aqui fingir que chora pela mulher para apanhar o que ela deixou na tenda?

— Patife! — gritou Serafim.

O mere eiro, atarantado com o equívoco, ergueu-se de golpe para sair, mas o dorido, tendo medo da impetosa e receando que Eusébio se fizesse para para ele com um desses cachações que muitas vezes decidiram à boca da urna o destino de uma eleição, lançou-lhe a mão para o segurar, tocando-lhe então fatalmente na sulca...

— Enxovalhar-me as barbas! — urrou Eusébio, arregaçando ameaçadoramente os punhos da casaca; isso nunca, seu bigorilha!

E, firmando-se nas pernas com o vigor de um Hércules, tão possante murro apontou à cara de Serafim que este cairia morto, se a pancada não fosse cair, como providencialmente foi, num ombro do alentado regedor.

E' impossível descrever a cena tenebrosa e pungente que se passou então. Os próprios atores dela nunca puderam referir ao certo como aquilo foi!

Os circunstantes acudiram todos de roldão para junto do sirgheiro, que se aproveitou daquela momentânea confusão para desafogar a cólera que o devorava dando punhadas e pontapés sem fim. Eusébio nada viu no meio da completa escuridão da sala, mas ia sempre despicando as barbas, carregando em cima do grupo e distribuindo murros por toda a parte. Como todos haviam convergido a um só ponto, nenhum sóco se perdia; como todos tinham pulso, também nenhum ficava sem trôco.

Esta confusão horrível durou perto de dois minutos. Abriam-se afinal as portas de uma janella e um clérigo de sobrepeliz e estola apareceu na sala e exclamou:

— Senhores, a pessoa a quem eu vinha lançar a última bênção está viva!

Era tão extraordinária esta formal declaração que todos estacaram atônitos, menos Eusébio, o qual, apenas viu luz, imediatamente meteu na cabeça um chapéu, que não era dele, e desembestou pela porta fora, levando na mão convulsa um braço estroçado ao canapé da sala.

Todos os outros, esquecendo-se dos rasgos do fato, do sangue que lhes escorria dos beiços e dos galos que lhes fumegavam na testa, correram de sobresalto à sala oposta.

Josefa Teixeira, que durante a noite e parte da manhã não sofrera mais que o profundo letargo subsequente a uma terrível indigestão de polvo e genebra e acordara poucos momentos antes, na ocasião em que entraram no quarto a criada e o cura da freguesia, lá estava de feito, sentada na cama, a beber água às tarraçadas por uma enorme caneca.

Quando Josefa encarou com o retroseiro, acenou-lhe com a mão que se aproximasse.

Serafim acercou-se do leito, e a esposa, com as faces luzidas e vermelhas e uma lágrima em cada olho, abraçou-o pelo pescoço e disse-lhe:

— Já cá soube tudo pela criada: a ingratidão desse tratante que foi para Lisboa e a grande saudade que tu mostraste por mim! Em atenção a isto, tudo te perdoo, e hoje mesmo quero voltar para a tua companhia.

Quando tal escutou, caiu Serafim quase desmaiado numa cadeira.

— Não façam caso, — exclamou ele com voz cava... — E' alegria!

EPILOGO E MORALIDADE

Serafim Gonçalves e Josefa Teixeira juntaram-se outra vez.

Tal foi a punição tremenda que a Providência infligiu àquelas almas, desorientadas do rumo da virtude conjugal e esquecidas do condimento que sempre deve acompanhar o homem nas cobranças e a mulher nas ceias indigestas.

MARK TWAIN

(Cont. do núm. anterior)

Sentia vergonha do seu enorme público despido de senso crítico. E sentia vergonha de si próprio por não ter coragem de escrever para uma platéia menor e mais exigente. «Observa», comentou certa vez, «que debaixo de um exterior jovial eu possuo um espírito que está irritado comigo e que me demonstra livremente seu desprezo».

Confessou que o cegara o brilho do ouro. Sua inesperada ascensão à fama e à prosperidade foi semelhante a um conto de fadas tirado das Mil e uma noites e ele jamais acabava de admirar-se disso. O aprendiz de tipógrafo, o piloto de vapores do Mississippi, o malogrado minerador de Nevada, o obscuro repórter de San Francisco, viu-se de súbito transformado no autor de um livro de sucesso (ganhou \$300.000 dólares com «The Innocents Abroad») e genro de um milionário rei do carvão.

Sua cabeça estava completamente virada. E ele começou como tantos de seus contemporâneos, a querer tocar no arco-íris, a querer agarrar uma fatia da lua. Para ele a literatura convertera-se em negócio. Queria por toda lei mostrar a seu sogro, Mr. Rogers, que se ganhava tanto dinheiro escrevendo livros como vendendo carvão. A única coisa que se devia fazer era dar ao público o que o público queria.

E assim vendeu riso por ouro, e em suas mãos o ouro virou cinza. Pois ele tinha uma dupla personalidade. De Samuel Clemens tinha ele o corpo ávido de dinheiro e de Mark Twain a alma amante de liberdade. Era hábito seu escrever duas cartas sempre que se dirigia a outrem tratando de assunto vital. Numa ele exprimia o que verdadeiramente pensava sobre o assunto. Esta era guardada na gaveta. Na outra traduzia o modo popular de ver as coisas. E esta era enviada. «Tenho uma família para sustentar», explicava, «e não posso dizer toda a verdade».

Mas apesar de sua indecisão ele foi mentalmente — se não moralmente — um pioneiro. Foi a alma de pioneiro de Mark Twain que, a medo, se aventurou a lançar «Tom Sawyer», «The Prince and the Pauper», «Captain Stormfield's Visit to Heaven», «Ruddhead Wilson», «A Connecticut Yankee», «The Man That Corrupted Hadleyburg», «Huckleberry Finn». Estes livros foram surgindo como uma sucessão de dias de verão, cheios de um sol alegre e de riso, mas interrompidos de vez em quando pelo ribombo longínquo do trovão irônico. E foi essa mesma alma de pioneiro que por fim se expandiu com destemor em «The Mysterious Stranger». Neste livro que, a pedido de sua esposa, só foi publicado após a morte do autor, ele disse finalmente a verdade tal qual a via. Estivera a namorar o arco-íris e só encontrara uma miragem passageira. Tendo feito várias fortunas e tendo-as perdido todas, tendo provado a «triste saciedade» da amizade e da fama e experimentado a doçura de amar e a amargura de perder aqueles que amava, reuniu todos os fios da sua experiência e do seu sofrimento e os entrelaçou numa única obra-prima — «The Mysterious Stranger». A idéia deste livro crescera em seu cérebro durante vários anos. «Há muito tempo que pretendo», disse ele a William Dean Howells «escrever um livro sem ressalvas, livro que não leve em conta sentimentos, opiniões, crenças, esperanças, ilusões e desilusões de quem quer que seja: um livro onde esteja tudo o que eu penso realmente escrito na linguagem mais direta e mais simples possível, sem cercos de nenhuma espécie».

«The Mysterious Stranger» é o único livro de Mark Twain no qual ele disse tudo que realmente pensava. Artisticamente será talvez inferior a «Huckleberry Finn». Mas filosoficamente é o seu trabalho mais importante. Acreditamos ser este o livro que o coloca ombro a ombro com os grandes satíricos do mundo: — Juvenal, Cervantes, Swift, Voltaire, Anatole France. «The Mysterious Stranger» é a história de uma visita de Satã a Eseldorf (Assville), cidade medieval da Austria. Eseldorf é uma miniatura do mundo, e seus habitantes são um corte transversal da raça humana. Nessa história, Satã não está interessado nem em ajudar nem em corromper a humanidade.

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario 98 — Rio de Janeiro



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

RUGOL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



Senhoras! Se a Natureza Falhar **MENAGOL** REGULA!

TORNE-SE UM ARTISTA

estudando em sua casa o curso por
CORRESPONDÊNCIA de DESENHO ARTÍSTICO
inclusive desenho comercial e publicitário.
Confie na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada.
Um futuro brilhante aguarda V. S. e uma nova vida cheia de possibilidades ilimitadas.
DURAÇÃO DO CURSO: 25 SEMANAS
MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS.
Envie-nos hoje mesmo o coupon abaixo:

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO 9:8
Caixa Postal 5058 — SÃO PAULO

Sr. Diretor: Peço enviar-me **grátis e sem compromisso** as informações sobre o curso de desenho por correspondência

NOME.....
RUA.....N.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Limita-se a observar uma vez ou outra a nossa luta, como um espectador divertido, quando nada tem que fazer. Quando chega a Eseldorf dá-se a conhecer a três crianças (aos olhos de Satã somos todos crianças) e durante um curto período de tempo, torna-as capaz de ver a vida como ele, em sua sabedoria superior a vê. Mostra-lhes como transformamos num feio montão de estrume o belo jardim em que nascemos. Um padre velho, chamado Pedro, é suspenso de ordens só porque ousa sustentar a doutrina de que Deus é todo bondade, que se reduzirá o medo do inferno, perguntam uns aos outros os de Eseldorf, se homens como este continuam a pregar dos púlpitos?

E os magistrados de Eseldorf são os primeiros a instigar o povo contra o Padre Pedro. Um sacerdote que sustenta que Deus não torturará eternamente os pecadores, concluem os magistrados, deve ser ele próprio um pecador. E assim, acusam o Padre Pedro de roubo e encarceram-no à espera de julgamento.

Os três meninos, que gostam do Padre Pedro, ficam consternados com o seu sofrimento. Satã, porém, lhes assegura que tudo terminará bem.

Enquanto o padre espera o julgamento, Satã diverte dois dos meninos proporcionando-lhes uma vista dolhos no cerne das coisas. Não é um espetáculo bonito. Quanto ao terceiro menino, Satã reserva-lhe outro regalo. Afoga-o. Isto, explica ele aos dois consternados companheiros de folgedos do menino morto, é a melhor sorte que pode caber a uma criatura viva.

Finalmente o velho sacerdote é submetido a julgamento. Suas possibilidades de absolvição parecem bem escassas. Porque os magistrados urdiram-lhe uma tela de que não poderá sair. Mas Satã diz aos meninos que não se preocupem. «Tudo terminará bem».

E, na verdade, o diabo mostra-se cumpridor de sua palavra. Não só consegue provar a inocência do velho e amável sacerdote como o torna completamente feliz para o resto da vida. A maneira como lhe proporciona tal felicidade é diabolicamente simples. Leva ao prisioneiro na sua cela um falso veredito. «O julgamento terminou; o senhor está eternamente desonrado com a peca de ladrão».

Ouvindo tais palavras, o velho perde o juízo e torna-se «feliz como um pássaro».

Daquele momento em diante ele se julga imperador do mundo. Goza toda a glória de um monarca absoluto, mas sem nenhuma das preocupações da realeza. Os amigos do Padre Pedro ficam petrificados de horror. O diabo, porém, os reanima. Excetuando-se a morte, explica-lhes ele, a loucura é o maior bem que os deuses podem conceder à humanidade. A única maneira de tornarem um homem inteiramente feliz é torná-lo inteiramente louco.

Porque o mundo, conclui Mark Twain, é uma casa de orates e a vida é um louco pesadelo entre um sono e outro. «E' estranho», declara, «não terdes suspeitado que o vosso universo e tudo o que nele se contém são apenas sonhos, visões, ficção! Estranho, sim, porque eles são tão franca e histericamente loucos como todos os sonhos: um Deus que podia, com a mesma facilidade, fazer suas criaturas boas ou más, preferiu fazê-las más; podia fazer cada uma delas feliz e fê-las todas infelizes; fê-las apreciar sua vida, apesar de amargurada, e no entanto lhe corta bruscamente; deu aos seus anjos a felicidade eterna que não haviam conquistado e exigiu de suas outras criaturas que fizessem por merecê-la; deu aos seus anjos uma vida sem dores e amaldiçoou suas outras criaturas com misérias e moléstias do corpo e do espírito; com a boca cheia fala em justiça e inventou o inferno, fala em misericórdia e inventou o inferno, proclama a norma de ouro de se não fazer a outrem o que não se quer que outrem nos faça e do perdão multiplicado setenta vezes sete... e inventou o inferno; criou o homem sem consultá-lo e procura lançar a responsabilidade dos atos humanos sobre os próprios homens...»

«...E' verdade tudo isso que vos revelou. Não há universo, nem raça humana, nem vida terrena, nem céu, nem inferno. Tudo é um sonho, um sonho grotesco tolo. Apenas vós existis, nada mais. E vós não sois mais que um pensamento — um pensamento, errante, inútil, sem brigo, vagando perdido entre os séculos vazios!»

Tendo assim declarado afinal o que sinceramente acreditava, o grande e triste satânico, filho de precursores atravessou fronteira para mergulhar — quem sabe? — num sonho talvez mais belo e mais verdadeiro.

(Do livro «Vidas de grandes romancistas».)

O AMANTE

(Concl. do núm. ant.)

De outra vez chegou à noitinha, de velar uma amiga da mãe que se tinha suicidado, e declarou-se profundamente recolhido. Nestes momentos reconhecia-se miserável e imoral, devedor de tudo a todos. Mostrava-se solene. Minutos depois podia recobrar toda a sua impertinência, e perguntar de que valia o mundo ou a ciência?

Helena já suspeitava ao tempo de que a sociedade humana era muito confusa.

A sua vizinha de cima, que aproveitava todos os ensejos para se lhe meter dentro de casa, fazia uma idéia da vida, e o seu amante outra. E ambos não eram para ela mais do que dois termos de comparação! Cada um usava de umas atitudes e de uns processos de relação absolutamente especiais. O amante era de uma suficiência que a chocava, fechava-se numa esfera toda pessoal e hostil; a vizinha de cima vivia numa atmosfera difusa e pobre...

Mas o amante, além do temperamento que possuía ainda havia de obedecer a hábitos! O seu egoísmo — egotismo, como ele dizia dando-lhe uma cambiante elegante — era animado e reforçado pelo de muitos outros, sem dúvida. Nunca tinha opiniões inteiramente suas.

Quando falava arrastava um pouco a voz e gostava de que o escutassem: punha e tirava os óculos e dava umas risadinhas graciosas, curtas. Aludia sempre à sua sinceridade.

Helena por seu intermédio familiarizou-se com uma retalhada de tropos filosóficos e estéticos que faziam o giro das tertúlias intelectuais da época. As diferenças entre espírito masculino e feminino, arte e humanidade, agitavam os pensadores de então, começavam a estar na moda. Helena não sabia cultivar estes interesses. Pareciam-lhe muito vagos e pouco importantes em face dos seus. A insolubilidade do seu destino, o seu desconforto, o desaproveitamento da sua pessoa, curtidors entre aquelas quatro paredes e ignorados de todos pareciam-lhe muito mais profundos que os casos de estética, que os tais assuntos de discussão. Os homens que fizessem romances à sua vontade, que os escrevessem como quisessem! Em todo o caso que não desviassem a atenção de cada um da sua real miséria e dor. Que não brincassem com semelhantes coisas...

Helena nunca chegou a entender o gênero de política do amante. Parecia-lhe incerta e espetacular: para épater le bourgeois! como aquelas botas com que ele dizia ter entrado um dia num café. Vinha de fora com umas botas grossas carregadas de poeira e foi assim mesmo para o café, para épater le bourgeois...

A linguagem é uma terrível fixadora das modas! Chega porém a envelhecer com elas, a criar bafio... E' um espelho com a propriedade de conservar as imagens que um dia reflete, mas que de repente apetece atirar fora, pôr de banda...

Helena não tinha a mínima contemplação pelo seu passado, aborrecia-o.

E o tédio? Aquêle terrível tédio do amante? Uma palavra chie, de que ele usava e abusava. Ainda bem que ela já não conservava as suas cartas. Deviam estar repassadas d'este estilo.

Queimou-as um dia com a maior indiferença, e até o seu retrato que nunca chegou a tirar do sobrescrito. Deltava um cheiro acre a arder.

Com que vaidade ele lho tinha mandado dias depois de ela ter partido de Lisboa! Sem uma dedicatória, apenas com o seu nome, traçado com aquela letra grossa e laboriosa de parafítico... Parece que lhe tinha escrito que o retrato ia assim para ela o poder expor pelos quartos de hotel. Sempre a projecção da sua pessoa!

Mas ela nunca o expôs.

Para quê tanta fantasia, tanta bagatela a fingir de coisa séria? O que houvera entre eles não tinha valido da, e morrera tão absolutamente sem glória...

Helena lembrava-se do dia em que tinha queimado as cartas. Já estava de volta. Queimara-as com todos os seus papéis daquele tempo. Tinha feito bem! Só o tal papélio do passeio lhe tinha escapado, dentro de um livro. Mas era inocente, e um pouco exterior a toda aquela miséria.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM;



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura-diáfano esplendor de primavera.



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Applique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME

Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo :
Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE 6-6719

TEM FALTA DE APETITE?
DYNAMOGENOL VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

RETRATO DE ANJO

(Cont. da pág. 18)

certo o nome da praça. Porém, contavam tanta coisa a respeito daquele malfadado jardim... Chegaram a dizer que uma porção de morféticos fugidos de uma casa de saúde andavam por ali para esfregar as chagas em

MURO DAS LAMENTAÇÕES

(Cont. da pág. 47)

Procure ficar um pouco sôzinha. Julietta, para poder olhar claro para dentro de você mesma. Afaste essas soluções apressadas, puramente objetivas, que resolvem apenas em novos sofrimentos. O sentimento de inveja, de que você fala, é profundamente nocivo para a sua felicidade. Não inveje ninguém. Ninguém merece ser invejado, porque todos sofrem como você. Afaste esses sentimentos inferiores e procure sentir pela humanidade toda a mesma pena que você tem de você. Somos todos uns errados, só nos libertamos pela ascensão espiritual, pelo desprendimento das aparências. Se a alguma coisa de bom e de bonito, e não procure aparecer isto ou aquilo. Solteira ou casada, eis uma diferença superficialíssima. O que importa é a maneira de se ser casada ou solteira. Você ainda não aprendeu a viver como solteira, e já quer passar para um curso muito mais difícil, muito mais adiantado, que exige qualidades muito maiores?

Quando você tiver conseguido ser alguma coisa de bom, como creatura humana, pode estar certa de que ao seu encontro virão naturalmente todas essas coisas que você ambiciona, mas não sabe alcançar. Uma personalidade reta, profunda, verdadeiramente humana, atrai para si forças semelhantes, e você poderá então encontrar o par que procura. Por enquanto, nosso conselho é: solidão, e luta interior pelo aperfeiçoamento. Não existe outro meio, embora ele seja lento, de se construir qualquer coisa de valor neste mundo.

CONFIDENTE

No próximo número responderemos a "Sílvia" e a "Colline". As pessoas que desejarem consultá-nos poderão escrever para "Muro das Lamentações", aos cuidados de REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

sete crianças. Que eles vinham a cavalo pelas estradas e depois se escondiam por detrás das sebes esperando as pequeninas vítimas... Poderia ser verdade? Poderia? Tão cruéis eram eles, os infelizes? Ela não podia acreditar. Não podia. Mas... bem que atravessou quase correndo, o coração batendo muito apressado. Pulando dentro do peito. A figura do cavaleiro trágico dançando na sua retina, as faces deformadas pelo terrível mal, a cabeça coberta por um grande e desabado chapéu de boiadeiro...

Andou as últimas ruas que a distanciavam da casa da avó! O ar estava pesado de calor. As janelas estavam silenciosas. Um pouco mais e tudo seria de novo movimento e alacridade. Um pouco mais e a sineta do Grupo Escolar anunciaria o fim do turno da manhã. De lá sairia um bando de crianças afoguesadas, as pastas na mão, os olhos risonhos sobressaindo no rosto suado. Em breve aquele sossego seria perturbado. Por isso ela queria chegar logo. O mais depressa possível. E chegou...

Alfredo Ellis, 33. Era o enderêço que ela já nascera sabendo. Fachada cinzenta. Um portão de ferro retorcido. Um lance de escada levando à varanda. Aquela varanda... Quantas e quantas vezes ela ficara recostada no banco de madeira, uma laranja na mão, um livro de histórias na outra enquanto o olhar passeava pelas avencas, pela folhagem verdinha, pelas begônias rosadas. Depois descia

VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: Si vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc., tudo está bem. Mas si aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regas e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regas — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, e fabricado em duas formulações diferentes: o N.º 1 para os casos de regas abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regas, regas diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

um pouco pela parreira velha que sombreava o patiozinho perto do quintal. Depois...

As visões cessaram todas. A tela ficou branca. O fio da vida interrompido como um celulóide queimado. Baixou a cabeça. Num esforço sobrehumano tentava lembrar. Mas da imaginação, as ultimas coisas tinham escorrido lentamente, vagarosamente como um ultimo pinga de azeite...

E as manhãzinhas do seu destêro, quando ela se levantava muito cedo, antes de haver bulha na escada, para se sentar na sua casinha de entrada a escrever? Sentia-se tão abandonada e tão só que precisava de desabafar! Aquê-lo era um meio. A agitação do prédio pelo dia fora era extraordinária. Com o tamanho que tinha, o prediozito podia-se comparar com uma gaiola ou com um calxote, mas altamente ressoantes. Helena tão depressa ouvia os sons confusos do rés-do-chão como as conversas nítidas da água-furtada.

A vizinha da água-furtada era a tal que se lhe metia dentro de casa. A avó dela, que vivia ali perto numa barraca para as terras, enchia-lhe o pote de água todas as manhãs. A rua ainda não tinha canalização. Avó e neta andavam sempre às corridas. A rapariga, ainda muito nova, tinha grandes ciúmes do seu homem. E confessava-os a Helena. «Minha senhora, ele rala-me muito!» dizia. E os seus olhos escuros luziam-lhe muito na cara magra que nunca se entristecia. Tinha um perfil de fuinha, afilado e curioso. Uma das suas ocupações era a de andar a empenhar e a desempenhar as suas coisas e as da avó.

Um dia lavava ela a escada quando o amante de Helena entrou. Ele deu-lhe as boas-tardes com o seu riso estereotipado. Helena viu tudo e ficou confusa, mas a vida continuou como até ali...

Não seria bem, bem a monotonia que se tinha instalado na alma de Helena, era uma ansiedade cansada. Ela e o amante raramente se tratavam por tu. De uma vez em que ele inesperadamente a chamou pelo nome sensibilizou-a. Mas a sua reserva tinha estudo: era fria, uma espécie de oposição à intimidade. Havia dias em que se declarava aborrecido da vida e que se havia de matar... Helena ouvia-o incrédula. Nunca a ia visitar ao domingo — um dia intolerável! E de semana quando lhe aparecia era sempre com ar de quem se vence. Expli-cava-lhe então que a função do homem não é de prender as mulheres, mas de colher e espalhar o amor. Helena ainda se lembrava de que ouvira isto sem pestanejar. Seria desprimoroso para ela, mas de tanta vaidade que a deixara insensível. E ela tinha também a impressão de valer tão pouco... Bastava um homem desejá-la para ela se acovardar, se sentir logo infima.

O amante não lhe dissera um dia à saída: «Já cá estou há três horas? Adeus, o tempo passou depressa, dei-lhe hoje três horas da minha vida!». E de outra vez: «Não posso vir mais cedo, bem sabe, tenho a política, a minha família...». Estes ditos brutais tanto tinham de especiosos como de infantis. Proferidos por qualquer outra pessoa lá-lo-iam sorrir.

De uma vez em que Helena estava para almoçar, ele acompanhou-a à cozinha e sentou-se num banco, ao pé da mesa. A cozinheira era nova, ainda com o cheiro do estuque fresco, bem como toda a casa. As poucas coisas de Helena, umas novas, outras herdadas de vagos parentes, tinham um ar particular. A rapariga de cima admirava-as muito e perguntava sempre quanto tinham custado.

Helena naquele dia sentia-se triste, alarmada, tinha o receio de estar grávida. Trazia um vestido de algodão grosso, arruado e bonito, abotoado à frente. Mas o amante não costumava notar nada que não entrasse nos seus quadros de elegância. Sabia inúmeras coisas de cor e tinha o hábito das atitudes, porém nunca o imprevisível o impressionava, ou nunca se lhe abandonava.

Helena encostou-se à chaminé, apagou o fogão de petróleo e serviu-se. Não sentia vontade de comer.

Tem vergonha de mim? perguntou-lhe ele. Ela sorriu contrafeita. Qualquer coisa que ele agora lhe dissesse, na tensão de nervos em que vivia lhe fazia o efeito de uma picada.

O amante continuou: Há mulheres assim, em presença dos homens...

Helena, sem querer retrair-se, viu mais uma página de livro à sua frente. Como sempre ele recitava, transpunha, arrogando-se no entanto o papel de impressionador, de herói.

Era possível que aquele homem viesse um dia a entender que abusava de uma psicologia de mau gosto? Naquele momento a sua dureza chegava a punzir.

Helena mal tocou no prato. Tinha uma grande vontade de chorar, mas disfarçou-a. Levantou-se e deu umas pequenas voltas, guardou o pão. Passou rente dele e disse-lhe: já tem cabelos brancos...

Ele olhou-a. O seu volver de olhos era sempre ostensivo, como de quem desperta. E respondeu-lhe: ainda agora o nota? Dizendo isto, com a mão estreita atirou o cabelo de um lado para o outro.

Junto do casco, o cabelo já aparecia realmente todo esbranquiçado. Por cima, aquelas pomadas que todos os homens usavam davam-lhe um tom uniforme.

Helena pôs-lhe a mão na cabeça ao de leve e quis sentar-se-lhe nos joelhos. Mas a expressão dele deteve-a. Só parecia que o mundo em peso tinha culpa do seu envelhecimento precoce.

Ela disse-lhe então condescendente: também eu tenho cabelos brancos, e vêem-se bem...

Isso que importa? devia-lhe estar ele espondendo mentalmente. Comparavam-se, porventura?

Uma tarde Helena despiu-se e esperou-o no divã. O verão prosseguia abafado.

A segunda metade do dia era sempre intolerável. O sol batia de chapa na frontaria do prédio e nem as portas cerradas das janelas abrandavam aquela atmosfera de estufa. Helena gostava da sua nudez. Antes até sonhava que os homens lhe haviam de apreciar, retirar dela impressões líricas e sensuais. O amor pensado tem muitos destes requintes, destas fantasias. A mulher ama-se a si própria antes de ser amada, começa por descobrir a sua beleza e por excitar-se com ela.

Helena também sabia que tinha uns pés bonitos.

Enquanto o amante se despiu no quarto pegado, ela esperava-o, descansada.

Parece uma odalisca! disse-lhe ele entrando. Mas tem os braços tão magros... E com um meio sorriso: valem mais os pés que as mãos.

Helena fechou os olhos. Estimava tanto apesar de tudo que ele lhe passasse a mão pelo corpo! Mas não passou: o seu amor era o de um rústico. Descalçou-se e lembrou-se de lhe falar das suas próprias pernas: que eram muito parecidas com as da mãe.

Helena conteve-se para não rir.

Os dois estavam numa posição tão ridícula! Ela nua, ele a desatar os sapatos... E aquela mãe, criatura majestática, interposta subitamente entre ambos... A mãe era uma espécie de monumento, que o filho invocava constantemente como um escudo. A mais nobre e culta dama do seu tempo!

Helena nunca teve desejos de a conhecer.

Era acanhada e os estranhos não a atraíam. Não se sentia tallhada para o mundanismo. Não lhe reconheceria o

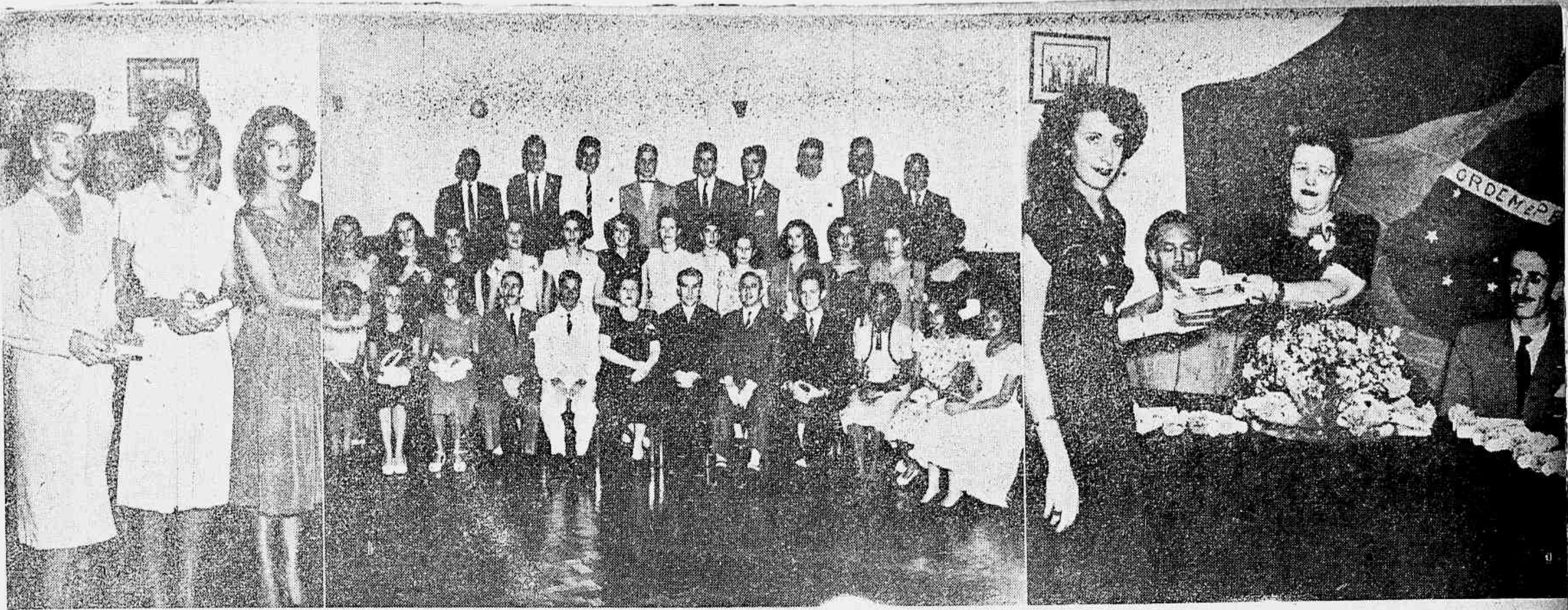
valor... Julgava ela, sequer até ali! e pela vida que mais ou menos sempre tinha levado, que o mundo era uma coisa estabelecida, onde cada qual penetrava sem evolução nem estudo. Quando seguia das suas janelas sem prédios à frente o deambular dos magalãs com as sopeiras, achava aquilo fatal e sem era. E os pés descalçados do sítio também lhe pareciam inveterados na população. Um dia em que acompanhou com os olhos uma mudança de miseráveis, achou-a pitoresca mas não estranha. Tudo cabia em cima de um burro... um homem puxava-o e duas mulheres seguiam-no. A vida deles condizia perfeitamente com estes passos e trastes. O mundo era como se lhe apresentava! Ela casualmente se tinha achado entre esta gente e outra mais afortunada. Mas ao seu espírito as categorias repugnavam. Havia coisas que a entrecelam e outras que a irritavam... Porém, hoje na sua casa isolada, acompanhada apenas dos ruídos da vizinhança, Helena sentia-se moída, cheia de inquietação e de tristeza: só, terrivelmente só. Quando punha os olhos nos belos barcos iluminados que demandam a barra ainda maior opressão sentia. Um desamparo mortal!

As noites e os dias, sucessivos e entupidos uns pelos outros mortificavam-na extraordinariamente. Nunca sabia o que havia de fazer deles. E o amante não lhes modificava o curso! Helena compreendia bem o seu desinteresse. Servia-se brutalmente dela como um estranho, sem espécie de graça. As vezes tinha garotices que ela intimamente desprezava. Aquê-lo sequestrou voluntário a que se tinha dado por sua causa deixava-o insensível, não lhe passava sequer pela cabeça a idéia de o amenizar. Quando Helena, incapaz de se conter, chorava ou lhe aparecia de olhos inchados, ele impacientava-se. Dizia-lhe que se estava a fazer velha, ou que tinha remorsos de lhe ter perturbado a existência.

«Uma existência condenada a ser sempre gris!» exclamava, definindo-a literariamente. «Gris mas tranquila, não é verdade? Para que se tinha ido ele atravessar nela?»

Helena olhava-o de maneira que ele dizia então risonho: «até me parece um juiz!».

Helena acabava por sorrir, bem como de outros ditos seus: que a queria de-
(Cont. na pág. 55)

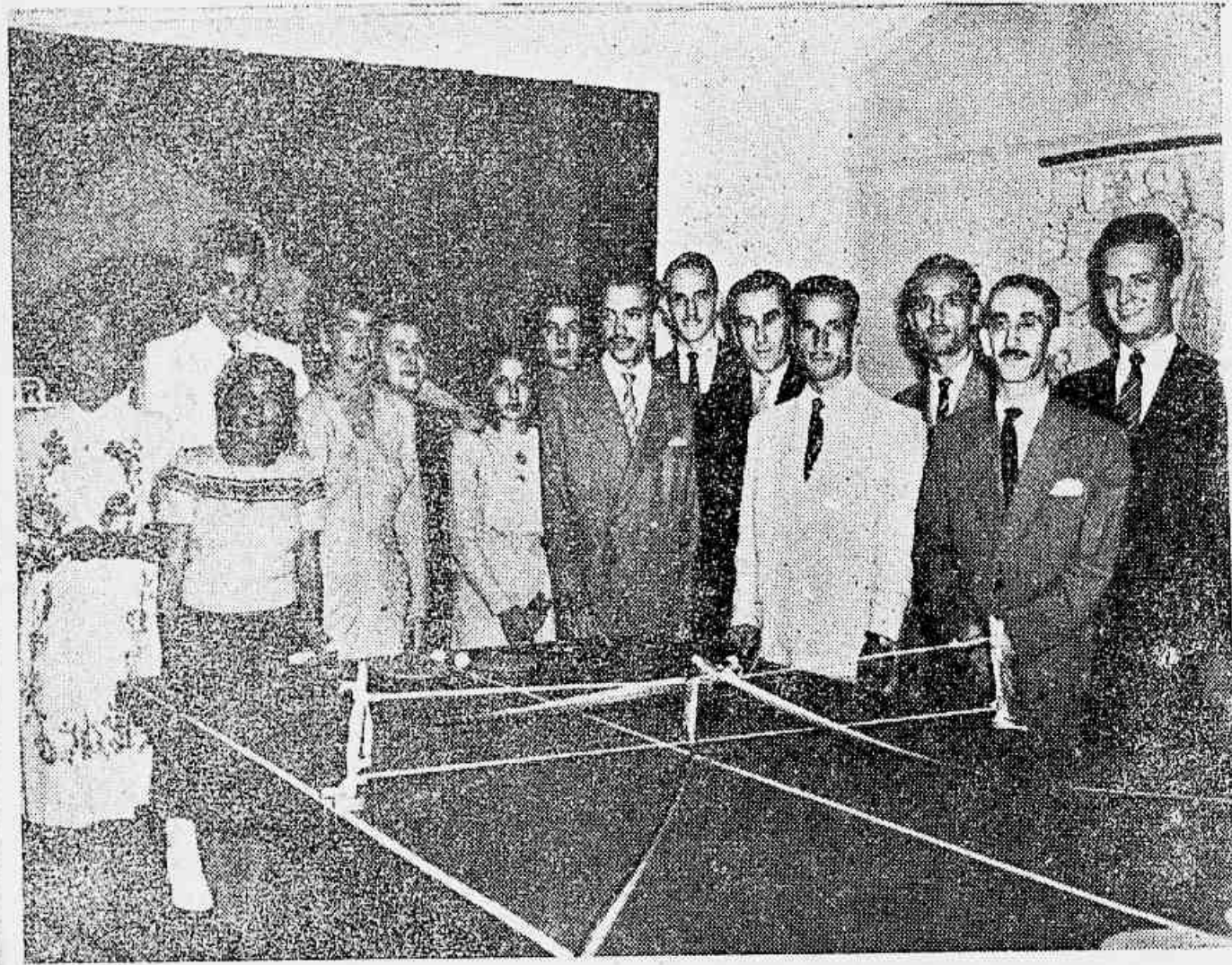


EM FESTA O CURSO RIVER

COLAÇÃO DE GRAU DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO COMERCIAL EM 1 ANO — A FESTIVA INAUGURAÇÃO DO GRÊMIO CULTURAL E RECREATIVO RIVERENSE

IVERAM lugar no dia 10 do corrente, na sede do conhecido CURSO RIVER, à Avenida Rio Branco, 114, 14.º andar, as solenidades de entrega de certificado aos alunos que concluíram o Curso Comercial em 1 ano, solenidade que teve grande brilhantismo, transcorrendo num ambiente festivo de espiritualidade. Paralelamente a turma recém-formada, o CURSO RIVER deu ao nosso comércio um punhado de elementos aptos a prestarem uma colaboração mais eficiente e útil às organizações onde irão exercer as suas atividades, em 10, ao mesmo tempo, dando início às novas turmas para o corrente ano.

Apresentando a oportunidade tão grata para o CURSO RIVER, inaugurou-se o GRÊMIO CULTURAL E RECREATIVO RIVERENSE, agremiação recentemente criada e que reúne, em seu seio, um grande número de alunos daquele utilíssimo estabelecimento educacional da cidade, o CURSO RIVER, que de modo tão eficiente vem colaborando, entre nós, pela difusão do ensino comercial e técnico. Nas fotos que estampamos aparecem, respectivamente, da direita para a esquerda, as senhorinhas Yone Monteiro Bastos, Sylvia Lemos Werneck e Alcina Alves Correa, três inteligentes alunas do Curso River e que também terminaram, com brilhantismo, o curso comercial; grupo de alunos da turma que acaba de formar juntamente com alguns professores e a diretora do curso D. Elsie Ribeiro e finalmente a senhorinha Maria da Penha Jesus, classificada em primeiro lugar, recebendo das mãos da Diretora seu diploma e dois prêmios a que fez jus. Em baixo, à esquerda, vê-se expressivo detalhe da inauguração da mesa de pingue-pongue do Grêmio Cultural e Recreativo Riverense, tendo nessa ocasião, usado a palavra em expressiva allocução, a presidente do grêmio, senhorinha Yone Monteiro Bastos e o sr. José Machado, vice-presidente. Aparecem ainda no grupo inúmeros alunos e professores. O novel "Grêmio", que também possui excelente biblioteca, reúne-se todos os sábados, confraternizando nessas reuniões, alunos entre si, professores e diretores.



RECEPÇÃO A BORDO DO TRANSATLÂNTICO "URUGUAY"



Pelo sr. Albert V. Moore, Presidente da Moore McCormack Lines, foi oferecida recentemente uma recepção a bordo do luxuoso e moderno transatlântico "Uruguay", da frota da Boa-Vizinhança. Desta solenidade são os aspectos que estampamos acima, nos quais destacamos as seguintes figuras de maior relevo: à direita, o sr. Emmet J. McCormack, Vice-Presidente da Moore-McCormack, palestrando com a sra. Florence Moore, vendo-se ao fundo, o dr. Antonio Leite Garcia. À esquerda: os srs. Clark Burton, Albert V. Moore e Frederic Speer Crocker e senhorita Charity Crocker.



NUPCIAS

ENLACE CASTELO BRANCO-ERICKSEN



Constituiu acontecimento de grande relêvo na sociedade carioca o enlace matrimonial, realizado nesta capital, nos primeiros dias do corrente mês, da Senhorita Wanda Castelo Branco com o Capitão Valniki Ericksen, descendentes de destacadas famílias brasileiras. O ato religioso, na Igreja do Outeiro da Glória, foi uma cerimônia muito concorrida e realmente de grande beleza.

ENLACE LOGHARDEY-OLIVERAS PRAT



Realizou-se em 17 de Abril na Igreja Sta. Teresinha (Túnel Novo), o enlace matrimonial da S^{ta} Nelly Loghardey com o Sr. Petronio Oliveras. Foram padrinhos do noivo o Dr. Napoleão Costa Torres e senhora e por parte da noiva o Sr. Gustavo Perret e senhora. A foto mostra os jovens nubentes durante a solenidade.

MESQUITINHA SE DESPEDE DO RIO

(Cont. da pág. 41)

crua, o salvará. A luta entre a verdade e a mentira, a sinceridade e o embuste, fornece à comédia passagens hilariantes e divertidas. No fim do corrente mês, Mesquitinha e seus artistas deixarão o Rival, que será ocupado por Alda Garrido, — e, assim, "O Biriba", de Armando Gonzaga, se não for a última, será a penúltima das comédias apresentadas pelo popular ator cômico naquela casa de espetáculos.

O AMANTE

(Cont. da pág. 54)

car estragada para que ninguém mais lhe tocasse... ou então que se casasse, para ter muitos filhos, que para isso estava talhada...

De que lhe valia a ela revoltar-se? O seu mal e o seu desencanto eram tais que a ação dos outros os não podiam já modificar. Davam-lhe quando muito uma ligeira crispção, um arrepio como o vento faz às águas.

A onze anos de distância Helena descobria tudo isto com uma admirável serenidade, muito melhor que então. E pensava: os homens são cruéis. Aquêles seria como os outros; o que o distinguia no entanto era uma espécie de fatuidade, uma suficiência que pareciam de herança ou de família, particularidades de meio!

Mas os homens gastam e fatigam inutilmente as mulheres.

E quando o amante se punha de cabeça baixa e de olhos meio fechados a culpar-se dos seus abomináveis sadismos: da sua grande ternura deformada? Dava-se o direito de ser sádico, como outros daria o direito de serem bêbedos ou peraltas.

Aquela vida assim não podia durar muito! Ele até já começava a achar que a casa dela ficava muito longe... E o mundo não continuava cheio de novidades? de mulheres engraçadas, de clubes ideológicos, de amigos políticos? Para que havia ele de fugir às suas solicitações?

As visitas contrafeitas, fatigantes, que por fim fazia a Helena, em que entrava a insegurança e até o disfarce, não o compensavam de modo nenhum. Mas para ela, uma pobre rapariga, ainda fôra uma bizzarria do destino ter tido um amante como ele... Não era verdade?

Helena pensava o mesmo, mas com as suas variantes: tinha tido um amante... era uma pessoa de quem não podia esperar nada; ficara decepcionada, pisada e mais não, não se indignava porém. Não tinha forças para se fazer valer nem para o prender bem o sabia!

As suas férias estavam a expirar, depois voltaria ao seu fadário: biblioteca, casa... casa, biblioteca... Sentia-se fraca ante a mínima expectativa. Esperavam-na os verbetes e um sótão de livros!

Mas as cornetas dos quartéis próximos, renitentes de manhã e à boca da noite irritavam-na. Saía e entrava e nunca se via livre da sua prisão! No prédio, a certas horas da noite todas as respirações se correspondiam. Por isso nunca ela tinha consentido que o amante lá dormisse. Tinha medo de que o descobrissem. Nas noites de calor ia para a janela, chorava, assoava-se... sabendo sempre que os vizinhos de baixo ou de cima a ouviriam. Esta promiscuidade de sons, que o sossego da noite dilatava, tornava-a ainda mais solitária. Fincava então os cotovelos no parapeito e olhava para longe como se se quisesse atirar ao mar.

Houve não sei quem que lhe falou então de certos contratos para fora, e He-

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de molestias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pílulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastrintestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pílulas Aloicas não são acompanhadas de dores ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pílulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Laria: Cx. Postal 2453 — São Paulo



lena habilitou-se a um. O amante não lhe fez a mínima oposição. E ela abandonou Lisboa a meio de outubro, quase descansada. Fazia um tempo lindo, tão luminoso que Helena sentia assomos de uma grande ternura desprendida, sem causa nem objeto.

Hoje, lembrando-se de tudo isto, que lhe parecia pueril, Helena não se considerava uma mulher afortunada. Nem que as suas experiências, as tais experiências que se provocam ou se aceitam, tivessem jamais tido o valor de um caracol! Mas cria numa espécie de fatalidade, no bem ou no mal que a cada um sempre vem. Estava-lhe a vida a passar, a sentia-o, e achava-se muito pobre, pobre de tudo. A lembrança daquele verão aborrecia-a e humilhava-a. No entanto tudo lhe parecia ter sido sempre mais ou menos assim: primeiro desejado e depois aborrecido. Da parte dela é verdade que desejado sempre sem cálculo! E talvez por isso mesmo as raízes da sua ardente sensibilidade se não firmassem nunca, tentassem terrenos estéréis, do acaso...

Helena não queria sentir dó de si mesma, mas sentia-o. Dó e até falta de apêto. A manhã estava fresca, de verão também. As árvores do bairro em que ela agora morava e que via da parte de cima mexiam freneticamente as folhagens. Soprava um vento às arremondiadas. Vê-las distraíam, e os pássaros plácidos não incomodavam. Tudo parecia como consoladoras! Helena achou que a cidade ainda era romântica.

A MULHER DE MIKE

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVIS-
TA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao
King Features Syndicate.

História de
BENEDICT e NANCY FREEDMAN
Desenhos de **JOHN CROSMAN**



— As outras estrelas giram em torno dela.

Houve muitos dias e noites de felicidade na vastidão do Noroeste. Numa clara noite recebi a primeira lição de astronomia, quando Mike me ensinou a localizar a estrela Polar. — Ela nunca sai dali, — explicou-me, — mas todas as outras estrelas giram em torno dela. — A noite estava demasiado linda para assuntos científicos, de modo que Mike me contou a lenda indiana da mulher Ayoo, que tinha a astúcia de três raposas. Ayoo chamou o gigante Onowate para cravar um ramo de árvore na cortina celeste, para que ela pudesse caçar nas planícies superiores. Nossas cabeças estavam unidas e eu achei que o momento era propício para a notícia. — Mike, vamos ter um bebê. — Ele saltou, e quando consegui convencê-lo da verdade, ele ri. — Você, também,



— Kathy, corra para o rio.

tem a astúcia de três raposas... — E foi muitos meses depois, quando eu tratava do jardim, que notei uma névoa que alaranjava o sol. Aspirei fundo. Fumaça, não podia deixar de ser. Havia fogo na floresta. Corri ao escritório, para avisar a Mike. Enquanto eu corria, passou por mim um lince. Depois um texugo. Em seguida três coelhos cinzentos. Então tive a certeza de que havia fogo atrás de nós e logo vi o vermelho da túnica de Mike. Detive-me com o braço. — Corra para o rio, Kathy. Aconteça o que acontecer, não saia de lá. Depressa!

— Tenha cuidado, Mike... e que Deus o ajude! — gaguejei. E Mike sumiu, para auxiliar os outros. Correndo, eu pedia a Deus que o protegesse. Pela primeira vez eu via como o amava... Mulheres e crianças en-



Apertei mais a criancinha...

chiam o rio. E logo o vento forte esparzia cinzas sobre nós. Tomei a terceira criança de uma índia, que já tinha uma em cada braço. Procuramos o ponto mais profundo. E as chamas começaram a sobrevoar as águas, como enormes línguas. O ar quente tostava nossos rostos. A água estava dourada; reflexos alaranjados e vermelhos. Cor! O mundo se torcia em cores incendiárias! Gente e bichos gemiam com a floresta, com as árvores que se enrugavam e tombavam com os seus habitantes. Apertei mais a criança e procurei calcular o tempo que já durava a coisa. Lá em cima, onde o rio era mais estreito, vi o fogo saltar a correnteza... uma ponte de chamas. As labaredas estavam cada vez mais perto e o calor começava a estalar a pele do meu rosto. Não podia mais aguentar aquilo. Mike! pensei...



Era tudo devastação...

Depois de passarmos algum tempo em Grouard, Mike achou melhor que eu arranjassemos uma menina na Missão para me ajudar. Na Missão, fui recebida por uma irmã de pele vermelha, muito alegre, que me mostrou as dependências. Numa sala grande havia meninas de todos os tamanhos e idades, muito atarefadas. Umaz coziam, outras bordavam, outras ainda varriam e lavavam. Havia também um quadro negro, ocupado por uma professora. A irmã mostrou-me alguns trabalhos das meninas, detalhando as habilidades de cada uma. E assim passamos de uma sala para a outra. Sempre mais meninas, todas de confiança, boas domésticas. Afinal a irmã abriu uma porta no fundo do prédio. Gemidos e soluços vinham da escuridão da sala. Recuei, nervosa. — É a sala do castigo, — explicou a irmã. A sala era pe-



— Sargento Mike salva meu povo.

quena e num banco estavam sentadas duas garotinhas, chorando, e uma meninota de uns 15 anos, olhando pensativa para nós. Naquele momento exato a irmã foi chamada. Instantaneamente as duas meninas pararam de chorar e disseram a maior: — vamos, Mamanowatum! Que fez então "Pá Linceiro"? — A meninota olhou para mim e sorriu. — Foi sozinho para a floresta. E atrás dele corria o lobo negro... — A irmã voltou e as crianças recomparam a chorar. A mais velha olhou para o chão. A irmã me explicou que as menores estavam de castigo por terem brigado. E olhou para Mamanowatum. — E ela tem agido de modo muito tolo. — E de repente eu disse: — Contaria de lá para cá... — o que provocou uma conferência com a Madre Superiora.



A canoa deslizava para uma vida nova...

Ela explicou que Mamanowatum... que quer dizer "Seja Alegre"... andara muito empenhada num namoro com o simpático jovem Jonathan Porquet. Receava-se que ele a fosse tratar à moda típica indiana... uma vida trágica para uma moça treina na Missão. E terminou: — É a jovem e voluntariosa. — Eu vi logo que estava arranjando encrenca. Mas me lembrei do sorriso da meninota. — Meu marido, o sargento Mike, euifará desse Jonathan, — expliquei. — E eu cuidarei da menina. Daremos conta do recado. — A Madre Superiora se ergueu. — Muito bem, sra. Flannigan. Espero que ambas se am felizes com essa combinação. — A outra irmã disse que trataria de aprontar Mamanowatum. Fiquei sozinha, sem outra coisa a fazer senão pensar no que tinha feito...



— A senhora tem uma linda menina.

Cobri nariz e boca do pequerrucho com a mão, enquanto o fogo se inclinava sobre o rio, e mergulhei com ele. Senti então a friagem, maravilhada. A criança se debatia; eu a dominava. Subia e tornava a mergulhar. Não sei exatamente quando o ar se tornou suportável. Mas o fato é que ele se tornou e Mike apareceu. Não me lembro de nada até o dia seguinte, quando acordei sobre cobertores, ao ar livre, e Mike estava lá. — Agora você está melhor, Kathy, — ele murmurou. Saímos depois para uma inspeção. Era tudo devastação... chaminés marcando o local de antigas cabanas, ruínas fumegantes. A expressão de Mike era de fracasso. — A culpa não foi sua, — disse eu, procurando animá-lo. — Não sei. É meu dever proteger o pessoal contra a região. — Ele já me dissera uma vez que era um policial, mas en-



Olhei para o maravilhoso jardim...

carregado de combater a Natureza antes de os homens. Nossa casa e o escritório de Mike tinham sumido. E o dia inteiro se cavou sepulturas. Trabalhei com as mulheres. Fizemos e pintamos trinta e sete cruzes de madeira... mas podia ter sido muito pior. O cacique Mustagan, à moda dos brancos, apertou a mão de Mike, dizendo: — O sargento... ele salva o povo de Mustagan. — Só disse isso, mas foi o bastante...

Logo depois começamos a construir nossa nova casa, em outro local. Mike já plantara os alicerces quando chegaram as ordens do governo. — Fomos transferidos para Grouard, — disse-me Mike. — Bem, pelo menos não precisamos preocupar-nos com bagagem. — E era a pura verdade. Tínhamos apenas as roupas do corpo. O incêndio nos deixara limpos. Antes de partirmos, porém,



— Fale-me das cidades...

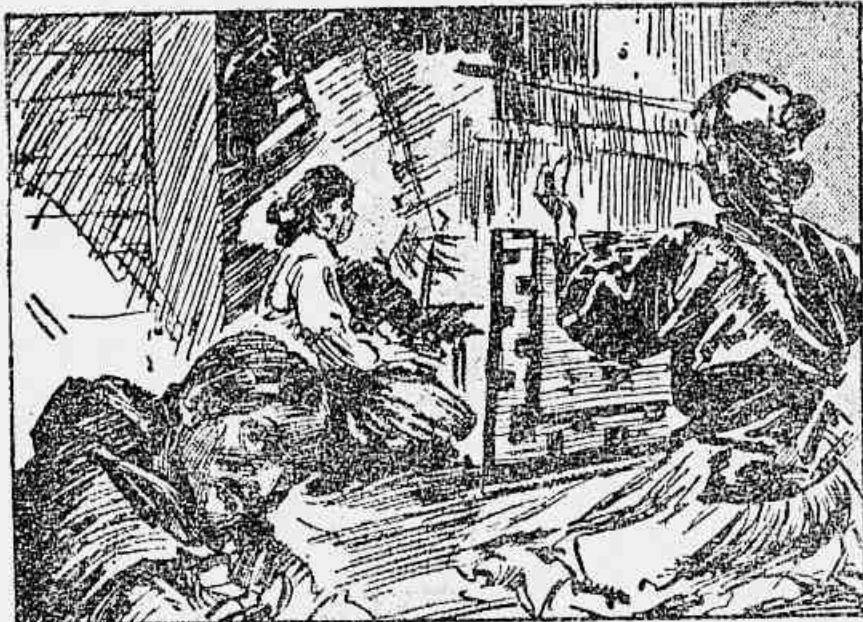
os índios vieram um a um, deixando presentes... comida, uma canoa, armas, e para mim uma vestimenta de couro branco. Todos compareceram à beira do rio, para ver-nos partir e dar adeus.

A jornada para Grouard levaria semanas. Mike prometeu-me que chegaríamos antes do nascimento do bebê. Então me recostei na canoa e deixei a mão dentro da água. A correnteza levava-nos suavemente e eu fiquei de olho na mata, esperando ver algum urso. Eu adorava ver os ursos... de longe. No dia anterior eu quase me sentara em cima de um, preto. Mike dissera-me que os ursos negros eram amigos e que eu só devia temer os outros, os cinzentos. Joguei água no rosto dele. Ele sorriu e deu-me um banho com a pá do remo. A canoa continuava a deslizar para o novo lar, para uma vida nova...

A MULHER DE MIKE

Este folhetim continuará no próximo número, nestas mesmas páginas

Tradução de JORGE A. FORTES, especialmente para REVISTA DA SEMANA



Meninas de todos os tamanhos...

Mike se enganara quanto à chegada a Grouard. Tive de ir para a cama mal havíamos chegado à embocadura do rio da Paz. Mas Sarah Carpentier, uma creche de puro sangue e muito boa parteira, veio de Grouard para ajudar-me... — A senhora tem uma linda menina, — disse ela depois, depondo uma coisinha alva em meus braços. A coisinha estremeceu. E isso deu-me uma alegria até então desconhecida. Demos-lhe o nome de Mary Aroon, por causa de minha avó, Bridget Aroon... Quando pude viajar, fomos para Grouard, nosso novo lar. Os vizinhos eram muito boa gente... os Carpentier e os Beaulaire. E da porta dos fundos deparei com um maravilhoso jardim, com montes de cores, suaves e brilhantes. Não consegui reconhecer nenhuma das flores. Quem, imaginei, teria plantado aquilo? Constance Beau-



"Seja-Alegre" sorriu para mim.

claire era delicada e bela, com uma voz suavíssima. — Catherine Marv, — disse-me. — Pena que eu não a tenha conhecido há dez, vinte anos. Queira Deus que, nunca saiba o que é ser a única mulher branca. E preciso me contar sobre as cidades que há tanto não vejo. — Naquele dia, como num sonho, eu contei coisas; e quando elas saíram voltei a olhar o meu jardim encantado. — E' lindo, — disse a Mike. — Nunca parei de agradecer à pessoa que o plantou. Quem foi? — Mike parecia contrariado. — Foi a sra. Marlin. Ela não... não está passando bem. Não se preocupe... — mas eu já adormecera em seus braços. Fora uma noite de magia, aquela, mas a manhã seguinte me trouxe de volta à terra. A menina me despertou gritando; o cachorrinho entrara num saco de farinha e um filhote de urso carre-



— Tomarei conta dela, — prometi.

para o balde de leite que eu deixara pendurado na janela. Sai para o jardim e todas as flores estavam mortas... todas caídas, murchas, no solo. Corri para Mike. Minhas flores! — soluzei. — Eu sei, Kathy. — E ele apanhou algumas do chão, que saíram com toda a facilidade, sem raízes... apenas caules fincados na terra. — A sra. Marlin não regula bem da cabeça. Pensou que essas flores silvestres seriam uma boa recepção. Colheu-as e fincou-as na terra, para lhe fazer um jardim. — Apertei a mão dele. O encantamento ainda não findara. Aquela gente fizera tanto por mim. Beijei Mike com ardor e entrei em busca da menina. Dei um pedaço de peixe ao cachorrinho. Quanto ao urso, já que gostara do meu baldinho de leite, que ficasse com ele!



— Presente de Jonathan.

Eu já estava pronta a me convencer de que tudo saíra às maravilhas, quanto a "Seja-Alegre", quando aconteceu. Todos gostavam muito dela... Foi então que numa bela manhã, em nossa escadinha da frente, achei uma pilha das mais lindas peles que já vira. Castor, lontra, linco, marta, todas arrumadinhas. "Seja-Alegre" saiu e recolheu as peles. — Que é isso? — perguntei, se- era. — Presente de Jonathan, — disse ela, e de tal maneira que cheguei a achar o nome bonito. E ela continuou: — Logo que olhei para ele a primeira vez, vi que meu lar é onde é o dele. Ele me fala nos espíritos da floresta e na montanha ele dança para mim a dança da boa safra. — Esse Jonathan, que contava tais histórias, que dançava em topos de montanha, não era com



— Jonathan quer me matar.

certeza o jovem conquistador que eu imaginara. Mas "Seja-Alegre" era ainda uma criança e eu quis que ela promettesse devolver as peles e nunca mais ver o rapaz. Acabamos chorando, as duas, sem que ela concordasse comigo... Resolvi então procurar Mike na mesma hora. No escritório estava um falatório medonho; por isso fiquei esperando, fora. Um rapaz robusto, com um lenço amarelo atado na cabeça, gritava para Mike: — Ele tenta matar-me toda a noite. — E Mike perguntou. — E você não sabe por que Jonathan quer matá-lo? — Quase cai. E o "lenço amarelo" — respondeu: — Não! Ele anda dizendo que eu roubo as suas armadilhas. E toda a noite me alveja com as flechas. Cada vez mais perto. — Quando o homem saiu Mike me disse que o



Olhouu luongamente para "Seja-Alegre"...

nome dele era Cardinal e que tinha péssima reputação. Mas precisava chamar Jonathan imediatamente para saber a história das flechas antes que houvesse mortes... Tanto "Seja-Alegre" como eu ficamos chorando enquanto Mike procurava Jonathan. Na noite seguinte ele o trouxe diretamente para casa. O rapaz era simpático e forte; não deu uma palavra a "Seja-Alegre", apenas olhou-a longamente... Jonathan juntou conosco e logo ficamos amigos. Ele olhava com prazer para "Seja-Alegre". — Ela é muito nova, — disse eu num murmúrio. — E você vai deixá-la comigo ainda por algum tempo. — A resposta dele foi lenta: — Está bem. — Pouco depois bateram na porta. Mike abriu-a e entrou Cardinal. Viu Jonathan e fez uma carranca. — Hum, é bom mesmo prender esse assassino!



Alan achava a roupa horrível...

Jonathan encarou Cardinal com indiferença, mas Mike ficou furioso. — Creio que lhe disse para se afastar daqui. — Cardinal explodiu: — Ele quer me matar. — E Jonathan deu a sua opinião: — Na próxima vez não errarei.

Na manhã seguinte soubemos que Cardinal saíra de Grouard que fora a lançar as suas armadilhas mais para o norte. Mike tinha certeza de que a queixa de Jonathan era justa... Aquêle inverno foi longo e tranquilo. As mulheres ficavam em casa; e os homens longe, caçando. Em casa eu tinha uma nova amiga... minha filha, Mary Aroon. Agora com cinco meses ela já dominava a casa, e eu esperava outra criança para julho. Mas, uma vez ou outra algum acontecimento inespera-



Mary Aroon adorava o banho...

do quebrava a monotonia. Como quando os pobres irmãos McTavish, James e Allan, souberam que James era conde e par da Escócia. Ninguém quis acreditar. Mas Mike examinou os documentos e afirmou que era verdade. — Foi preciso morrer muita gente, — disse ele. — Mas é a pura verdade. — James McTavish mostrou-me o saio velho e desbotado, sua única posse para a cerimônia. Não tinha dinheiro para fazer melhor. O irmão estava furioso com a falta de linha do outro, e o resultado foi que eu acabei fazendo um traje novo para James assumir o seu título de conde. Havia também instantes de felicidade. Como quando Mary Aroon ficava na tina, batendo as mãozinhas miúdas. Ela adorava o banho e nunca o tomava sem platêis. Mas um dia quan-



— Cardinal está roubando nossas armadilhas.

do ela tomava banho, chegou um índio desconhecido dizendo que precisava falar imediatamente com o sargento Mike. Levei-o para o local em que Mike estava vacinando os índios. Era de uma tribo que vivia muito ao norte dali. — Cardinal anda roubando nossas armadilhas, — disse ele a Mike. Preparei logo a mochilha de Mike. — Estarei de volta com Cardinal dentro de dois meses, — disse-me ele. Chorei um pouquinho na cozinha. Ele não se incomodava de estar ausente no meu segundo parto... Mike adivinhou meus pensamentos, pois entrou e me beijou. — Estarei com você, não tenha medo. Prometo. Mas não venha cá fora. — Beijou-me de novo, a porta bateu e fiquei sozinha...



SUM-SE ATÉ AO EXAGERO DE QUERER QUE O TAPETE E AS DECORAÇÕES DA SUA CASA SE HARMONIZEM ATÉ COM O TOM DO SEU VESTIDO, E — TODAVIA — NECESSÁRIO TER EM CONSIDERAÇÃO QUE, PRINCIPALMENTE A ESCOLHA DOS TAPETES DEVE OBEDECER A CERTOS REQUISITOS DE CÔR, ESTILO E BOM-GOSTO, PARA O QUE É DE GRANDE VALOR O CONSELHO DE UM BOM DECORADOR.

TRADICIONAL QUINZENA DOS TAPETES

NACIONAIS,
FRANCESES,
INGLESES,
AMERICANOS
PORTUGUESES,
INDIANOS,
PERSAS (LEGÍTIMOS), ETC.

Tapetes e passadeiras de forração
A preços que convêm



fundada em 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 - Rio

Orçamentos e sugestões por técnicos especializados em decorações

Epoca

CIGARROS

Continental



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz